



UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE MOTRICIDADE

HUMANA



Relatório Detalhado Sobre a Atividade Profissional dos Últimos Cinco Anos (2012/2013 a 2016/2017)

**Relatório elaborado com vista à obtenção do Grau de Mestre em
Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

Orientador: Professor Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

Júri:

Presidente

Professor Doutor António José Mendes Rodrigues

Vogais

Professor Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre

Professora Doutora Ana Luísa Dias Quitério

Rui Miguel Cunha da Luz

2019

Agradecimentos

Ao professor orientador, Marcos Onofre, que se mostrou sempre disponível para ajudar na concretização deste meu objetivo pessoal,

Aos meus colegas e amigos, cujas vivências pessoais e profissionais se cruzaram com as minhas,

A todos os meus alunos, os verdadeiros potenciadores da melhoria da atividade profissional,

À minha família, que me tem apoiado em todas as minhas etapas a nível pessoal e profissional pelas quais passei,

A todos, o meu obrigado.

Rui Luz

Resumo

O Relatório final detalhado da prática profissional enquadra-se no âmbito do Mestrado em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, no qual é feita uma descrição, análise e reflexão do trabalho desenvolvido nos últimos cinco anos letivos da prática docente.

Este relatório refere-se à experiência profissional desenvolvida entre os anos letivos 2012/2013 e 2016/2017, nos seguintes agrupamentos da escola pública: Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho, Agrupamento de Escolas de Santo André e Agrupamento de Escolas da Moita.

Inicialmente, é realizada uma apresentação pessoal, seguida de uma contextualização dos agrupamentos onde foram exercidas funções.

De seguida, e de acordo com o regime de avaliação de desempenho docente, é abordada a prática profissional com base nas seguintes dimensões:

- Científica e Pedagógica.
- Participação na Escola e Relação com a Comunidade.
- Formação Contínua e desenvolvimento profissional.

Ao longo do relatório são dadas a conhecer as práticas exercidas, reflexões acerca das mesmas e projeções do futuro. Evidenciam-se os aspetos positivos e aqueles que poderão ser alvo de melhoria.

Concluído o presente relatório, mantemos a convicção de que a Educação Física é peça fundamental para o desenvolvimento integral do aluno (aptidões, atitudes e valores), no sentido de formar cidadãos ativos.

Palavras-chave: Educação Física, Ensino-Aprendizagem, Diretor de Turma, Desporto Escolar, Desenvolvimento Profissional.

Abstract

This report is presented in partial fulfilment of the Master Degree in Physical Education on Elementary and Secondary education. It provides a description, analysis and reflection on the teaching practice developed over the past five years.

In terms of time-frame, it encompasses the academic years between 2012 and 2017, and work developed in the following public schools: Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho, Agrupamento de Escolas de Santo André e Agrupamento de Escolas da Moita.

Initially, a personal presentation is offered, followed by a characterization of the contexts of the schools where the activities were undertaken.

Subsequently, and following the teacher performance evaluation scheme, the report is structured around the following professional dimensions:

- Scientific and pedagogical practice.
- Leadership roles within the school and engagement with the community.
- Continuing education and professional development.

The report provides an overview of the tasks performed, on activities and projections of the future, highlighting positive aspects and identifying dimensions that may need improvement.

Based on the reflection provided, the report concludes that Physical Education is a fundamental component of students' comprehensive development (skills, attitudes and values), and an active contributor to educating active citizens.

Keywords: Physical Education, Teaching-Learning, Class Director, Scholar Sport, Professional Development.

Índice Geral

1. Introdução.....	1
2. Apresentação pessoal.....	2
3. Contextualização geográfica dos Agrupamentos de Escolas.....	8
3.1. Escolas do Município do Barreiro.....	8
3.1.1. Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho.....	10
3.1.1.1. Projeto Educativo do Agrupamento.....	11
3.1.1.2. EB 2,3 Álvaro Velho.....	12
3.1.2. Agrupamento de Escolas de Santo André.....	13
3.1.2.1. Projeto Educativo do Agrupamento.....	14
3.1.2.2. EB 2,3 da Quinta da Lomba.....	15
3.2. Escolas do Município da Moita.....	17
3.2.1. Agrupamento de Escolas da Moita.....	17
3.2.1.1. Projeto Educativo do Agrupamento.....	18
3.2.1.2. Escola Secundária da Moita.....	19
4. Dimensão Científica e Pedagógica.....	20
4.1. Planeamento de Atividades.....	22
4.2. Realização de Atividades.....	28
4.3. Relação Pedagógica com os alunos.....	38
4.4. Avaliação.....	43
4.5. Atividades de Extensão Curricular – Desporto Escolar.....	46

5. Participação na Escola e Relação com a Comunidade	50
5.1. Diretor de Turma.....	50
5.2. Professor Tutor.....	55
5.3. Relação com a Comunidade.....	57
6. Formação Profissional ao longo da vida.....	61
7. Considerações finais.....	64
8. Referências bibliográficas.....	70

Índice de Figuras

Figura 1 – Biograma pessoal.....	6
Figura 2 – Práticas pedagógicas.....	37
Figura 3 – Testemunho de aluno A.....	41
Figura 4 – Testemunho de aluno B.....	41
Figura 5 – Testemunho de aluno C.....	42
Figura 6 – Testemunho de aluno D.....	42
Figura 7 – Testemunho de aluno E.....	42

Índice de Anexos

Anexo I: Grelha de avaliação inicial.....	77
Anexo II: Estrutura de planeamento anual.....	78
Anexo III: Operacionalização do Planeamento Anual.....	79
Anexo IV: Plano de Aula.....	80
Anexo V: Mapa de rotação de espaços.....	84
Anexo VI: Ação de Formação Plataforma Fitescola.....	85
Anexo VII: Ficha Biográfica do aluno.....	86
Anexo VIII: Torneio Escolar de Basquetebol.....	87
Anexo IX: Atividades dinamizadas.....	88
Anexo X: Indicadores de sucesso para observação em jogo.....	89
Anexo XI: Critérios de Avaliação.....	90
Anexo XII: Grelha de Avaliação de Andebol.....	97
Anexo XIII: Grelhas de avaliação.....	98
Anexo XIV: Ficha de auto-avaliação do aluno.....	99
Anexo XV: Avaliação de desempenho docente AE Álvaro Velho.....	100
Anexo XVI: Avaliação de desempenho docente AE Santo André.....	102
Anexo XVII: Avaliação de desempenho docente AE Moita.....	104
Anexo XVIII: Torneio escolar de Badminton.....	106
Anexo XVIII: Diversidade etária no Desporto Escolar de Badminton.....	107
Anexo XIX: Ficha de trabalho sobre o filme “A Turma”.....	108
Anexo XX: Ação de formação Tutorias Autorregulatórias.....	109

1. Introdução

O presente relatório enquadra-se no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário, realizado na Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade de Lisboa, e nele se inclui uma descrição e reflexão sobre a prática profissional docente do autor, referente aos anos letivos 2012/2013, 2013/2014, 2014/2015, 2015/2016 e 2016/2017, nos Agrupamentos de Escolas de Álvaro Velho, Santo André e Moita.

Na organização do presente relatório é realizada, em primeiro lugar, uma apresentação pessoal, seguida de uma contextualização da atividade profissional. Caracterizam-se as escolas/ agrupamentos onde foi exercida a docência, seguindo-se uma análise reflexiva da prática profissional desenvolvida, de acordo com as seguintes dimensões:

- Científica e pedagógica (planeamento, organização e desenvolvimento de atividades, relação pedagógica com os alunos e avaliação).
- Participação na escola e relação com a comunidade (compromisso com os pares, escola e comunidade, nos cargos de diretor de turma e professor tutor).
- Formação contínua e desenvolvimento profissional (formação realizada, contribuindo para a melhoria da ação educativa e da construção do conhecimento profissional).

Estas dimensões da atividade profissional estão consagradas no artigo 4º do Decreto Regulamentar nº 26/2012, de 21 de fevereiro, que regulamenta o regime de avaliação de desempenho docente.

Ao longo de todo o relatório pretendemos dar a conhecer as práticas pedagógicas, as reflexões acerca das mesmas e projeções do futuro, recorrendo a revisão bibliográfica.

2. Apresentação Pessoal

Como forma de apresentação pessoal, consideramos pertinente recorrer à adaptação da técnica do biograma, permitindo uma visualização célere e simplificada da trajetória pessoal e eventos mais significativos ao longo da vida.

Segundo Tinoco e Pinto (2001, 2003) o biograma corresponde a uma via de acesso privilegiada para a explicação de determinadas escolhas e comportamentos do sujeito. De acordo com os mesmos autores, é organizado em várias áreas, ao longo da idade cronológica, que podem englobar a história familiar, percurso escolar, entre outras consideradas relevantes.

Para Carvalho (1996), o processo de socialização dos professores ocorre ao longo da vida, desde o período de escolarização, passando pela formação inicial, período de indução e na restante carreira.

Segundo o mesmo autor:

Decorre em contextos sociais estruturados, sendo de destacar a este nível a quádrupla vivência da estrutura escolar – como aluno, como aluno-professor, como membro de um grupo ocupacional e como professor de uma organização, sem esquecer as restantes agências de socialização como a família, os meios de comunicação de massa, os clubes.

(Carvalho, 1996:28)

Admite ruturas ao longo do processo (por exemplo, o primeiro ano de ensino, uma mudança de escola, ou de nível de ensino), considerando momentos de reformulação de ideias antigas, surgindo novas formas de agir (Carvalho, 1996).

Atendendo a que a família constitui um contexto privilegiado para o desenvolvimento integral do ser humano, situa-se como pedra angular das oportunidades e opções futuras em termos relacionais, escolares, académicos e profissionais (Carvalho, 1996).

Em termos pessoais, enquanto criança, os pais e avós proporcionaram-nos várias experiências a nível das expressões (futebol, ginástica infantil, natação, órgão, viola, teatro, entre outras), que contribuíram para a aquisição do gosto pelas atividades desportivas.

Consideramos também significativo o facto de a mãe ter exercido um cargo de direção numa escola secundária, na qual passámos, desde muito jovens, bastantes horas em contacto com professores e suas dinâmicas. Nas pausas letivas observávamos sempre os “treinos dos mais velhos” (que jogavam no pavilhão desportivo).

No final do terceiro ciclo do ensino básico parecia clara a ideia do que pretendíamos para o futuro: em primeiro plano algo ligado à Educação Física e ao seu ensino-treino desportivo e, em segundo plano, um curso ligado à Biologia. Foi feita a opção pelo Curso Científico Natural, pois poderia ter saída para as duas áreas, sabendo que para poder ingressar na área do desporto teria de fazer pré-requisitos.

Também uma situação determinante, no décimo ano de escolaridade, ocorreu na sequência do apoio e total disponibilidade por parte de um determinado professor de Educação Física face à explicação da possível candidatura nesta área com o requisito supra enunciado. O docente disponibilizou-se de imediato fora do horário das aulas para nos ajudar a treinar, enquanto alunos, para as provas enunciadas no regulamento. Após o estabelecimento deste compromisso visando um objetivo específico, a transmissão de saberes e ensinamentos, ficou mais clarificada a escolha de uma futura profissão – “ser professor”.

Também foram fundamentais para a aquisição de competências (não só pessoais e sociais, mas também profissionais) os contextos laborais, bem como algumas formações específicas, que constam do biograma.

Após atingir a maioridade, começámos a trabalhar como monitores em colónias de férias, partilhando experiências com outros, mais velhos e mais experientes, e com crianças dos seis aos dezasseis anos de idade. Foi o primeiro contexto laboral com responsabilidade sobre uma equipa, que serviu para perceber que não é possível trabalhar com todos de igual forma – cada um vê e aprende de maneira diferente, a um ritmo diferente.

Consideramos ainda relevante a situação de passagem de praticante desportivo a técnico-treinador. A possibilidade de estabelecimento de relações professor-aluno, num clima de exigência, confiança, cooperação e compromisso, facilitador das aquisições desenvolvimentais dos praticantes, neste caso em meio aquático, desde idades precoces até seniores, tornou-se um marco significativo para o exercício da profissão.

Outra etapa muito importante aconteceu no ano letivo 2003-2004, ano do estágio profissional, em que tivámos o contacto com a realidade escolar, enquanto professores, na sua plenitude. Ter turmas à nossa responsabilidade, acompanhar uma direção de turma, ser responsável por um núcleo de desporto escolar, fazer parte integrante das dinâmicas do grupo disciplinar, colaborar na dinamização de atividades, foram fatores que contribuíram para a constante procura de boas práticas letivas.

O ano letivo 2007-2008, na Escola Secundária da Moita, iniciou com algumas informações aos professores de Educação Física: a escola estava a sofrer obras, o recinto desportivo tinha sido destruído e não se sabia bem como decorreriam as aulas da disciplina. Na escola mais próxima não tinha havido disponibilidade para partilha de espaço e, o grupo disciplinar, reuniu várias vezes para sugerir opções. O caminho mais fácil seria cancelar as aulas durante algum tempo, ou lecionar exclusivamente conteúdos teóricos.

Após várias diligências e pedidos junto da autarquia, o grupo disciplinar conseguiu conciliar horários no sentido de utilização do Pavilhão Municipal e o parque como recursos para as aulas. Esta situação contribuiu para entender que o espaço de aula deve ser potenciado pelo professor, de forma a ir ao encontro dos desafios curriculares. As limitações criadas inicialmente tornaram-se oportunidades a explorar.

No que diz respeito à formação, sempre considerámos que devia ser feita uma atualização regular-reciclagem no âmbito das matérias constantes dos programas nacionais de educação física. Novas formas de abordagem a uma modalidade devem ser sempre consideradas.

Uma vez que não esteve contemplado no nosso percurso académico formação em dança, considerámos determinante a participação em duas ações de formação creditadas. A prática e a partilha com colegas foi um recurso que passou a ser utilizado na escola com muita regularidade. Acreditamos que ano após ano trabalhámos com e para os alunos, tendo em vista o seu sucesso.

Para além de cumprir os conteúdos programados, tentámos contribuir no dia-a-dia para a aquisição de hábitos de prática de atividade física regular, bem como para a adoção de estilos de vida saudável por parte dos alunos (alertámos nas aulas para os benefícios da atividade física nos vários sistemas do nosso corpo; utilizámos conteúdos teóricos transversais para avaliar a área dos conhecimentos; solicitámos um mapa de rotina semanal individual durante o primeiro período, com possíveis alterações

ao longo do ano letivo; encaminhámos para modalidades do agrado dos alunos no âmbito do desporto escolar; emprestámos bolas para que os alunos possam durante os intervalos jogar nos campos exteriores, entre outros).

O facto de termos lecionado em diversas escolas permitiu-nos tomar conhecimento com várias realidades. Consideramos rica e importante a tomada de conhecimento dos contextos dos estudantes com quem nos deparámos, no sentido de podermos identificar aqueles cujos percursos académicos são mais fracos e, outros, com percursos muito bons, evitando saídas prematuras do sistema de ensino e promovendo os casos de excelência.

Explanadas brevemente as experiências mais significativas para a entrada na profissão e as atuais opções de pensamento e ação como professor, passamos à apresentação sintetizada do biograma:

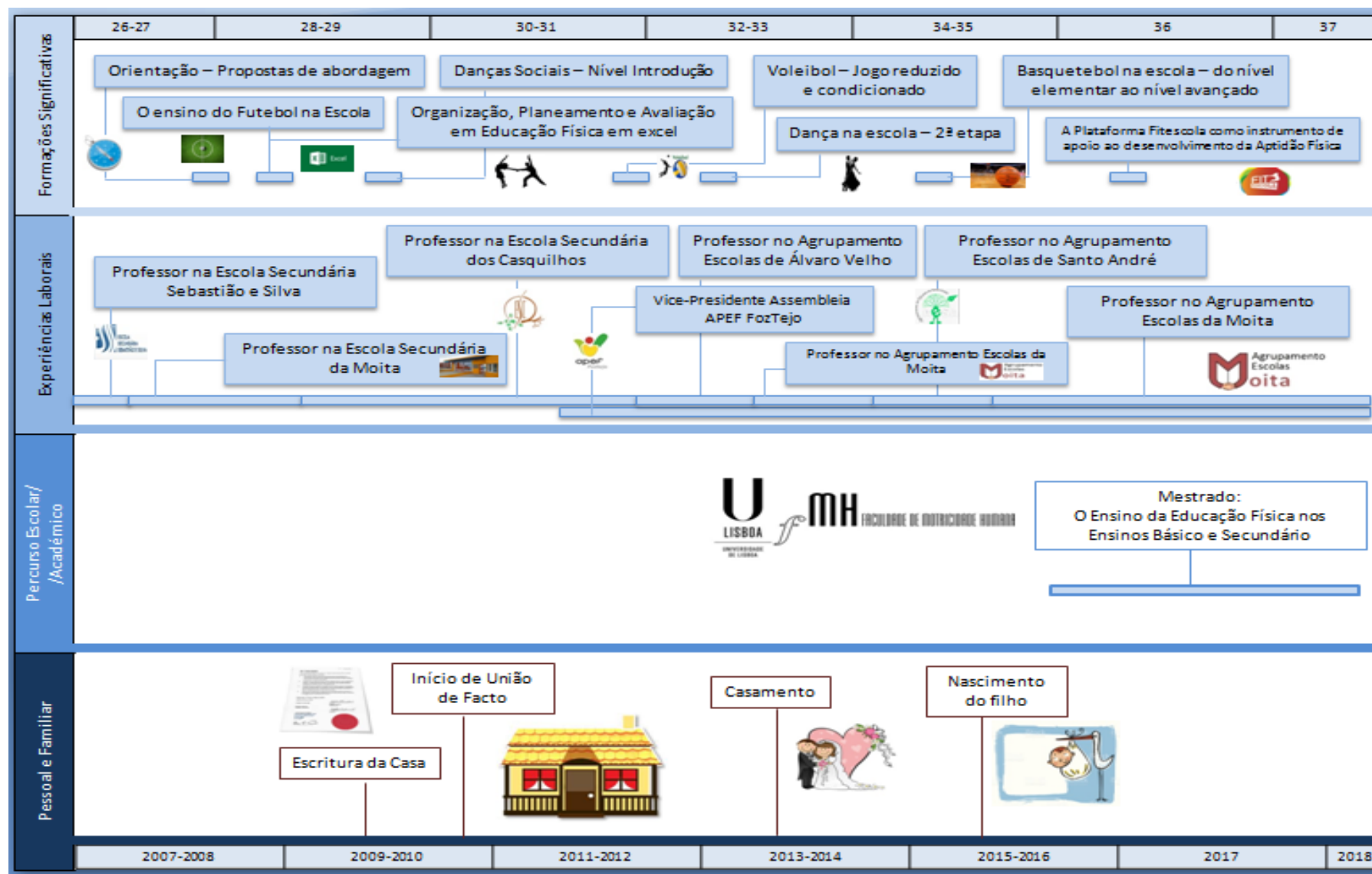


Figura 1: Biograma pessoal
Fonte: Construção própria (2018), adaptado de Ruxa (2013)

3. Contextualização geográfica e caracterização dos Agrupamentos/ Escolas

Neste ponto contextualizamos e caracterizamos os municípios (Barreiro e Moita) e os Agrupamentos de Escolas onde exercemos funções, nomeadamente:

- No ano letivo 2012-2013, no Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho.
- No ano letivo 2013-2014, no Agrupamento de Escolas da Moita.
- No ano letivo 2014-2015, no Agrupamento de Escolas de Santo André.
- No ano letivo 2015-2016 , no Agrupamento de Escolas da Moita.
- No ano letivo 2016-2017 , no Agrupamento de Escolas da Moita.

Importa primeiro, situar a escola no sentido mais lato.

A instituição escolar é, cada vez mais, um local com responsabilidade acrescida na formação integral dos alunos. Garante os seus plenos direitos enquanto cidadãos, desenvolve as suas competências relacionais e compromissos com os seus deveres, passando especificamente para o desenvolvimento integral nos planos físico e mental, por via do exercício físico e prevenção da saúde.

O contexto onde está inserida e as relações-parcerias estabelecidas com o município são importantes para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Atendendo a que a criança passa um elevado número de horas na escola, e é neste ambiente específico que experiencia várias relações interpessoais, a Escola torna-se um espaço de aprendizagem e socialização muito importante para a formação do indivíduo.

3.1. Escolas do Município do Barreiro

De acordo com a informação consultada no site da Câmara Municipal do Barreiro (2018), o município está inserido na área metropolitana de Lisboa e é um dos nove concelhos da península de Setúbal. Tem uma área de 31,8 km² e a proximidade da capital promove fenómenos de aglomeração próprios das áreas urbanas.

É constituído pela União das freguesias do Alto do Seixalinho, Santo André e Verderena, pela União das Freguesias do Barreiro e Lavradio, pela União das Freguesias de Palhais e Coina e pela freguesia de Santo António da Charneca.

A cidade do Barreiro apresenta uma posição geográfica estratégica enquanto banhada pelo Tejo e apoiada por um importante terminal rodo-ferro-fluvial, uma vez que se situa a cerca de 40 km de Lisboa – ligando a esta cidade às Pontes 25 de Abril e Vasco da Gama – e a cerca de 35 km de Setúbal, capital de distrito, cujo acesso mais destacado é a A2. Dela são constituintes sete agrupamentos de escolas.

Também de acordo com informação consultada no site da Câmara Municipal do Barreiro (2018), o município tem em processo de revisão a sua Carta Educativa, um documento de planeamento estratégico, na qual se podem perceber os objetivos perante a comunidade educativa. É um instrumento dinâmico e orientador que contribui para o planeamento das políticas educativas, sociais e económicas do concelho.

De entre os vários objetivos gerais enunciados para a revisão do documento acima mencionado, salientamos três que consideramos prioritários:

- Adequação das ofertas à procura efetiva (por exemplo, adequação dos horários dos transportes coletivos do Barreiro ao ano letivo das escolas, alargamento dos trajetos de algumas carreiras, organização de variadas atividades, permitindo o envolvimento nas suas dinâmicas dos alunos que frequentam os cursos profissionais).
- Garantir a igualdade de oportunidades a todas as crianças e jovens, de forma a atenuar desigualdades (por exemplo, o aumento de verbas para compra de manuais escolares para alunos subsidiados, alargamento de transporte escolar gratuito, dinamização de atividades nas escolas de forma gratuita, o que possibilita a participação de toda a comunidade escolar).
- Contribuir para o combate ao absentismo e abandono escolar (por exemplo, convidar os alunos, em representação das suas escolas a participar nas atividades desportivas dinamizadas pelo município, permitir que os alunos dos cursos profissionais possam realizar as suas atividades de estágio nos vários setores, de acordo com as suas aptidões, ceder de material e/ou espaços físicos para a escolar dinamizar atividades cativantes para os alunos, entre outros).

No sentido de promover atitudes e comportamentos positivos, a autarquia promove a participação dos estabelecimentos de ensino em algumas atividades, nomeadamente Assembleia Municipal de Jovens, Carnaval das Escolas, Feira Pedagógica, Libert'Arte, Atividades no Centro de Educação Ambiental da Mata da Machada e Quinzena da Educação.

Consideramos que estas iniciativas são reveladoras da atenção da autarquia para com o setor da educação, sendo facilitadoras das parcerias com as escolas e despertando hábitos de cidadania e de intervenção nas atividades da comunidade. Contribuem para que os professores incluam no seu planeamento anual atividades, intervenções relacionadas com o meio local, permitindo a inclusão social dos alunos e a equidade, no sentido em que todos tenham acesso a participar nas várias dinâmicas propostas.

3.1.1. Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho

De acordo com o seu Regulamento Interno (2017), o Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho serve uma população de mais de 14.000 habitantes, da união de freguesias do Barreiro e Lavradio.

Este agrupamento surgiu na sequência do reordenamento da Rede Educativa (Despacho N.º 13 313/2003 - 2.ª série), de 8 de Julho de 2003 e resultou de um processo de consulta e de aprovação em Reunião Geral de toda a Comunidade Escolar, realizada em 3 de Julho de 2003, separadamente, no Agrupamento Horizontal de Escolas do Lavradio e na Escola Básica 2º e 3º Ciclos de Álvaro Velho.

São dele constituintes as seguintes escolas:

- Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Álvaro Velho – Lavradio (Sede do Agrupamento).
- Escola Básica do 1.º Ciclo/ Jardim de Infância n.º 1 do Lavradio.
- Escola Básica do 1.º Ciclo/ Jardim de Infância n.º 2 do Lavradio.
- Escola Básica do 1.º Ciclo/ Jardim de Infância dos Fidalguinhos.

De acordo com o projeto educativo do agrupamento para o triénio 2011-2014, no ano letivo 2012-2013 encontravam-se matriculados no agrupamento 120 crianças do pré-escolar e cerca de 1600 alunos repartidos pelo 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico.

A população escolar que constitui este agrupamento é heterogénea, uma vez que o seu contexto socioeconómico é variado. Apresenta alunos que provêm de populações com algum grau de instrução/ formação e com atividades profissionais estáveis e qualificadas (61% dos Encarregados de Educação têm mais do 9º ano de escolaridade, dos quais 17% têm habilitação superior, e cerca de 50% exerce a sua atividade profissional como Empregado de comércio e serviços); existem também bastantes

situações provenientes de famílias com alguma vulnerabilidade (cerca de 19% de encarregados de educação sem qualquer qualificação profissional e cerca de 14% em situação de desemprego). 508 alunos beneficiam de Subsídio de Ação Social Escolar (ASE) no Agrupamento.

Comparativamente aos anos anteriores, o Agrupamento também tem vindo a receber cada vez mais alunos de várias nacionalidades (na sua maioria provenientes da Guiné-Bissau, Cabo Verde, Brasil, Ucrânia, entre outros).

Estes factos levaram a que, como professores de Educação Física, tivéssemos de estar em permanente articulação com os diretores de turma, no sentido de os informar se os alunos apresentavam falta de material, falta de higiene, ou qualquer outro sintoma em que fosse necessário alguma intervenção. Como diretores de turma, mantivemos sempre o contacto permanente com os encarregados de educação, responsabilizando-os e trabalhando em parceria com eles para o sucesso dos seus educandos.

Com a possibilidade de entrada, a todo o momento do ano letivo, de alunos estrangeiros (maioritariamente de países africanos de língua oficial portuguesa – PALOP), neste agrupamento de escolas, procurou-se, desde sempre, apoiar os alunos. Procedeu-se à sua integração em grupos de trabalho com os alunos mais responsáveis das turmas, no sentido de facilitar a inclusão no grupo e na escola. Para além da barreira linguística, o facto de chegarem mais tarde, faz com que estes alunos tenham uma tendência para se isolar.

3.1.1.1. Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho

A ONU/UNESCO (2005) instituiu 2005–2014 como a década da Educação para o Desenvolvimento sustentável.

De acordo com o seu Projeto Educativo (2011), o Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho decidiu abraçar este tema, que reflete os problemas e preocupações locais e planetários, denominando o seu Projeto “Cidadania e desenvolvimento sustentável. Pensar Global, agir local”.

A sua missão tem como grande princípio a preparação de cidadãos dotados dos valores estruturantes da nossa sociedade e das necessárias competências para uma correta orientação escolar e vocacional, quer seja para a continuidade de estudos, quer seja para a inserção na vida ativa.

Procura, para além da formação cultural, desportiva, científica e tecnológica, desenvolver valores da democracia e do humanismo, tais como a solidariedade, a tolerância, o rigor e a cidadania responsável na defesa do ambiente, preservação da natureza e do património arquitetónico, artístico e cultural.

Algumas das principais áreas de intervenção enunciadas são a educação para a cidadania, educação ambiental, educação para a saúde e educação para a cooperação e voluntariado.

O reforço de tutorias para alunos com dificuldades de integração e adaptação, a co-responsabilização dos pais/ encarregados de educação pelo sucesso/ insucesso dos seus educandos, o incentivo dos pais/ encarregados de educação para a participação nas atividades do agrupamento, a qualificação e manutenção dos espaços físicos da escola, a promoção da utilização de pedagogias diferenciadas em sala de aula são alguns dos objetivos e estratégias de atuação apontadas no referido projeto educativo.

Salientamos que algumas das estratégias acima apontadas foram tidas em conta no planeamento e realização das atividades, conforme relatado nos pontos seguintes deste relatório.

3.1.1.2. Escola Básica 2,3 Álvaro Velho

De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento (2011-2014), caracterizamos três dimensões: a oferta educativa, o pessoal docente e não docente e o grupo disciplinar de Educação Física.

A) Oferta Educativa

A escola apresenta turmas do 5º ao 9º ano de escolaridade, abrangendo o ensino regular e também Cursos de Educação e Formação (CEF), com cerca de 800 alunos, em 2011-2012. Este número tem vindo a aumentar para perto dos 900 nos anos seguintes, conforme informação veiculada no Contrato de Autonomia (2013) e Planeamento de Ação Estratégica (2016).

Face à diversidade dos alunos, pretendendo uma escola pública de qualidade onde todos se sintam motivados, existem projetos variados, nomeadamente: Projeto Fénix (onde se pretende potenciar as capacidades de cada aluno, respeitando os ritmos de aprendizagem), Português Língua Não Materna, Plano Nacional da Leitura, Projeto Educação para a Saúde, Eco-Escolas, Desporto Escolar, Clube da Ciência, Clube da

Eletrónica e Robótica, Clube da Proteção Civil, Música e Multimédia, Bataqueiros, Arte em Papel, Clube do Azulejo, Clube das Artes Plásticas.

B) Caracterização do pessoal docente e não docente

Em relação ao pessoal docente, o quadro é constituído por noventa e cinco docentes, dos quais setenta e três são do Quadro de Nomeação Definitiva (QND) e cinco de Quadro de Zona Pedagógica (QZP). Existe estabilidade a este nível, o que permite um maior envolvimento dos docentes nos projetos a médio/ longo prazo.

Existe, também, a contratação de uma psicóloga que está em funções partilhadas com outro agrupamento.

No que diz respeito ao pessoal não docente, o quadro é constituído por trinta e quatro funcionários, dos quais vinte e nove pertencem aos quadros. Uma das questões com que todos os anos o agrupamento se debate é a falta de Assistentes Operacionais no início do ano letivo. Esta falta é suprimida com contratos de emprego e inserção, do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

C) Grupo Disciplinar de Educação Física

No grupo disciplinar de Educação Física existiam quatro docentes do segundo ciclo do ensino básico e três do terceiro ciclo do ensino básico.

Relativamente aos docentes do segundo ciclo foi encontrada alguma resistência e falta de dinâmica de grupo na organização-dinamização e implementação das atividades conjuntas. Ao longo do ano letivo, consideramos que esta situação dificulta o trabalho colaborativo entre pares, pois apesar de serem grupos disciplinares diferentes a trabalhar com ciclos de ensino diferentes, as suas práticas devem ser articuladas e fazerem parte integrante de um todo. Salientamos que, para além da partilha com os colegas que lecionam os mesmos anos de escolaridade, é importante a articulação transversal.

3.1.2. Agrupamento de Escolas de Santo André

De acordo com o seu Regulamento Interno (2016), o Agrupamento de Escolas de Santo André, localizado na freguesia de Santo André e Verderena, foi constituído a 26 de abril de 2013. Este agrupamento juntou, ao já existente Agrupamento de escolas da Quinta da Lomba, constituído em 2007, a Escola Secundária de Santo André.

O Agrupamento ficou composto pelas escolas:

- Jardim de Infância Bairro 25 de Abril.
- Escola Básica 1º Ciclo/ Jardim de Infância Telha Nova nº1.
- Escola Básica 2º e 3º Ciclos de Quinta da Lomba.
- Escola Secundária de Santo André (Sede do Agrupamento).

No ano letivo 2014-2015, o agrupamento contava com cerca de 2000 alunos, repartidos entre o pré-escolar, 1º, 2º, 3º ciclos, secundário e ensino noturno.

A freguesia de Santo André, onde se situa o agrupamento, teve as suas origens a partir da Telha, tratando-se de um dos lugares mais antigos do atual concelho do Barreiro. As primeiras referências históricas datam de 1320 e apontam o local como uma zona de prósperas quintas e casais.

De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Santo André (2014), o Agrupamento acolhe, fundamentalmente, alunos residentes na freguesia e, em menor número, estudantes provenientes das zonas limítrofes.

Ao longo dos últimos anos têm-se registado, pontualmente, casos de alunos oriundos de outros países, como os PALOP, Brasil, China, Moldávia e Ucrânia. Parece verificar-se que, mais do que as diferenças étnicas e linguísticas, são as diferenças de estatuto socioeconómico e cultural que ditam as principais dificuldades de integração de alguns destes alunos, de acordo com os dados obtidos no projeto educativo do agrupamento para o triénio 2014-2017.

3.1.2.1. Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Santo André

O Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Santo André (2014) tem como tema “construir juntos o caminho do saber...para plenamente ser”.

Delineado com base numa matriz estruturante consubstanciada no desenvolvimento proativo e sistemático de políticas e de práticas educativas conducentes à melhoria da qualidade dos recursos e processos de ensino-aprendizagem e, fundamentalmente, dos resultados escolares dos alunos, salientam-se alguns princípios orientadores:

- a escola entendida como um serviço público aberto à comunidade;
- a melhoria contínua dos serviços prestados pelas várias escolas do agrupamento;

- a formação de cidadãos ativos e empenhados, assumindo valores éticos, como a solidariedade, a responsabilidade, a aceitação da diferença e da pluralidade, a valorização do trabalho, a autonomia, o espírito crítico e construtivo;
 - a promoção de uma cultura de colaboração entre todos os intervenientes no processo educativo;
 - a preparação para a vida ativa através da relação educação / formação.
- (Agrupamento de Escolas de Santo André, 2014:36).

As suas grandes finalidades são o aumento das taxas de sucesso educativo, a redução dos níveis de abandono escolar e contribuir para a realização pessoal do aluno, através do plano de desenvolvimento da personalidade, da formação, do carácter e da cidadania.

Algumas das estratégias de atuação apontadas no referido projeto educativo são: a envolvimento dos alunos na dinamização de atividades, a divulgação à comunidade educativa dos bons resultados obtidos por alunos, o reforço da articulação curricular entre ciclos, o incentivo aos pais/ encarregados de educação na participação das atividades promovidas pelo agrupamento e comunidade (por exemplo, feira pedagógica e marcha pela saúde).

3.1.2.2 Escola Básica 2,3 da Quinta da Lomba

De acordo com a informação consultada no Projeto Educativo do Agrupamento (2014-2017), caracterizamos três dimensões: a oferta educativa, o pessoal docente e não docente e o grupo disciplinar de Educação Física.

A) Oferta Educativa

A escola apresenta turmas do 5º ao 9º ano de escolaridade, abrangendo o ensino regular e também cursos Vocacionais, tendo cerca de 700 alunos, em 2014-2015.

Apresenta, ainda, vários projetos, nomeadamente: Plano Nacional da Leitura, Projeto Educação para a Saúde, Clube do Ambiente, Desporto Escolar, Apoio Tutorial, Clube Artístico, Clube da Informática, Clube da Matemática, Clube da Proteção Civil, Clube da Música Pop Rock, Banco Alimentar da Associação de Pais, Clube de Rádio.

B) Caracterização do pessoal docente e não docente

No que diz respeito ao pessoal docente o quadro é constituído por cerca de 110 docentes, a sua maioria envolvidos nos vários projetos acima mencionados. De um modo

geral, existia um clima de satisfação, trabalho cooperativo intra e interdisciplinar entre os docentes do 2º e 3º ciclo.

No que diz respeito ao pessoal não docente, o quadro é constituído por cerca de vinte e cinco funcionários. Tal como na maioria das escolas, todos os serviços começam o ano letivo com falta de pessoal, sendo a mesma colmatada com a chegada de assistentes operacionais provenientes de contratos com o IEFP.

C) Grupo Disciplinar de Educação Física

No grupo disciplinar de Educação Física existiam três docentes do 3º ciclo e dois do 2º ciclo.

De um modo geral, e apesar das instalações não serem as melhores, todas as atividades foram planeadas e executadas pelos docentes em articulação, contribuindo todos, de igual modo, para a sua consecução.

No grupo houve partilha de saberes, hábitos de trabalho que se tornaram conjuntos, bem como um envolvimento nos projetos da escola. Esta foi uma diferença encontrada relativamente à escola anterior, do mesmo município. O trabalho colaborativo desenvolvido também contribuiu para a rápida integração dos novos docentes que estavam pela primeira vez no grupo disciplinar, ligando-os nas suas rotinas.

De acordo com Costa, Onofre, Martins M., Marques, e Martins J. (2013), um trabalho coletivo e colaborativo num grupo disciplinar potencia oportunidades de enriquecimento para todos os professores, mas também para os alunos.

No estudo apresentado por estes autores, existe a ideia de um grupo de Educação Física consistente, onde foi encontrada uma abertura para a crítica, a intenção do desenvolvimento de estratégias coletivas, a possibilidade de formação interna, a discussão coletiva do trabalho com a turma e, também, de casos concretos de alunos.

Concordamos com as características enunciadas e consideramos que, uma vez que o professor para além das horas que passa com os seus alunos, é com os seus colegas de grupo disciplinar que passa mais tempo, a relação estabelecida entre pares dentro do grupo disciplinar são fundamentais para a condução de todo o processo ensino-aprendizagem.

3.2. Escolas do Município da Moita

De acordo com a informação consultada no site da Câmara Municipal da Moita (2018), o município é um território integrante da Área Metropolitana de Lisboa, situando-se na Margem Esquerda do Estuário do Tejo, com uma frente ribeirinha superior a 20 km. Com exceção do Vale da Amoreira, todas as outras freguesias (Alhos Vedros, Baixa da Banheira, Rosário, Moita e Sarilhos Pequenos) estão em contacto com o rio.

A Ponte Vasco da Gama proporcionou novos acessos e ajudou na valorização da zona ribeirinha do concelho, na região de Setúbal, potenciando novas oportunidades de investimento, quer a nível particular, quer a nível empresarial.

Atualmente comporta seis agrupamentos de escolas.

De acordo com a Carta Educativa do município da Moita (2007), a educação é uma das prioridades da intervenção municipal, com o intuito de promoção de um ensino público de qualidade para todos.

A abertura de novas salas do ensino pré-escolar e o prosseguimento da conservação e requalificação do parque escolar constituem uma das prioridades estratégicas do município.

Dada a degradação das condições socioeconómicas da população, a Ação Social Escolar assume também um papel importante nas atividades a desenvolver e nos recursos financeiros a afetar. O município perspetiva o alargamento progressivo do prolongamento do horário nos jardins-de-infância públicos, bem como das refeições escolares.

Tendo como objetivo o combate à infoexclusão, existe uma rede concelhia de Bibliotecas Escolares e o Programa de Alfabetização Informática.

Para valorizar a participação e a relação escola/ família existem os seguintes projetos: feira de Projetos Educativos, Quinzena da Educação, “Viva Biblioteca Viva”, “Escola a Nadar”, “Pé Direito”, entre outros.

3.2.1. Agrupamento de Escolas da Moita

De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Moita (2012), o Agrupamento está localizado na freguesia da Moita, serve uma população de mais de 17.500 habitantes e comporta cerca de 2200 alunos.

São dele constituintes as seguintes escolas:

- Jardim de Infância do Carvalhinho.
- Jardim de Infância de Sarilhos Pequenos.
- E. B. do 1º Ciclo e Jardim de Infância da Moita.
- E. B do 1º Ciclo Moita n.º 2 e Jardim de Infância.
- E. B. do 1º Ciclo do Penteado.
- E. B. do 1º Ciclo do Chão Duro.
- E. B. do 1º Ciclo de Sarilhos Pequenos.
- Escola básica de 2º e 3º ciclos, D.Pedro II.
- Escola Secundária da Moita.

Os alunos que frequentam o agrupamento são principalmente originários do concelho da Moita e dos concelhos limítrofes. Alguns destes alunos apresentam necessidades educativas especiais, encontrando-se sinalizados em todo o Agrupamento (118 alunos, que representam cerca de 5,1% dos discentes). Este número revela-se preocupante, pois configura casos de crianças com dificuldades de aprendizagem, ou portadoras de um determinado tipo de deficiência que limita a sua autonomia.

Salientamos a importância do reforço dos meios humanos, técnicos, didáticos e pedagógicos para que o apoio que lhes é devido seja mais eficaz e possibilite avanços ao seu processo de crescimento, desenvolvimento, independência e autonomia.

3.2.1.1. Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Moita

Segundo o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Moita (2012), o agrupamento escolheu desenvolver uma missão de serviço público orientada para uma ação formativa igualitária, permitindo a igualdade de oportunidades no acesso ao saber e ao desenvolvimento global da personalidade, numa ótica de escola inclusiva.

Verificamos que nas várias escolas do agrupamento é fomentada a aquisição de conhecimentos e capacidades científicas, tecnológicas e profissionais, bem como promoção de condições, quer para o ingresso na vida ativa, quer para o prosseguimento de estudos.

Pretendemos seguir uma lógica de valorização do esforço e do trabalho, como meio para alcançar o sucesso, e por uma postura humana e solidária, onde as regras de

convívio social são respeitadas. Tem como grande desafio responder às necessidades do meio que o envolve, através de uma união de instituições, esforços, oferta educativa e ações pedagógicas que visam uma excelência educativa, baseada em valores e princípios claramente definidos.

As principais áreas de intervenção definidas no projeto do agrupamento são: o sucesso educativo, a participação e desenvolvimento cívico e a relação agrupamento-comunidade.

Oferecer percursos diversificados e alternativos de modo a responder a públicos diversos, valorizar comportamentos e atitudes exemplares, envolver os encarregados de educação no processo ensino-aprendizagem e promover as atividades do agrupamento junto da comunidade educativa e local, são alguns dos objetivos estratégicos de atuação apontadas no referido documento.

3.2.1.2. Escola Secundária da Moita

De acordo com a informação consultada no Projeto Educativo do Agrupamento (2012), caracterizamos três dimensões: a oferta educativa, o pessoal docente e não docente e o grupo disciplinar de Educação Física.

A) Oferta Educativa

O agrupamento tem pugnado por uma grande diversidade na oferta educativa, procurando dar resposta às mais variadas necessidades, sem descurar a continuidade de opções da preferência dos alunos e acompanhando as políticas educativas da tutela. Assim, para além dos cursos Científico-Humanísticos, existem também turmas de vários cursos profissionais (técnico de Apoio Psicossocial, de Apoio à Gestão Desportiva, de Informática e de Turismo), CEF e Vocacionais para conclusão do 3º ciclo e secundário.

Existem, também, vários projetos no agrupamento, a saber: Clube da Proteção Civil, Clube de Teatro, Clube de Inglês, Clube de Ciências, Desporto Escolar, Clube da Cidadania, Eco-escolas, Gabinete de Apoio ao Aluno, “...Pausa... para leitura”, “...Tás D’Acordo”, Educação para a Saúde e Educação Sexual em Meio Escolar, Plano Nacional de Leitura, *Junior Achievement*, Núcleo de Serviços Especializados de Apoio, Serviço de Psicologia e Orientação, entre outros.

B) Caracterização do pessoal docente e não docente

No que diz respeito ao pessoal docente, a escola possui cerca de 180 docentes, a maioria envolvidos nos projetos mencionados.

Relativamente ao pessoal não docente, o quadro é constituído por cerca de 20 funcionários, manifestamente pouco para o perfeito funcionamento de todos os serviços.

Tal como nas escolas mencionadas anteriormente, os serviços apenas conseguem ser plenamente assegurados com pessoas a contrato, vindas através do IEFP.

C) Grupo Disciplinar de Educação Física

No grupo disciplinar de Educação Física, existem nove docentes, sendo por vezes um horário misto, com turmas na escola básica e secundária.

Existe no dia-a-dia companheirismo, cooperação, entreajuda no planeamento e execução de atividades/ projetos.

É de salientar que o grupo é visto como trabalhador e empreendedor, estando presente em cargos/ estruturas decisoras na escola, nomeadamente na Coordenação de Departamento, Conselho Geral, Direção de Turma, elementos nas equipas de elaboração de horários e turmas, entre outros.

4. Dimensão Científica e Pedagógica

Em qualquer sociedade humana organizada, uma das suas tarefas elementares prende-se com a transmissão, entre gerações, de um modo coletivo de viver e de compreender o mundo (Nóvoa, 1987).

Ao longo do tempo esta foi uma atividade alvo de várias mudanças, quer a nível profissionalizante, quer no seu papel social, desde os chamados mestre-escola, mestre régio de ler e contar até ao termo professor primário (Nóvoa, 1987).

A função docente surge separada das funções das famílias e comunidades, passando a ser da sua responsabilidade, ainda que de forma conjunta, ensinar às crianças conhecimentos, técnicas e comportamentos, transmitindo valores culturais (Nóvoa, 1987).

O processo de passagem para profissionais de ensino organiza-se em torno de duas dimensões (corpo de conhecimentos e técnicas e conjunto de normas e valores), em quatro etapas:

- Exercício a tempo inteiro (ou como ocupação principal) da atividade docente, constituindo o ensino o modo de vida de um grupo profissional cada vez mais especializado, os professores.
 - Estabelecimento de um suporte legal para o exercício da atividade docente, nomeadamente através da imposição legal de uma licença (e/ou um diploma do Estado) para os professores poderem ensinar.
 - Criação de instituições específicas para a formação de professores, que têm como missão transmitir aos futuros professores os conhecimentos e as técnicas, as normas e os valores, próprios à profissão docente, através de um “*role-transition*” (passagem do papel de aluno ao papel de professor) e não de um “*role-reversal*”, como a maioria das outras profissões.
 - Constituição de associações de profissionais de professores, normalmente de características sindicais, que desempenham um papel fulcral no desenvolvimento de um espírito de corpo e na defesa do estatuto socio-profissional dos professores.
- (Nóvoa, 1987: 416-417).

De acordo com Marques (2010), os professores são os agentes educativos que estabelecem a relação entre o currículo formalmente instituído e os alunos. São figuras centrais que utilizam as suas ações pedagógicas para tentar alcançar o sucesso no processo ensino-aprendizagem.

Segundo Nóvoa (2009) é impossível definir o “bom professor”. Afasta-se do conceito de competências e assume a identidade dos professores partindo de disposições assentes na dimensão pessoal e profissional, nomeadamente: o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipa e o compromisso social.

Também Shulman (1987) distingue sete áreas de conhecimento do professor. Quatro delas são comuns a todos os docentes das várias disciplinas (conhecimento pedagógico geral, conhecimento dos alunos e das suas características, conhecimento do contexto educativo e conhecimento de valores, fins e objetivos educativos, com base filosófica e histórica) e três específicos, muito significativos para a área de educação física:

- conhecimento do conteúdo (relacionado com três questões – conhecimento específico sobre o movimento, exercício e desporto, conhecimento dos princípios e regras das matérias a abordar e a experiência pessoal da prática desportiva.

- conhecimento do currículo (conhecimento sobre os materiais curriculares existentes e conhecimento para a planificação e produção de materiais para as aulas).

- conhecimento pedagógico do conteúdo (constituindo-se como a cultura técnica partilhada por um grupo de professores, permitindo transformar os conhecimentos acima mencionados em ações pedagógicas organizadas).

Pensamos que existe uma grande diversidade de alunos, com capacidades distintas de aprender, pelo que o professor necessita de organizar toda a informação, mobilizar conhecimentos, partilhar saberes e motivar os estudantes para a prática.

De acordo com a prática profissional no dia-a-dia escolar, consideramos que os professores são um exemplo para os alunos, representando uma figura que lhe poderá deixar marca para sempre. Não deverá apenas transmitir os conteúdos, mas estimular a autonomia e a participação ativa dos estudantes no processo ensino-aprendizagem.

4.1. Planeamento de Atividades

Numa perspetiva dinâmica e de desenvolvimento, os Programas Nacionais de Educação Física dão orientações no sentido de poderem ser criadas em todas as escolas as condições materiais e pedagógicas para que cada aluno possa usufruir dos benefícios da Educação Física.

Estes benefícios “centram-se no valor educativo da atividade física eclética, pedagogicamente orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno” (Jacinto et al, 2001:4).

A conceção de Educação Física neles presente, concretiza-se na apropriação das habilidades e conhecimentos, na elevação das capacidades do aluno e na formação das aptidões, atitudes e valores (bens de personalidade que representam o rendimento educativo), proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de atividade física adequada - intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa.

(Jacinto et al, 2001:4).

Aquando da integração nos vários Agrupamentos de Escolas, participámos nas reuniões iniciais, procurando inteirar-nos do horário, níveis e cargos atribuídos, com vista a utilizar o conhecimento profissional na construção antecipada de recursos/ materiais de trabalho para o decorrer de cada ano letivo.

Pesquisámos no Regulamento Interno e no Projeto Educativo da Escola, no sentido de esclarecer dúvidas, de modo a facilitar o trabalho inerente às funções atribuídas. As práticas pedagógicas foram definidas de acordo com estes documentos estruturantes da vida da escola.

No início de cada ano letivo realizámos uma avaliação diagnóstica, recorrendo ao Protocolo de Avaliação Inicial, centrada na execução individual/ grupo dos alunos, enquadrando-os em níveis de aprendizagem para trabalhar ao longo do ano (**anexo I**).

Nesta perspetiva, por exemplo, no Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho, no ano letivo 2012-2013, realizaram-se reuniões de articulação entre os docentes do segundo e terceiro ciclos, por forma a preparar algumas estratégias de intervenção em função do conhecimento das novas turmas que iriam iniciar o 7º ano. Tomámos consciência de algumas dificuldades desses alunos ao nível do comportamento e absentismo escolar, o que nos levou a preparar estratégias de prevenção da indisciplina (variados jogos pré-desportivos, atividades dinâmicas e motivadoras para os alunos).

Tendo uma das turmas muito mau aproveitamento em Educação Física, colocámos em prática algumas dessas dinâmicas. Os alunos que cumprissem as regras pré-estabelecidas e participassem ativamente nas aulas iriam a uma visita de estudo na Mata Nacional da Machada, no âmbito das atividades de exploração da natureza.

Logo no 1º período percebemos que estávamos no bom caminho para a prevenção da indisciplina e abandono escolar precoce. A turma que tinha mais de 50% de negativas no ano anterior, obteve um aproveitamento e comportamento satisfatórios.

Consideramos que, para além do planeamento geral, há que adaptar estratégias diferenciadas de acordo com as necessidades e expectativas dos alunos. Em Educação não há missões impossíveis, há caminhos que podem ser (re)definidos em função do nosso público-alvo, sempre que o contexto assim o exija.

Para a preparação das aulas a lecionar, foram elaborados vários documentos, como o Plano Anual de Turma (**anexo II e III**), de acordo com os Programas Nacionais de Educação Física, recorrendo-se a Planos por Etapas, a Unidades de Ensino, bem como a Planos de Aula (**anexo IV**) com as devidas especificidades. Isto permitia o cumprimento dos requisitos essenciais, fazendo-se conjuntamente uma análise dos recursos da instituição (**anexo V**), tendo bem presente o binómio temática/ tempo, e a diversidade pessoal, social e cultural dos alunos.

Para a lecionação da área dos conhecimentos preparámos aulas teóricas, precavendo situações em que não fossem realizadas aulas no exterior devido a más condições climáticas.

Sempre que necessário realizámos ajustes nas planificações, uma vez que os alunos adquirem competências a diferentes ritmos e as estratégias delineadas provocam efeitos diferentes em alunos/ turmas diferentes. Como dizia António Paulo Ferreira, docente da Faculdade de Motricidade Humana, há década e meia atrás, "...o plano de aula é como um lenço de assoar..." (sic.) Não constitui uma receita, mas sim um instrumento que deve ser utilizado e redefinido, as vezes que forem necessárias, para dar cumprimento aos objetivos a atingir.

Semanalmente, refletimos sobre as aulas lecionadas, procurando pontos fortes e pontos fracos da prática com as várias turmas, registando se houve alterações de aula/espacos de aula por más condições climáticas ou outros fatores.

Sempre que existiam más condições climáticas e as aulas não puderam ser lecionadas como o previsto, aprendemos que temos de estar sempre munidos com estratégias alternativas. Por exemplo, na Escola Básica da Quinta da Lomba, no ano letivo 2014-2015, não havendo polidesportivo, a nossa prática letiva acontecia muitas vezes de forma diferente do planeado. Houve situações em que o recurso foi uma sala de aula formal e, nessa altura, aproveitámos o tempo e o espaço para visionar filmes sobre a violência no desporto. Após esse momento, refletíamos sobre as regras, desenvolvendo nos alunos competências de cidadania.

Apesar de não estarmos em atividades práticas, consideramos que estes momentos foram fundamentais para novas aprendizagens dos alunos no âmbito da formação cívica no desporto, contribuindo amplamente para a melhoria das suas competências enquanto cidadãos. Passo a passo, com atitudes mais positivas face à prática desportiva, os seus resultados escolares foram melhorando.

Segundo Onofre (2002), o professor recorre às suas rotinas para se concentrar na análise e resposta às situações. Recorre à reflexão sobre a ação e problematiza e inova no seu modo de atuar, para que a sua intervenção não seja simplesmente mecanizada.

Por isso, enquanto docentes, consideramos que já fomos inovadores, sobretudo quando lecionámos turmas com percursos não formais – cursos de educação e formação de jovens e cursos vocacionais. Por exemplo, na Escola Secundária da Moita, no ano

letivo 2015-2016, lecionámos um curso vocacional de desporto, no Ensino Básico, para equivalência ao 9º ano de escolaridade. Tratava-se de um curso com jovens cuja média de idades era de 17/18 anos, sem preparação física e sem o mínimo de vocação para a área.

Primeiro tivemos de explorar os interesses dos alunos, pois eram jovens à beira da marginalidade e da delinquência. Para conseguirmos manter a nossa integridade física e psicológica dialogámos muito com o grupo e responsabilizámos cada um pelas suas ações. Tentámos identificar o líder e trabalhar com ele dinâmicas de grupo. Entre as atividades planeadas tivemos de eleger algumas e diversificar outras, para obter o sucesso do grupo: caminhadas até à praia do Rosário, canoagem, jogos de praia, atividades no campo de *Rugby* do Gaio, entre outras.

Aprendemos que o “professor faz a diferença” quando dinamiza as suas aulas em função dos interesses do grupo, sem desvirtuar os objetivos dos módulos a lecionar. Lemos literatura sobre dinâmicas de grupo, uma vez que para alunos com estas características era necessário encontrar alternativas diferentes dos percursos formais.

São também tidos em atenção os períodos de interrupções letivas, para que no reinício das aulas possa haver revisão de conteúdos abordados anteriormente, bem como a recuperação da aptidão física, que poderá estar diminuída pelo facto da maioria dos alunos ter interrompido a sua atividade física.

O modelo de lecionação adotado foi o que corresponde ao Modelo Misto, também designado de Modelo por Etapas com pequenos Blocos. Trata-se daquele que melhor considerámos ajustar às características das escolas, e por ser o que permite uma maior retenção de conteúdos e uma maior individualização da aprendizagem.

No ano letivo 2014-2015, no Agrupamento de Escolas de Santo André, foi-nos atribuído um bloco de noventa minutos no início do ano letivo para acompanhamento em sala de aula a um aluno do décimo primeiro ano, na disciplina de Educação Física.

Após a tomada de conhecimento desta situação, questionámos a Direção e o colega coordenador do grupo disciplinar sobre o procedimento a adotar nestes casos. O aluno estava na Educação Especial, tinha uma doença crónica que lhe afetava o sistema locomotor, deslocando-se em cadeira de rodas.

Após alguns esclarecimentos da direção e do coordenador do grupo, poderiam ser muito variados os caminhos a seguir: “...podes realizar trabalhos e fichas com o aluno

numa sala adjacente ao pavilhão, podes apenas acompanhar o aluno ao pé da sua turma nos campos, podes fazer um trabalho individualizado à parte com o aluno, no ano passado o colega que o acompanhou realizava fichas de trabalho com ele...”.

Uma vez que as orientações não eram específicas e as opiniões dos colegas de grupo eram divergentes, demos conhecimento da situação em reunião de grupo, da nossa intenção de trabalho, designadamente: primeiro, solicitar que o aluno estivesse acompanhado sempre de equipamento desportivo; depois, fazer uma avaliação inicial, no sentido de perceber quais as suas limitações específicas e nível de integração/enquadramento na turma; de seguida, estabelecer um plano de trabalho exequível para o aluno.

O desafio era grande, mas a nossa predisposição para trabalhar e a vontade de ser ajudado do aluno deram frutos.

Inicialmente realizou-se um trabalho individualizado com os materiais disponíveis (pesos, colchões, bolas, bicicleta, paralelas, arcos, entre outros), estimulando a coordenação dos membros, força, destreza, reação a estímulos, realizando as tarefas com ele de um modo cooperativo, numa fase inicial. Depois, de um modo competitivo, quando o aluno já dominava a tarefa.

Gradualmente, conseguiu-se que o mesmo fosse inserido no espaço de aula da sua turma, integrando formas jogadas em várias modalidades, sendo aceite e muitas vezes valorizado pelos colegas da turma. Em todas as situações estávamos perto, auxiliando e garantindo as condições de segurança para o aluno.

Em ata, na última reunião de grupo do ano letivo em questão, foi deixada a informação de que o aluno deveria manter a continuidade de um apoio individualizado por parte de um professor de Educação Física, e sempre junto da sua turma, realizando as tarefas de acordo com as suas limitações.

Consideramos que aprendemos bastante na área da Educação Especial, interagimos com um maior número de docentes e equipas formativas, ficando mais competente para enfrentar alunos com necessidades diferentes/individualizadas em contexto educativo.

No ano letivo 2016-2017, no agrupamento de escolas da Moita, deparámo-nos com uma situação de acomodação/ resistência à mudança na área da aptidão física por parte do grupo disciplinar de Educação Física. Estavam aprovados os critérios de

avaliação da disciplina e os testes contemplados na avaliação da aptidão física eram os constantes da bateria de testes do Fitnessgram.

Uma vez que três docentes deste grupo disciplinar, entre os quais nos incluímos, estavam a iniciar a frequência da ação de formação no centro de formação de escolas do Barreiro e Moita, “A Plataforma FITescola como instrumento de Apoio do Desenvolvimento da Aptidão Física dos Alunos na Disciplina de Educação Física e no Desporto Escolar” (**anexo VI**), foi questionado em grupo e explicado que as orientações programáticas passaram a frisar esta nova plataforma.

Nenhum dos professores do grupo tinha tido formação anterior e, havendo a necessidade de quantificar (para a avaliação final do período), não foi conseguido de imediato que se partisse para a aplicação obrigatória dos testes do FITescola. Contudo, ficou em aberto que cada professor poderia “avaliar” os seus alunos experimentando os novos testes (impulsão horizontal e vertical) e mudando as condições de realização do teste dos abdominais, mas que para a avaliação sumativa seria utilizado o Fitnessgram, tal como aprovado.

Nos vários momentos de avaliação tentámos algumas formas de sensibilização, nomeadamente a realização conjunta dos testes com as outras turmas, executando os dois testes da impulsão e mudando, gradualmente, a forma de execução dos abdominais.

Com o avançar do ano letivo, esta questão continuou a ser debatida em grupo disciplinar e decidiu-se que, quando acabassem as atividades letivas e os colegas envolvidos na formação tivessem acabado a sua lecionação, se realizaria uma formação interna, no sentido de esclarecer/ experienciar os testes e as potencialidades da plataforma FITescola.

Em junho de dois mil e dezassete essa formação foi concretizada, todos os elementos do grupo exploraram a plataforma, ficando decidida a proposta de alteração dos critérios de avaliação para o ano letivo seguinte contendo os testes de Aptidão Aeróbia, Composição Corporal e Aptidão Muscular constantes da plataforma Fitescola, nomeadamente o Vaivém, Flexões de Braços, Abdominais, Índice de Massa Corporal, Senta e Alcança, Flexibilidade dos Ombros, Impulsão Horizontal e Vertical.

Consideramos que o investimento na formação de professores é uma mais valia para a mudança da prática dos docentes. Participámos nas ações de capacitação de modo a conhecer os novos modelos de apoio ao desenvolvimento da aptidão física dos

alunos e dar o nosso contributo para os pares. Esta dinâmica multiplicou-se e deu origem à melhoria dos documentos estruturantes do Agrupamento.

4.2. Realização de atividades

De acordo com Marques (2010), a escola desempenha um papel muito importante na sociedade, pois após o tempo passado em casa, é onde os jovens permanecem mais horas e estabelecem a grande maioria das suas relações.

A importância da escola, enquanto entidade promotora não só de aquisições cognitivas, mas de uma cultura holística de bem-estar físico e psicológico, é reconhecida pela *American Academy of Pediatrics* (2000), para a qual são enunciadas várias recomendações, tais como:

Fornecer ambientes físicos e sociais que incentivem e permitam o desenvolvimento de forma segura das atividades físicas; implementação da educação física e educação para a saúde através de currículos que estimulem a participação de forma agradável dos alunos em atividades físicas, no sentido de desenvolver conhecimentos, atitudes, habilidades motoras e a confiança necessária para a adoção de estilos de vida fisicamente ativos.

(*American Academy of Pediatrics*, 2000:1156).

Neste sentido, a Educação Física escolar providencia uma ótima oportunidade para que todos os alunos participem em atividades físicas e desportivas de forma estruturada e regular.

Tendo por base esta proposição, o Ministério da Educação tem tido a preocupação de estabelecer orientações claras nos Programas Nacionais de Educação Física, de forma a adequar a instrução ao desenvolvimento e às faixas etárias das crianças/ jovens.

No 1º ciclo, fase em que as crianças poderão efetuar aprendizagens psicomotoras essenciais que contribuem para o seu desenvolvimento são e integral, encontra-se explícito num dos objetivos gerais do Programa a “elevação do nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas” (Ministério da Educação, S/d: 39) das crianças. Estas competências podem ser adquiridas por via da execução de exercícios que trabalhem, por exemplo, a resistência geral, a velocidade de reação simples e complexa em ações motoras básicas e de deslocamento, a flexibilidade, o controlo de postura, o equilíbrio dinâmico em situações de «voo», de aceleração e de apoio instável

e/ou limitado, bem como o controlo da orientação espacial, o ritmo e a agilidade (Ministério da Educação, S/d:39).

Numa perspetiva temporal, olhando para os objetivos do ensino secundário, percebe-se ser notória a preocupação com aspetos mais latos com impacto nas vidas dos seres humanos, cuja aprendizagem é proporcionada nas aulas de Educação Física em contexto escolar, salientando-se os seguintes:

(...) Identificar e interpretar os fenómenos da industrialização, urbanismo e poluição como factores limitativos das possibilidades de prática das actividades físicas e da aptidão física e da saúde das populações. (...) Conhecer e interpretar os factores de saúde e risco associados à prática das actividades físicas e aplicar as regras de higiene e de segurança. (...) Conhecer e aplicar diversos processos de elevação e manutenção da condição física de uma forma autónoma no seu quotidiano, na perspectiva da saúde, qualidade de vida e bem-estar. (...) Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas gerais, particularmente de resistência geral de longa e média durações, da força resistente, da força rápida, da flexibilidade, da velocidade de reacção simples e complexa, de execução, de deslocamento e de resistência, e das destrezas geral e específica.
(Jacinto et al., 2001: 14).

Também no *Perfil dos alunos para o Século XXI* (Gomes et al., 2017) mostra que o perfil dos alunos no final da escolaridade obrigatória estabelece uma visão de escola e um compromisso com ela. Entre as áreas de desenvolvimento e competências chave deste documento orientador, o bem-estar e a saúde não são esquecidos.

As competências na área de bem-estar e saúde dizem respeito à qualidade de vida do indivíduo e da comunidade. As competências associadas ao bem-estar e saúde implicam que os alunos sejam capazes de:

- adotar comportamentos que promovem a saúde e o bem-estar, designadamente nos hábitos quotidianos, na alimentação, na prática de exercício físico, na sexualidade e nas suas relações com o ambiente e a sociedade;
- manifestar consciência e responsabilidade ambiental e social, trabalhando colaborativamente para o bem comum, com vista à construção de um futuro sustentável

(Gomes et al., 2017: 15).

O mesmo documento reforça também que “estes desígnios complementam-se, interpenetram-se e reforçam-se entre si num modelo de escolaridade orientado para a aprendizagem dos alunos, que visa, simultaneamente, a qualificação individual e a cidadania democrática” (Gomes et al., 2017: 10).

Face a esta realidade, como professores de educação física, e co-responsáveis pelo desenvolvimento integral do aluno com quem se contacta várias vezes por semana em contexto pedagógico, procurámos conhecer bem os alunos, os seus hábitos de vida pessoal e os da sua família, de modo a poderem ser colocadas em prática várias ações estratégicas que tenham em conta não só o cumprimento do programa, mas também o desenvolvimento de competências que conduzam aqueles a estilos de vida saudáveis, através das práticas nesta disciplina **(anexo VII)**.

No preâmbulo da Estratégia Nacional para a Promoção da Atividade Física, da Saúde e do Bem-Estar (Silva P., Graça, Mata, Arriaga, Silva, A., 2016) consagra-se que a inatividade física é considerada como um dos principais fatores de risco para as doenças crónicas não transmissíveis. Considerando a relevância deste problema de saúde pública, a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2002) recomenda a adoção de instrumentos estratégicos nesta área que facilitem a organização dos serviços, a formação de profissionais e a distribuição de recursos para a promoção da atividade física e, por outro lado, que sejam criadas condições para que existam ambientes promotores de atividade física nos locais onde as pessoas vivem e trabalham, reconhecendo as vantagens de ter um estilo de vida mais ativo, diminuindo o sedentarismo.

Sabe-se que o padrão de vida, em termos gerais, melhorou: mais zonas urbanizadas, maior diversidade alimentar, mais acesso aos serviços de saúde, que são disso exemplo. Contudo, cada vez mais as “abruptas mudanças” do estilo de vida das pessoas têm consequências diretas para a sua saúde, pois começaram a aparecer doenças que outrora não fariam parte do seu quotidiano (Instituto do Desporto de Portugal, IP, 2011). Estas doenças podem ter diversas origens, nomeadamente na predisposição genética, no meio ambiente e nos hábitos/ estilos de vida.

Rapidamente os hábitos alimentares modificaram-se, a chamada “comida de plástico” passou a ser alimentação corrente desde as idades mais jovens.

O nível de atividade física diminuiu (não existem, visivelmente, tantas crianças e jovens a brincar na rua como há poucas décadas atrás), tanto pelos perigos existentes fora de casa, que incitaram o desenvolvimento de níveis mais exigentes de supervisão e acompanhamento parental, como a par do desenvolvimento das novas tecnologias (computadores, consolas, *Playstations* e afins), que vieram alterar os seus gostos.

Ainda mais preocupante, os pais que não são ativos no que diz respeito à atividade física, tendem a acomodar-se à situação de “deixar o(a) filho(a) ficar em casa a jogar”, em vez de o levarem a um treino, ou encontro. Outros não deixam os seus filhos praticar atividades desportivas de que gostam se não obtiverem os resultados que os encarregados de educação desejam (Luz, 2017).

Se os adultos não forem educados para estimular, nos filhos, estas questões, a situação geral da população ainda tenderá a piorar mais.

No ano letivo 2015-2016 os professores de educação física depararam-se com a seguinte questão: a existência de alunos que não participam em algumas atividades escolares (sejam torneios interturmas, desporto escolar, representação da escola em fases avançadas dos vários projetos desportivos) pelo facto de os pais não deixarem, alegando algum rendimento menos bom em disciplinas teóricas. Isto acontece, fundamentalmente, nas turmas de prosseguimento de estudos.

Como estratégia de atuação tentámos, por um lado, sensibilizar os alunos para explicarem aos seus encarregados de educação a oportunidade que é praticar uma modalidade de que gostam, de uma forma formal, com um nível de competitividade crescente, gratuitamente, e com impacto para o seu desenvolvimento pessoal e social. Mostrámos que esta atividade lhes proporcionaria melhores rendimentos académicos, e convocando os pais mais intransigentes, para a sua sensibilização.

No que diz respeito aos contactos com os pais, obteve-se algum sucesso com alguns dos que pertenciam à nossa direção de turma, mas, na sua maioria, havia claramente a priorização dos resultados académicos em detrimento da participação nas atividades.

Para sensibilizar os pais relativamente à importância do exercício físico, no ano letivo 2015-2016, no Agrupamento de Escolas da Moita, dinamizámos uma caminhada por período, ao sábado, para os pais/ encarregados de educação dos alunos da nossa direção de turma. Conseguimos cativar alguns e mobilizá-los para atividades ligadas ao desporto e à solidariedade social. Simultaneamente, incutiram nos seus educandos maior motivação para a prática de exercício físico.

Outro constrangimento existente prende-se com o facto de continuarem a surgir momentos de avaliação de disciplinas teóricas nos finais de período, coincidindo com algumas atividades desportivas. Apesar dessa situação estar clarificada junto dos órgãos

de gestão, com vista a garantirem que não sejam realizados momentos de avaliação na última semana de aulas, por vezes essa regra não é respeitada.

Além destas estratégias, poderão ser concertadas outras entre o grupo disciplinar no sentido de, em cada início do ano letivo, sejam comunicados aos pais aquando da receção de novos alunos no agrupamento, todos os benefícios da participação nas atividades presentes no Plano Anual de Atividades. Por exemplo, para incentivar essas atividades, dinamizar uma sessão de esclarecimento para pais e encarregados de educação, na receção aos alunos. O grupo do curso de Apoio à Gestão Desportiva poderá provomer uma mostra das atividades existentes no Desporto Escolar do Agrupamento, por forma a que os encarregados de educação e os alunos possam escolher conscientemente a sua modalidade preferida.

No que diz respeito aos recursos espaciais, é enunciado nos programas nacionais de educação física que a sua aplicação “(...) implica que os espaços sejam, de facto, polivalentes, isto é, que admitam a possibilidade de se realizarem actividades de aprendizagem de todas as áreas ou sub-áreas (mesmo que não seja nas situações formais), de maneira a que o professor possa optar pela seleção de matérias e modos de prática em cada ciclo de trabalho e no conjunto do ano letivo” (Jacinto et al., 2001: 23).

Na escola, por vezes, torna-se difícil a execução de certas atividades, pois ainda existem estabelecimentos escolares que não têm qualquer espaço coberto. Cabe ao professor potenciar o espaço disponível, face aos desafios curriculares.

Por exemplo, no ano letivo 2014-2015, na escola onde lecionámos, com uma turma do terceiro ciclo, deparámo-nos com 28 alunos e uma sala de reduzidas dimensões (adaptada de uma anterior sala de Educação Musical, pois ainda estavam lá colocados os quadros desta disciplina). Como material tinha seis tapetes de ginástica, um plinto e um trampolim *reuther*.

Naquele espaço, e com uma turma daquelas dimensões, após termos experimentado, verificou-se que não se conseguia efetivamente trabalhar conteúdos da ginástica, manter os alunos em prática efetiva, nem um clima de aula favorável para a aquisição de competências.

Não raras vezes, sempre que as condições climáticas o permitiam, acabou por se concretizar a aula no espaço exterior, transportando para lá o material específico da

ginástica, mesmo sabendo que o seu desgaste seria maior, apesar dos devidos cuidados no seu manuseamento.

Contudo, face à dimensão da turma e ao recurso espacial disponível, foi a situação encontrada para trabalhar junto das turmas, com aulas politemáticas e com maior tempo de prática para todos.

Nem sempre isto acontece, mas o professor tem de encontrar soluções eficazes, mesmo quando as condições se tornam adversas à boa prática pedagógica. Aprendemos a ser mais versáteis e flexíveis, pois mesmo com a aula planeada de uma determinada maneira, podemos encontrar melhorias pedagógicas com as alternativas existentes. Não imputámos essa responsabilidade à gestão, nós próprios encontrámos uma solução.

Em conjunto com o grupo disciplinar dinamizámos sempre as atividades que nos foram incumbidas **(anexo VIII)**, acompanhámos alunos a fases de apuramento para campeonatos regionais, distritais e nacionais (a nível do desporto escolar na modalidade de Badminton e nos projetos promovidos pelo Desporto Escolar no âmbito do Atletismo – Mega Sprint, Mega Salto e Mega Kilómetro), colaborámos com os projetos de outras disciplinas, acompanhando alunos em atividades dentro e fora da escola, em visitas de estudo **(anexo IX)**.

Enquanto professores requisitados pela equipa do Desporto Escolar da Península de Setúbal, participámos na organização dos campeonatos locais, distritais e regionais do Projeto Basquetebol 3x3.

Estivemos sempre envolvidos nos Projetos de Educação para a Saúde, participando com os alunos nas marchas da saúde. Por exemplo, no ano letivo 2012-2013, no Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho, articulámos com o Projeto de Educação para a Saúde (PES) uma caminhada para o Parque da Cidade. Nesse espaço promovemos um debate sobre a importância da atividade física e do desporto na vida dos jovens. Pouco a pouco, fortalecemos o nosso interesse por projetos de articulação entre as várias áreas do saber.

No ano letivo 2015-2016, no Agrupamento de Escolas da Moita, estava atribuído um bloco de noventa minutos na componente não letiva, destinado a apoio aos alunos que tinham níveis negativos na disciplina de Educação Física e/ ou que revelassem excesso de peso, ou níveis residuais de prática regular de atividades físicas.

Consideramos que esta é uma oportunidade de trabalho individualizado, devidamente orientado, num espaço que não é estranho ao aluno. Aqui conseguimos estabelecer compromissos entre professor-aluno, no sentido de superar as suas dificuldades/ causas do insucesso escolar (por exemplo, excesso de peso, dificuldades de aprendizagem, interesses divergentes dos escolares, entre outros), desde que perspectivada de uma forma complementar ao trabalho na aula de educação física, coordenado com o professor da turma (caso não seja o próprio).

A carga letiva da disciplina de educação física encontrava-se dividida da seguinte forma: cursos do ensino regular – duas vezes noventa minutos por semana; cursos do ensino profissional – uma vez noventa minutos por semana. De acordo com esta premissa, o grupo disciplinar delineou a proposta de orientação de horas para apoio na disciplina onde todos pudessem dar o seu contributo (trabalhando, direta ou indiretamente, com os alunos referenciados), tentando-se enquadrar o horário dos vários professores de acordo com a disponibilidade da maioria dos alunos que estavam nessas condições para propiciar um trabalho individualizado com cada um deles.

Para o desenvolvimento do nosso trabalho compareceram regularmente três alunos. Um deles tinha nível negativo à disciplina porque apenas se empenhava nas matérias que envolviam os jogos desportivos coletivos, alegando que em anos anteriores não participava, não se empenhava em algumas atividades de que não gostava (por exemplo, a dança, badminton e ginástica). Os outros dois apresentavam excesso de peso. Um deles tinha sucesso na disciplina, mas recusava fazer algumas tarefas, receando ser alvo de gozo por parte de colegas; outro iria concluir um módulo de aptidão física no final do ano letivo e não tinha atingido a zona saudável no teste do vaivém e da força média e superior.

As estratégias de atuação com os estudantes foram diferenciadas. No caso do primeiro aluno, a estratégia baseou-se na competição. Jogou-se com o aluno e incentivou-se o mesmo a ganhar ao professor em diversas atividades, o que fez com que o discente se mantivesse motivado para superar as dificuldades em áreas que não dominava, solicitando ajuda. No caso dos alunos com excesso de peso, apesar de inicialmente não terem rejeitado por completo a prática, houve algumas dificuldades em os incentivar a estabelecer compromissos de superação. Nas primeiras semanas o trabalho foi individualizado e, posteriormente, feito com os dois alunos, em simultâneo.

Para além disto, os alunos comprometeram-se a mudar alguns dos seus hábitos alimentares, no sentido de complementar o trabalho no âmbito das atividades físicas (respeitar o número de refeições diárias, passar a almoçar no refeitório da escola em vez de ir ao café, entre outras).

No que diz respeito aos resultados obtidos, foram atingidos patamares de resistência e de força (trabalhados através de circuitos) de forma gradual, que permitiram atingir valores perto da zona saudável dos respetivos testes e, no final do ano letivo, os três alunos obtiveram sucesso na disciplina. Mais do que isso, consideramos que houve mudança da sua postura face à mesma e à criação de hábitos de atividade física regular.

Desta forma, esta experiência contribuiu para nos apercebemos da importância dos compromissos que podem ser estabelecidos em aula, nas dificuldades de integração que alguns alunos têm face à sua diferença (imagem física, dificuldades de aprendizagem) e na importância que o professor tem na integração social de todos eles.

De um modo geral, para o normal desenrolar das aulas, dedicámos um tempo inicial para uma breve instrução, de forma clara, no sentido de enunciar os conteúdos/temáticas a abordar (quer fossem de novas aprendizagens, quer fossem de consolidação), enunciar a forma de funcionamento da aula (estações, circuitos, exercícios critério/ formas jogadas). Recorremos a alunos como agentes de ensino para demonstração, organizando grupos de trabalho, evitando grandes paragens ao longo da aula, para não quebrar a sua continuidade/ intensidade do esforço. No final de cada aula e após o retorno à calma, foi passada a informação do local onde decorreria a sessão seguinte, bem como a sua temática.

Procurámos dar feedbacks variados, na sua maioria positivos e incentivadores, utilizando deslocamentos no sentido de ter toda a turma no campo de visão. Sempre que possível passava-se à individualização, quer para dar feedback, quer para corrigir algum comportamento fora da tarefa. Registámos informações em pequenas grelhas com regularidade, de acordo com os indicadores de sucesso das várias matérias (**anexo X**), transmitindo posteriormente os resultados aos alunos, que estando sempre em processo de avaliação, não basta prepararem-se apenas para uma avaliação sumativa “x ou y”.

Face a este pressuposto, e visando alunos com maiores dificuldades, foram estruturadas variadas formas jogadas como progressão para a aquisição de conhecimentos/ competências das várias modalidades, elaborados testes e fichas de trabalho individuais/ grupo, bem como dado um apoio mais individualizado em aula.

Foi estimulado o trabalho cooperativo, tentando-se que os alunos conseguissem evoluir nas variadas matérias, constituindo grupos heterogéneos. Em cada unidade de ensino foram utilizados variados grupos, de acordo com as avaliações iniciais feitas em cada turma, no sentido de se promover a responsabilidade e o espírito de entreajuda. Quando os objetivos a atingir eram muito distintos, utilizámos a divisão em grupos nível, com objetivos específicos para cada um.

Não obstante a entreajuda e a cooperação que deve ser fundamentada nas aulas, é reconhecido por alguns autores, de entre os quais Estanqueiro (2010), que a competição entre os alunos pode funcionar como estímulo para a sua auto-afirmação.

Face ao exposto, tivémos sempre como objetivo, ao longo de todas as aulas, fomentar o companheirismo e não a rivalidade-competição excessiva, resolvendo eventuais conflitos entre a turma, de forma construtiva.

Ao longo do processo ensino-aprendizagem foram, também, utilizadas as novas tecnologias, sem prejuízo do trabalho prático da disciplina.

Nesta experiência assumimos compromissos individuais e coletivos, não nos acomodámos face às dificuldades, refletindo e procurando caminhos de sucesso para os alunos. Trata-se de um processo formativo e avaliativo, de crescimento pessoal e profissional.

Posto isto, e no sentido de favorecer uma equilibrada formação da identidade pessoal e profissional, revemos as nossas práticas no seguinte esquema:

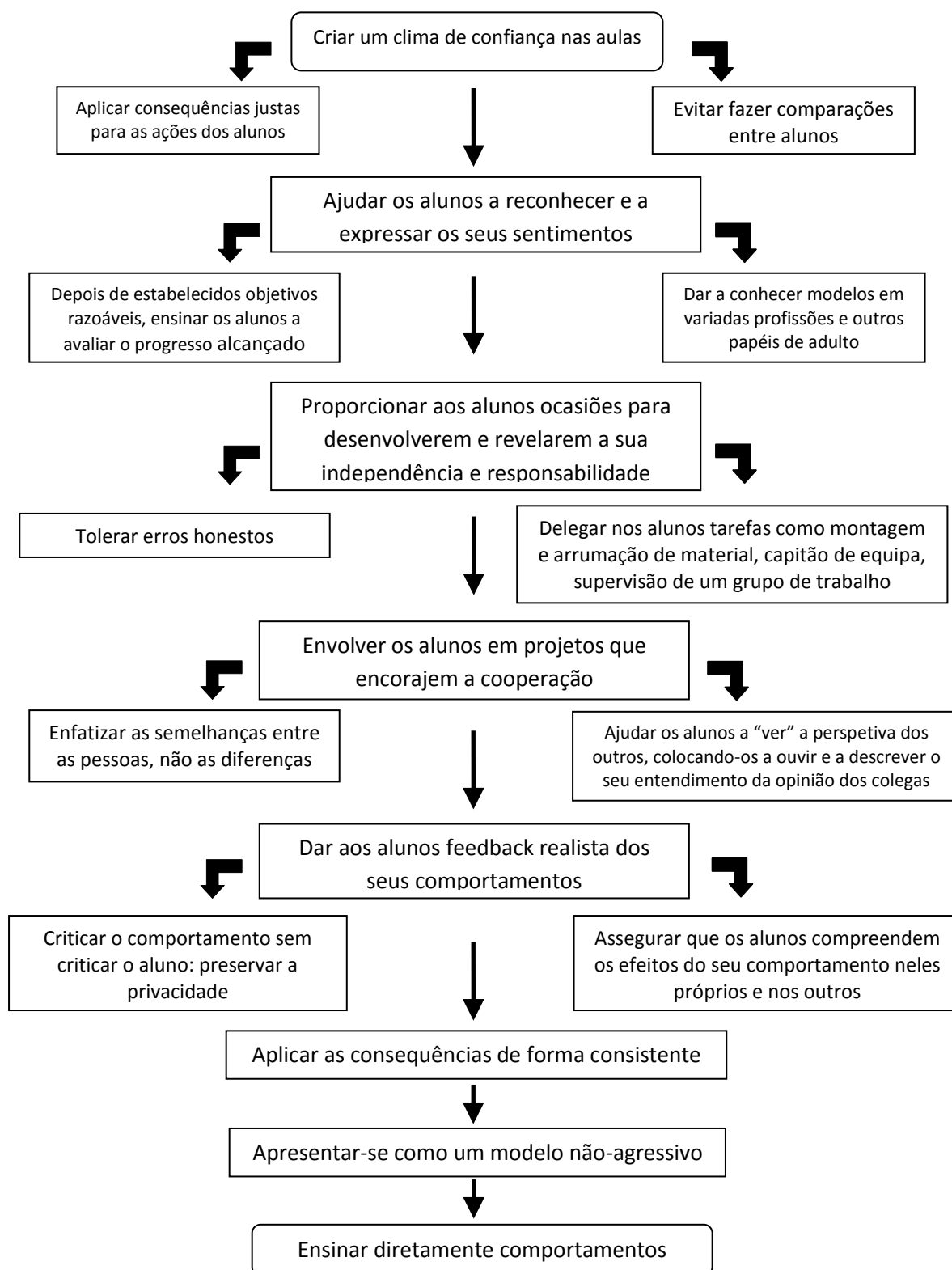


Figura 2: Práticas Pedagógicas
Fonte: Adaptado de Aires (2010)

4.3. Relação Pedagógica com os alunos

Siedentop (1991), dando o seu contributo para a relação pedagógica, identifica quatro grandes grupos onde se podem “arrumar” os procedimentos a adotar na intervenção pedagógica com os alunos, a saber: instrução, organização, disciplina e clima relacional.

De acordo com o mesmo autor, a dimensão instrução compreende um conjunto de comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica que fazem parte do repertório do professor, no sentido da comunicação clara da informação. Neste âmbito destaca quatro itens: preleção, *feedbacks* pedagógicos, demonstração e questionamento.

Nas nossas aulas procurámos sempre que a instrução inicial fosse dada de forma sucinta e clara, permitindo um início rápido da parte prática.

No ano letivo 2014-2015, na Escola Básica da Quinta da Lomba, os alunos de 7º ano eram bastante irrequietos e tinham pouca concentração. Havia necessidade de encontrar uma estratégia que lhes chamasse a atenção e os acalmasse. Por conseguinte, optámos por utilizar sempre na instrução inicial com pequenos desenhos e diagramas, com os esquemas dos conteúdos a abordar, tentando captar a atenção de todos, envolvendo-os no processo, não o tornando moroso.

Durante a parte principal da aula tentámos garantir o adequado posicionamento perante a turma, a pertinência e qualidade da informação transmitida, com uma linguagem acessível aos alunos e realizámos questionamento, no sentido de saber se a informação estava a ser compreendida.

De acordo com Onofre e Costa (1994), o professor deve procurar conhecer quais os princípios e procedimentos possíveis de adoptar e ter a capacidade de decidir quais se melhor adequam a cada situação, contribuindo para uma intervenção pedagógica mais eficaz.

Sempre que necessário, reformulámos a informação a transmitir e tentámos garantir que a mesma fosse apropriada por parte dos estudantes.

Na parte final de cada aula fizemos uma análise dos conteúdos abordados, as principais dificuldades encontradas, bem como a extensão da matéria para as aulas seguintes. Damos “voz aos alunos”, de modo a que procedessem à sua autoavaliação, enquadrada na avaliação das dinâmicas da aula.

Na fase de organização, o professor organiza as atividades na aula, gerindo a formação de grupos de trabalho, as transições, as pausas e início de atividades e a arrumação de material (Siedentop, 1991).

Preocupámo-nos sempre em manter atividades dinâmicas, com ritmo e entusiasmo para os alunos, mantendo as rotinas de aula adquiridas ao longo do ano.

De acordo com Doyle (1986), o ensino é uma atividade dinâmica e complexa, no qual professores e alunos interagem num espaço caracterizado pela multidimensionalidade, simultaneidade e imprevisibilidade de situações.

O clima relacional e a disciplina estão relacionados, na medida em que o professor é quem regula a atividade por forma a obter elevado nível de envolvimento dos alunos nas situações propostas em aula, com o objetivo de proporcionar um clima relacional positivo e gerindo as condições para uma aprendizagem favorável (Siedentop, 1991).

Durante as nossas práticas, tentámos sempre valorizar o trabalho dos alunos, privilegiando as informações positivas, de acordo com as regras estabelecidas de forma clara, pois pretendíamos que houvesse um equilíbrio, com um clima exigente, de confiança e respeito.

Só assim, “os professores conquistam o respeito dos alunos, pela sua competência científica e pedagógica, não apenas pelo seu estatuto profissional. O modo como exercem a sua autoridade influencia o comportamento dos alunos” (Estanqueiro, 2010, p.61). ”.

Beltran (1994) considera que as atitudes são fatores que antecedem a aprendizagem, podendo favorecer ou prejudicar a mesma. Não obstante o inverso também ser verdade, um dos objetivos do professor passa por desenvolver nos alunos atitudes adequadas face à escola e às matérias curriculares, potenciando a sua aprendizagem. Quando o aluno está motivado e aprende, a sua atitude também se modifica.

Consideramos que o aluno é um ser em constante mudança/aprendizagem. Os adultos que o rodeiam têm a missão de o integrar na sociedade, de ensinar a viver com o outro, de transmitir valores que contribuam para a sua formação pessoal e profissional, despertando a vontade e motivação para aprender. Acreditamos que uma escola de qualidade para todos só pode existir com equidade, ou seja, o direito que todos têm de

aprender. Por isso, o papel do professor é muito exigente ao tentar que cada um tenha uma atitude positiva face à aprendizagem e ao saber.

Por exemplo, no ano letivo 2014-2015, no Agrupamento de Escolas de Santo André, promovemos um concurso de competências sociais para as nossas turmas de 7º ano, em colaboração com o Conselho de Turma. Organizámos um grupo de controle dos alunos com menos faltas disciplinares e com mais comportamentos assertivos durante o segundo período. Para esses alunos foi promovido um passeio com um piquenique ao ar livre. No final do ano foi-lhes atribuído um diploma de mérito. Não é fácil conseguir modificar o comportamento dos alunos sem o envolvimento e responsabilização das famílias. No entanto, nunca nos demitimos do nosso papel de formar e preparar os alunos com valores de cidadania ativa.

Para Pereira, Paulo, Costa, Francisco & Diniz, José (2009), o conhecimento das atitudes dos alunos face à Educação Física permite verificar se os mesmos gostam ou não da disciplina e qual a melhor forma de as modificar, caso necessário.

Por vezes, deparávamo-nos com situações de comportamentos e atitudes inesperadas, para com os colegas, professores ou materiais utilizados. Uma das formas de identificação as causas dos problemas enunciados prende-se com a recolha de testemunhos quer dos alunos quer dos professores, podendo ser desenvolvidos através de narrativas.

Segundo Gomes (2003), a narrativa é utilizada num vasto leque de áreas, com interesses múltiplos. Surge como um meio de excelência para atingir determinados objetivos, quer ao nível científico e investigativo, quer ao nível lúdico e pedagógico.

Clandinin e Connelly (1991) consideram que os estudos de vida e as narrativas dos professores contribuem para uma reflexão sobre a sua vida profissional, bem como para uma compreensão do modo como vivem o seu trabalho. A partir daí, podem proceder a mudanças no seu modo de atuação.

Cruz (2015) considera que ao serem solicitadas narrativas aos alunos, dando-lhes voz, é revelado o interesse pelo estudante como peça fundamental no processo de ensino-aprendizagem. A partir das reflexões dos alunos o professor pode aferir as motivações e expectativas dos mesmos face à disciplina e seus conteúdos, bem como a concretização de objetivos estabelecidos.

No final de cada ano letivo temos por hábito recolher a opinião dos alunos sobre as nossas práticas pedagógicas, enquanto docentes e/ou Diretores de Turma. Consideramos útil proceder a este balanço, pois pensamos que os alunos são “os melhores juízes em causa própria”. Só trabalhando em conjunto com eles podemos refletir acerca das suas sugestões de melhoria, nas nossas práticas pedagógicas, sentindo, percebendo e adaptando caminhos conducentes ao seu sucesso e inclusão.

Atestando a boa relação pedagógica estabelecida com a população escolar, evidenciam-se os seguintes testemunhos:

Bem, vim aqui dizer que o Professor Rui Luz de Educação Física, foi o melhor Professor que alguma vez tive.

Subiu muito a minha consideração, gostei muito do Professor, como Professor e amigo.

É muito Educado, simpático, bem, é engraçado, divertido, sempre a fazer rir os alunos e quando não sabemos uma coisa, o site fica ali a dar-nos forças para conseguirmos.

Agrade - me muito mesmo!

O Professor não pode mudar de Escola, vai fazer falta a muito gente.

Se calhar, não encontrarem um Professor como o Professor Rui Luz.

Figura 3: Testemunho de aluno A, ano 2012-2013, Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho.

Adorei as aulas de educação física este ano!
Nunca me interessei muito por esta disciplina, mas este ano o meu professor Rui Luz motivou-me. Não tenho nenhuma opinião negativa a ~~dever~~ declarar. Apesar de nem sempre conseguir fazer todas as atividades bem, o professor ajudou-me sempre que pode. Gostei de tudo, principalmente de ~~de aprender~~ ~~de aprender~~ de empenho em tentar ~~gostar~~ praticar um bocadinho de todos os desportos. Sou grato ter este professor até ao 9º ano, pois este professor é um dos meus preferidos. O professor nunca faltou e ajudou-nos em tudo o que precisamos. Não quero outro professor, só quero tê-lo para o ano seguinte.)

Figura 4: Testemunho de aluno B, ano 2012-2013, Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho.

Neste ano letivo, eu gostei da disciplina de Educação Física. Achei que, neste ano, tentei superar algumas das minhas dificuldades nesta disciplina apesar, de algumas vezes, não conseguir superar essas dificuldades esforcei-me ~~na disciplina~~ e acho que isso é fundamental. No entanto, ~~com o tempo~~ algo que também é muito importante foi o empenho que o professor teve comigo e isto fez com que algumas destas dificuldades fossem superadas.

Figura 5: Testemunho de aluno C, ano 2013-2014, Agrupamento de Escolas da Moita.

Penso que este ano correu bastante bem, gostei muito das aulas e do professor e chego do meu bom gosto anível do futebol :)
Gostei muito do passeio, foi o melhor este ano diverti-me muito.
Para o ano era bom que a stoa continuasse cá!

Figura 6: Testemunho de aluno D, ano 2014-2015, Agrupamento de Escolas de Santo André.

Gostei muito da actividade realizada na Praia da Rachada e na piscina do Barreiro. Pois é uma actividade fora do vulgar e das actividades que se realizam normalmente entre outras actividades e visitas de estudo.
Gostei mais da Praia de areia na Praia da Rachada, pois, promoveu o relacionamento entre a cultura da zona, ao juntar os grupos.
Espero que se continue a realizar actividades de grupo, e de preferência mais por ano letivo, pois a actividade física e o desporto são muito importantes, não esquecendo que o contacto com a natureza é também muito importante.
O professor Rui Luz, devia ficar conhecido para o próximo ano letivo, porque tem um bom relacionamento com a turma, e consegue transmitir-nos as conhecimentos necessários.
Continuação de um bom trabalho :)

Figura 7: Testemunho de aluno E, ano 2015-2016, Agrupamento de Escolas da Moita.

4.4. Avaliação

“A avaliação é um processo de recolha e interpretação sistemática de informação que conduz à formulação de juízos de valor que fundamentam a tomada de decisões” Beeby (1977); cit in Valadares (2016) “.

Carvalho (1994) entende que a avaliação é o processo que permite recolher e interpretar informações, para uma posterior tomada de decisão.

De acordo com Araújo (2007) os professores têm a necessidade de utilizar a avaliação como suporte de todas as suas decisões, sejam elas de cariz orientador, regular ou certificador.

O professor avalia o que os alunos aprendem, de acordo com o que lhes é ensinado (Carvalho, 1994). A autora defende que o professor deve tentar perceber quais as prioridades de desenvolvimento do aluno e estabelecer objetivos de aprendizagem a concretizar nas aulas de Educação Física. Estrutura este processo em três momentos, a saber:

- no início do ano letivo, quando se quer diagnosticar o que os alunos conseguem fazer e orientar o processo de ensino-aprendizagem para os objetivos a atingir, denominada fase de avaliação inicial;

- ao longo do ano, recolhendo informações de como estão a ser apropriadas as aprendizagens, no sentido de regular o processo, denominada fase de avaliação formativa;

- no final de cada período letivo, onde está em causa uma classificação para o aluno, em função dos objetivos concretizados nas várias áreas, denominada de avaliação sumativa.

É comum ouvir, por parte de alguns docentes, a seguinte frase: “O que mais me custa ao longo do ano letivo é avaliar”.

Segundo Onofre (1996), quando avalia um aluno, o professor pode ter objetivos para além de classificar, nomeadamente fazer um prognóstico das possibilidades de aprendizagem dos alunos, bem como decidir sobre as condições que os ajudem a superar as dificuldades.

Posto isto, consideramos que a avaliação se inicia muito antes do que o Sistema de Ensino atual nos pede formalmente (atribuição de classificações no final de cada período letivo), devendo ser desenvolvida de forma continuada e processual.

De acordo com os Programas Nacionais de Educação Física (Jacinto et al, 2001:27), "...os objetivos de ciclo constituem as principais referências no processo de avaliação dos alunos, incluindo o tipo de atividade em que devem ser desenvolvidas e demonstradas atitudes, conhecimentos e capacidades (...)"

Cabe ao aluno demonstrar o grau de aquisição das competências nas diversas situações (percursos, exercícios, sequências, jogos reduzidos, jogo formal, entre outros).

Em todos os Agrupamentos de Escolas reportados neste relatório constatámos que têm surgido constantes debates-discussões acerca das nomenclaturas e ponderações a vigorar nos respetivos critérios de avaliação, no seio do Grupo Disciplinar de Educação Física.

De acordo com as normas estabelecidas pela escola, o grupo disciplinar seguiu os critérios gerais de avaliação e adaptou os mesmos para a sua disciplina, dada a especificidade e os resultados de avaliações anteriores dos seus alunos (**anexo XI**).

Foram também criadas fichas de registo de acordo com os vários níveis (introdutório, elementar e avançado) para cada matéria a avaliar (**anexo XII**), pois o aluno está em constante processo de avaliação. Seja ela inicial, formativa ou sumativa.

De uma forma geral, ao longo do percurso como docentes, consideramos que a avaliação inicial tem sido uma peça fundamental para o decorrer do ano letivo. É nela que os alunos demonstram as suas competências nas matérias a abordar ao longo de todo o ano, contribuindo para o processo de planeamento e delineação de estratégias a utilizar.

Também de acordo com a experiência profissional obtida, aferimos que a fase em que os alunos mudam de agrupamento é aquela onde existem maiores diferenças, ora por alegarem que o professor do ano anterior não dava determinada matéria, ora pelo facto de a escola anterior não ter pavilhão/ espaço coberto, ou por ter estado em obras, ou por causa do espaço exterior não estar em condições, entre outras razões.

Todas estas razões têm a sua validade e contribuem para a disparidade de algumas situações, tornando-se pertinente por parte do governo tornar possível o apetrechamento escolar nos casos mais delicados.

Também nesta área, alguns alunos referem sentir-se inibidos na concretização de determinada tarefa porque o professor está a olhar, a avaliar. Tentámos sempre passar a mensagem de que não interessa que façam uma vez bem em determinado dia, mas sim várias vezes ao longo do ano, demonstrando que a aprendizagem já está consolidada.

No que diz respeito à avaliação formativa, foi utilizado o diálogo como forma privilegiada de comunicação e, sempre que possível, individualizados certos *feedbacks* para cada aluno, no sentido de lhes dar a conhecer de que forma é que o seu processo de aquisição de competências está a ir ao encontro do que temos preconizado.

Também com a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), nomeadamente através de um computador portátil ou *tablet*, mostrámos aos alunos “*in loco*” as informações sobre o seu processo de ensino-aprendizagem, que estava a ser construído.

No que respeita à avaliação sumativa, procedemos à quantificação do processo avaliativo do aluno em determinadas alturas (conclusão de um módulo, final de período/ano letivo), respeitando os critérios de avaliação propostos pelo grupo disciplinar, aprovados em Conselho Pedagógico (**anexo XIII**).

No ano letivo 2014-2015, no Agrupamento de Escolas de Santo André, no final do segundo período, uma das nossas alunas tinha nível dois em Educação Física, sendo mais uma negativa que a levaria à retenção no 8º ano, no final do ano letivo.

A encarregada de educação ficou atenta a este facto e solicitou ao diretor de turma medidas de reforço para a prática de Educação Física. Embora consideremos que essa medida é tomada em linha de conta por nós, demos indicações para que a aluna frequentasse os nossos treinos do Desporto Escolar (Voleibol), tendo em vista a melhoria das suas aptidões. Para além disso, elaborámos um plano com atividades físicas a serem trabalhadas autonomamente, pois a área da aptidão física precisava de ser melhorada.

Aprendemos que a avaliação formativa pode contribuir para melhorar a qualidade das aprendizagens dos alunos e, neste caso, tendo a discente algumas dificuldades na prática, o processo foi interativo, no sentido de a apoiar, com ênfase na melhoria da relação pedagógica, nas dinâmicas da participação e do trabalho, e na utilização constante de *feedbacks* positivos, incentivando comportamentos a repetir. Diversificando o método, estratégias e as tarefas de avaliação, conseguimos que a aluna se envolvesse ativamente nos processos de aprendizagem, obtendo melhores resultados.

Além destes processos, a autoavaliação é um item que consideramos deveras importante, pois seja numa conversa individual/grupo com o professor, ou por escrito, o reconhecer do trabalho, das suas capacidades e competências nas diversas áreas, os aspetos positivos e negativos relatados/escritos, são uma ferramenta ótima de trabalho para o professor melhorar/continuar as suas práticas pedagógicas (**anexo XIV**).

Na nossa opinião não existem receitas, formas de trabalhar as várias matérias que funcionam na perfeição com a turma A, na turma B deixam de funcionar.

Posto isto, reconhecemos que “avaliar é muito mais do que dar notas. No dia-a-dia da escola, os professores não ensinam para avaliar, mas avaliam para poderem ensinar melhor” (Estanqueiro, 2010:83).

Finalmente, consideramos que avaliação de desempenho docente traduz a forma de reconhecimento por parte da escola/agrupamento de escolas do trabalho desenvolvido pelo professor, nas suas práticas letivas e no seu envolvimento e compromissos com projetos escolares e da comunidade envolvente, tendo alcançado a classificação máxima para um docente contratado nesse período (**anexos XV, XVI e XVII**). Para além destas avaliações, em anos anteriores, solicitámos observação de aulas ao abrigo da lei vigente, o que nos possibilitou alcançar a classificação de Excelente.

4.5. Atividades de Extensão Curricular - Desporto Escolar

De acordo com o Programa do Desporto Escolar (2017-2021) o desporto escolar visa a promoção da saúde e condição física, a aquisição de hábitos e condutas motoras e o entendimento do desporto como fator de cultura. São práticas lúdico-desportivas desenvolvidas como complemento curricular e ocupação de tempos livres, de carácter facultativo, integradas nos projetos dos Agrupamentos de Escolas.

Consideramos que é uma oportunidade de prática desportiva regular de uma modalidade do gosto do aluno, sem qualquer custo e, caso lhe interesse, com competição. Pela experiência profissional, onde já tivemos núcleos de desporto escolar de vários escalões, nas modalidades de natação, voleibol, futsal e badminton, não temos qualquer dúvida de que todos os alunos melhoram o seu bem-estar físico e psicológico, evoluem na modalidade em questão e, principalmente, ganham gosto pela prática regular. Os discentes estão voluntariamente nesta prática desportiva, cabendo ao professor manter a motivação e estabelecer uma relação que possibilite um compromisso do corpo com a atividade física regular. Não são poucos os momentos em que nestas

situações a realização profissional e pessoal é grande, seja na escola pública em que lecionamos, seja em todas aquelas por onde passámos anteriormente.

Como professores responsáveis do grupo-equipa, promovemos ações de recrutamento e divulgação da modalidade no início do ano letivo, realizámos as sessões de treino previstas, atualizámos as fichas de presenças na base de dados, acompanhámos, preparámos e orientámos os alunos nas competições, jogos, atividades, promovemos a formação de alunos como juizes árbitros e fizemos um balanço de toda a atividade no final de cada ano letivo.

No ano letivo 2013-2014, no Agrupamento de Escolas da Moita, o grupo disciplinar deparou-se com alguns constrangimentos por parte da direção no que diz respeito à marcação de treinos do desporto escolar, entre as 13h30m e as 15h15m.

Foram feitos pareceres, solicitações ao Conselho Geral, dando a conhecer que os horários da disciplina de Educação Física obedecem a critérios específicos, de acordo com a periodicidade das aulas e os espaços disponíveis.

Ora, se a escola tem uma larga oferta, com cursos regulares, profissionais, cursos de educação e formação, vocacionais, nos quais apenas o bloco de quarta-feira a partir das 17h estava disponível, seria lógico que não existia possibilidade de todos os núcleos treinarem a essa hora.

O período acima referido foi lançado como possibilidade, depois de auscultada a opinião dos alunos, e após verificação de que algumas turmas só tinham aulas de manhã, outras de tarde.

Alertámos para a ingestão de refeições ligeiras nos dias em que participassem nos treinos.

Posto isto, conseguimos distribuir os vários núcleos pelos dias disponíveis e, no nosso caso particular (equipa de futsal de juniores masculinos), a medida teve bastante sucesso. Os treinos estavam sempre cheios, alguns alunos ditos “problemáticos” de cursos em vez de estarem no exterior da escola na companhia de outros alunos mais velhos-ex alunos, estavam embrenhados na prática de uma modalidade do seu agrado.

Nesse ano letivo tivemos um grupo de alunos do Curso de Educação e Formação de Jovens com comportamentos de risco. Considerámos que uma das estratégias para os minimizar, ou alterar, seria a integração numa das modalidades do Desporto Escolar

(neste caso, o núcleo que estávamos a dinamizar era de Futsal). Começaram, pouco a pouco, a frequentar a atividade e ganhando motivação por ela, chegando a ter na equipa toda a turma. Percecionámos os que se destacavam, quer pelas competências na modalidade, quer pela liderança no grupo.

Atendendo a que a maioria destes jovens residia num bairro social, propusémos que iniciassem esta atividade para ocupar os tempos livres das crianças desse bairro. Em colaboração com as técnicas do Contrato Local de Desenvolvimento Social (CLDS) desenvolvemos esta dinâmica muito bem sucedida.

Consideramos que nunca podemos desistir dos alunos mais difíceis, mas sim procurar alternativas para que os valorizemos ao lhes ser dada uma responsabilidade acrescida.

No final do ano letivo, foi deixada a recomendação da libertação do pavilhão desportivo em um ou dois blocos semanais para a utilização em treinos do desporto escolar.

Ainda com esta modalidade (futsal), relatamos que assistimos com alguma frequência a insultos, agressões verbais e situações que, por muito pouco, não passaram a confrontos físicos, nos encontros em que participámos. Desde alunos a ameaçar outros alunos, a mesa e até os árbitros, presenciámos situações em que alguns professores responsáveis de equipas pressionavam o árbitro com o tempo, com as faltas, entre outras situações. No escalão de juniores, a maioria dos alunos já é maior de idade. Consideramos que, para além disto, tiverem algum apoio-incitação da pessoa responsável do grupo para estas situações, que surgem problemas com regularidade.

Não nos revemos neste tipo de prática e deduzimos que muitas destas situações advêm de pessoas que possam ter algumas frustrações passadas a nível federado, não as conseguindo dissociar no desporto escolar.

Presentemente, pela auscultação de colegas, os conflitos e problemas nas concentrações mantêm-se.

Face a contextos como estes, a cidadania deve ser desenvolvida noutros momentos de aprendizagem, ao longo das aulas formais. O grupo de Educação Física deverá formular propostas para a inclusão no Regulamento Interno do Agrupamento, de forma a penalizar os infratores e indicando regras precisas para serem cumpridas por todos os docentes da especialidade.

Nos anos letivos 2015-2016 e 2016-2017, no Agrupamento de Escolas da Moita, foi-nos atribuído o núcleo de Desporto Escolar de Badminton.

No primeiro ano a sua implementação foi difícil, pois apesar de poder abranger vários escalões e os dois géneros, não existia cultura da prática desta modalidade nesta zona geográfica e, mais concretamente, na Escola Secundária da Moita.

Após a divulgação e início da atividade, foram inseridos no Plano Anual de Atividades torneios individuais e a pares. **(anexo XVIII).**

Esta dinâmica contribuiu para a angariação/ fidelização de mais alunos.

No segundo ano da modalidade, e dado a termos lecionado nas duas escolas do agrupamento, articulámos com a colega da escola básica que também tinha núcleo da mesma modalidade, no sentido de consertar estratégias para abranger alunos do 5º ao 12º ano de escolaridade.

Alguns alunos das nossas turmas do terceiro ciclo passaram também a treinar na escola secundária, criaram-se rotinas e, presentemente, existem alunos a praticar das mais diversas idades, uma, duas, três ou mais vezes por semana uma modalidade do seu agrado, com exigência e cariz de lazer/ competição, conforme os seus objetivos **(anexo XIX).**

Com esta modalidade aprendemos que o professor tem de sair da sua zona de conforto. Até então nunca a tínhamos ministrado no Desporto Escolar, mas esta experiência tornou-se um desafio. Aceitámos a proposta da direção e articulámos todo o processo com a docente que tinha orientado estes alunos em anos anteriores.

Consideramos que nunca recusámos novas propostas, mesmo que isso implicasse sacrifício da nossa parte. As dificuldades foram sempre encaradas como oportunidades de melhoria nas nossas práticas pedagógicas.

Também não deixa de estar presente nos pontos fortes na escola, referido nos Planos de Melhorias dos Agrupamentos (decorrentes da Avaliação Externa), a manutenção da elevada oferta de atividades de enriquecimento curricular, nas quais se incluí o Desporto Escolar.

5. Participação na Escola e Relação com a Comunidade

5.1. Diretor de Turma

Para uma grande parte da população o diretor de turma é a figura que, na escola, transmite informação e gere faltas.

Hoje em dia, com a quantidade de horas que docentes e discentes passam nos estabelecimentos escolares, as relações que se estabelecem entre todas as estruturas e falta de tempo dos encarregados de educação para o devido acompanhamento dos seus educandos no dia-a-dia, são provas que desconstroem a informação anterior.

Para Bronfenbrenner (1979), o termo família corresponde à estrutura primária de organização do desenvolvimento da criança. Na ótica de Sousa (2006), a parentalidade diz respeito às funções executivas, designadamente à proteção, educação e integração na cultura familiar das gerações mais novas. Estas funções podem estar a cargo dos pais, mas também de outros familiares, ou até de pessoas que não sejam da família. É a partir das interações pais-filhos que as crianças aprendem o sentido da autoridade, a forma de negociar e de lidar com o conflito no contexto de uma relação vertical.

A família deverá favorecer um ambiente e assegurar as condições básicas de vida (alimentação, vestuário, afeto, segurança, entre outros), condições estas propícias para o desenvolvimento humano.

De acordo com Picanço (2012), existe cada vez mais a necessidade de a escola estar em sintonia com a família. É uma instituição que a complementa e juntas tornam-se lugares agradáveis para a convivência de todos.

Sabemos que a educação constitui uma das componentes fundamentais no processo de socialização de qualquer indivíduo, para a sua plena integração. Não dissocia a escola da família, dependendo uma da outra, para alcançar determinados objetivos. Tudo o que caminhar no sentido de um melhor futuro para os alunos, automaticamente, também o é para a sociedade.

Segundo Marques (2001), não existe uma forma correta de envolver os pais em todo este processo. Deverá sim, existir intensidade e diversidade no que respeita aos contactos com os encarregados de educação.

Neste sentido, o Diretor de Turma poderá ser o elo de ligação privilegiado entre a escola e a família. Crum (2002) refere-se ao professor como um “*profissional reflexivo*”. É uma figura que apresenta um nível de autonomia elevado e, para além de ter um repertório de conhecimentos, de técnicas, de valores e objetivos educacionais, deve possuir a capacidade de discernimento sobre quando atuar e aplicar estas técnicas. Para além de atuar e estabelecer relações diariamente com a sua turma, poderá envolver os encarregados de educação no processo de aprendizagem dos alunos de forma ativa.

A escola deverá oferecer uma maior variedade de modalidades de envolvimento parental, de acordo com Reis (2008). Uma vez que a maioria dos programas que envolvem as famílias é mais acessível aos pais da classe média, deve-se tentar encontrar estratégias que facilitem a participação daquelas pertencentes a estratos sociais mais baixos.

De acordo com Reis (2008), o Diretor de Turma é um educador. Apoia, acompanha, coordena, o processo de aprendizagem, de orientação, comunicação entre docentes, alunos e encarregados de educação.

Para Diogo (1998), o Diretor de Turma é uma peça central que comunica e articula com os vários elementos da escola (direção, conselho de turma, alunos, delegado, auxiliares de ação educativa, associação de pais, entre outros).

Segundo o mesmo autor, a direção de turma é um espaço de relação direta entre o educador e a criança. As relações da criança com a escola são racionais e impessoais e as relações com o Diretor de Turma podem ter um cariz mais pessoal e emocional.

De acordo com o artigo 46º do Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas de Santo André (2016), compete ao diretor de turma:

- a) Assegurar a articulação entre os professores da turma e com os alunos, pais e encarregados de educação.
- b) Promover a comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos.
- c) Coordenar, em colaboração com os docentes da turma, a adequação de atividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação concreta do grupo e à especificidade de cada aluno.
- d) Articular as atividades da turma com os pais e encarregados de educação promovendo a sua participação.
- e) Coordenar o processo de avaliação dos alunos garantindo o seu caráter globalizante e integrador.

- f) Apresentar à direção executiva um relatório crítico, anual, do trabalho desenvolvido.

Na ótica de Favinha (2012 in Lopes, 2016), o diretor de turma também desempenha um papel relevante em termos de mediação, edificando uma ponte comunicacional entre os alunos, conselho de turma, direção da escola, encarregados de educação e demais comunidade educativa.

De acordo com Morgado e Oliveira (2009 in Lopes, 2016), o diretor de turma deve procurar saber previamente o maior número de informações dos seus alunos. Contudo, a sua intervenção deverá ser neutra, nunca condicionada à partida pelas informações prévias, e conferindo um carácter pedagógico a todo o processo.

Nos anos em que nos foi atribuído o cargo de diretor de turma (2012-2013, 2014-2015 e 2015-2016), presidimos a todas as reuniões de Conselho de Turma, promovendo o trabalho de equipa entre todos os professores.

Foi desenvolvido e reestruturado ao longo do ano letivo o Projeto Curricular de Turma de acordo com as problemáticas/ dificuldades identificadas.

Na primeira reunião de Conselho de Turma fornecemos a todos os docentes informações sobre os alunos e suas famílias, bem como uma caracterização geral da turma, de acordo com o objetivo do sucesso educativo do Projeto Educativo da Escola, visando um rápido conhecimento dos alunos da turma e permitindo adotar estratégias diferenciadas para o processo de avaliação. Os colegas debateram algumas questões e aproveitaram o trabalho desenvolvido pelo Diretor de Turma.

De acordo com as características da turma foram discutidas e definidas estratégias de ensino-aprendizagem com todos os docentes envolvidos e, sempre que ocorreu alguma situação anómala, nomeadamente excesso de faltas (e consequente marcação de Planos Individuais de Trabalho, Medidas de Recuperação e Integração), participações disciplinares (e consequentes aplicações de medidas), fraco aproveitamento, manteve-se uma coordenação com o/os docentes em causa, articulando e tentando resolver os problemas com a maior celeridade possível.

Além disso, foram recolhidas informações intercalares de cada disciplina ao longo do ano letivo para dar informação aos Encarregados de Educação, bem como feita uma apreciação individual de cada aluno em todas as reuniões de avaliação de final de período, para constar da ficha individual do aluno.

Estivemos sempre em permanente contacto com os Encarregados de Educação, nomeadamente através do atendimento pessoal aos mesmos, contactos telefónicos, envio de correspondência e marcação de reuniões. Ao longo destas diligências foram dadas as informações relativas às reuniões de avaliação, assiduidade, comportamento e aproveitamento, aulas previstas, dadas e de substituição, bem como informações dos Planos Individuais de Trabalho realizados e sua aprovação/ não aprovação.

Nesta tarefa de Diretor de Turma consideramos que fomos verdadeiros “gestores” nas relações humanas e no plano de ação com o conselho de turma.

Relembramos uma das situações complexas em que tivemos que exercer o nosso poder de intervenção: no ano letivo 2012-2013, no Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho, uma aluna do terceiro ciclo tinha classificação final negativa em Francês, muito perto da classificação positiva. Atendendo ao seu bom comportamento e aproveitamento geral, colocámos a situação à discussão no conselho de turma. Democraticamente, foi decidida a transição da aluna para o 8º ano.

Se até então estávamos atentos a todos os sinais relacionados com este campo de ação pedagógica da nossa direção de turma, a partir daí mais observadores, intervenientes e assertivos nos tornámos.

No ano letivo 2014-2015, no Agrupamento de Escolas de Santo André, foi-nos atribuída uma direção de turma do 3º ciclo do ensino básico, nomeadamente de 8º ano.

Constatámos que a maioria dos alunos da turma estava numa idade em que os seus interesses eram muito focados em brincadeiras no exterior e jogos de computador. Como tal, na disciplina de Formação Cívica foram tratados temas como o *bullying*, as relações interpessoais, o regresso à escola, insucesso escolar, racismo, gravidez na adolescência, indisciplina na sala de aula. Nos vários temas foram visionados filmes, realizadas fichas e debates, assembleias de turma, entre outros **(anexo XX)**.

Ao longo do ano começámos a sentir a turma mais unida, já não eram quatro ou cinco em cada canto, denotando-se interesse pelos temas abordados e partilhando algumas das suas experiências.

Nos torneios de final de ano houve espírito de equipa, tendo-nos surpreendido pela positiva, e mudando a sua postura uns perante os outros, a escola e os estudos.

A intervenção ao nível da relação pedagógica mais próxima dos alunos, o tentar compreender o seu desinteresse pela escola, o melhorar os conflitos entre eles, levou a que o grupo se tornasse mais coeso. Também nos sentimos mais orgulhosos e motivados porque conseguimos formar ali mais uma das nossas equipas. São exemplos como este que serviram de orientação para as nossas práticas pedagógicas.

Também no ano letivo 2014-2015, perto do final do segundo período, recebemos a notificação por parte do Ministério de Educação acerca do recurso hierárquico que tinha sido feito aquando da saída das colocações (final de agosto/ início de setembro). Foi deferido e o professor deveria voltar ao agrupamento de escolas onde, por erro informático, não tinha sido reconduzido.

Os alunos manifestaram imediatamente o seu desagrado, produziram um abaixo-assinado e entregaram na Direção, solicitando a manutenção do professor, dadas as suas boas práticas, o seu relacionamento pedagógico, toda a sua atuação no meio escolar. Também os encarregados de educação intercederam nesse sentido, procuraram junto da escola perceber se poderiam fazer alguma coisa para evitar esta situação.

A escola contactou o Ministério de Educação, expondo a situação que tínhamos horário completo, exercíamos as funções na plenitude e que nos pretendiam manter até ao final do ano letivo, sem prejuízo do tempo de serviço/ recondução.

Apesar dos esforços desenvolvidos, a resposta foi negativa e o agrupamento de escolas teve de chamar outro docente para a respetiva substituição.

De imediato disponibilizámo-nos para continuar o exercício de funções (uma vez que auscultámos a escola para onde iria regressar e as tarefas seriam maioritariamente burocráticas, sem turmas atribuídas). As direções articularam entre si e houve colaboração com a escola até estar consumada a substituição, que foi algo morosa.

Passámos todas as informações sobre as turmas ao colega, tentámos que os alunos pudessem compreender e aceitar a situação, uma vez que tinha havido um erro, tardiamente corrigido.

Quando regressámos ao agrupamento de escolas da Moita, fomos incumbidos de ajudar na sala de estudo, na organização dos torneios de final de ano, bem como o apoio à direção de turma de um curso profissional.

Em jeito de balanço, a situação poderia ter sido resolvida de outra forma, uma vez que o ministério da educação assumiu o erro e deu razão ao recurso. Poderia manter o professor até ao final do ano, sem qualquer prejuízo remuneratório e de concurso futuro. Não prejudicando ninguém, consideramos que teria sido o mais correto para todas as partes envolvidas.

5.2. Professor Tutor

O Despacho Normativo 4-A/2016, de 16 junho, prevê o apoio tutorial providenciado por professores a alunos com historial de retenção (duas ou mais retenções para alunos do 2º e 3º ciclos de escolaridade).

Pretende-se atender às dificuldades específicas de cada aluno, facilitando e apoiando-os no estudo, na sua integração na turma e na escola, no cumprimento das regras escolares e no projeto de vida escolar.

Constitui-se como um recurso adicional, que acresce a outras medidas já implementadas pela escola, visando a diminuição das retenções e do abandono escolar precoce e a promoção do sucesso educativo.

No artigo 7º do Decreto acima citado, são definidas as competências do professor tutor:

- a) Reunir com os alunos que acompanha.
- b) Diagnosticar as necessidades individuais dos alunos.
- c) Acompanhar e apoiar o processo educativo de cada aluno do grupo tutorial.
- d) Facilitar a integração do aluno na turma e na escola.
- e) Apoiar o aluno no processo de aprendizagem, nomeadamente na criação de hábitos de estudo e de rotinas de trabalho.
- f) Proporcionar ao aluno uma orientação educativa adequada a nível pessoal, escolar e profissional, de acordo com as aptidões, necessidades e interesses que manifeste.
- g) Promover um ambiente de aprendizagem que permita o desenvolvimento de competências pessoais e sociais.
- h) Envolver a família no processo educativo do aluno.
- i) Reunir com os docentes do conselho de turma para analisar as dificuldades e os planos de trabalho destes alunos.

No ano letivo 2016-2017, foram-nos atribuídos dez alunos para acompanhamento tutorial específico, numa turma de um Curso de Educação e Formação (CEF), de uma turma de 9º ano de escolaridade.

Como era a primeira vez que estávamos enquadrados nesta situação, procurámos junto de colegas e da direção escolar quais as suas funções e principais objetivos a atingir ao longo do ano.

Procurámos também na lei quais as competências de um professor tutor e inscrevemo-nos numa ação de tutorias autorregulatórias, da Universidade do Minho, em cooperação com a Direção Geral de Educação (**anexo XXI**).

A primeira grande dificuldade com que nos deparámos foi o facto de os alunos já saberem que aquelas horas destinadas a estarem com o professor tinham um carácter facultativo.

No primeiro dia teve os dez alunos presentes, mas a partir daí obtivemos uma média de 6/7 alunos (que consideramos bastante positiva face ao acima mencionado).

No início do ano, sempre num clima de cooperação e entreaajuda com os alunos (tentando que não nos vissem como mais um professor e uma barreira para atingirem os seus objetivos), foi definido o perfil de cada aluno, quais as suas principais dificuldades e interesses (dentro e fora da escola), bem como os seus objetivos para o futuro.

Uma vez que éramos os professores da disciplina de Educação Física da Turma, a aproximação ao grupo foi facilitada. Contudo, nem todos os alunos, apesar de estarem num grupo mais reduzido, tiveram a facilidade de falar/ expor as suas dificuldades.

As soluções que encontrámos foram a de arranjar maneira de, pontualmente, reunir com alguns alunos individualmente, dividindo a carga horária semanal atribuída.

Foram estabelecidos compromissos, discutidas as rotinas diárias de cada um e realizadas atividades no sentido de promover a sua integração no meio escolar e que contribuíssem para o sucesso educativo de cada um dos elementos do grupo.

Todos os alunos que frequentaram o apoio tutorial específico tiveram sucesso no final do ano letivo, tendo alguns deles ingressado no ensino profissional no agrupamento de escolas da Moita, outros na escola profissional.

Dado que foi a primeira vez que tivemos uma experiência destas, também nova na lei vigente, socorremo-nos do apoio da psicóloga da escola para nos guiar nas interações de índole mais intimista e orientação vocacional. Também procurámos, de imediato, formação na área, de modo a poder (re)orientar os processos dos tutorados.

Foi uma experiência muito positiva e gratificante, à margem do habitual. Crescemos na área da Formação Pessoal e Social, um contributo fundamental para desenvolver dinâmicas dirigidas às competências do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

5.3. Relação com a Comunidade

Segundo Valadares (2016), todas as pessoas que têm ligação com as crianças, jovens e adultos, seja na escola ou fora dela, têm um papel determinante para o seu desenvolvimento e educação.

São disso exemplos assistentes operacionais, funcionários da limpeza, professores, membros da direção, pais, avós, irmãos e restante família, treinadores, jornalistas, fisioterapeutas, massagistas, entre outros.

Na teoria ecológica de Bronfenbrenner (1979), apesar do desenvolvimento do ser humano depender das suas características biopsicológicas, é também fortemente influenciado pelas características dos contextos em que cada ser humano está inserido – a realidade familiar, social, económica e cultural, funcionando como um todo.

Este modelo apresenta uma rede de estruturas hierárquicas interrelacionadas, socialmente organizadas, existindo uma interdependência mútua entre os sistemas e os seus diferentes níveis: micro, meso, exo e macrosistema.

O Microssistema é o sistema mais próximo da criança, comportando um conjunto de relações entre a pessoa e o seu ambiente mais imediato (por exemplo, casa, sala de aula).

O Mesossistema corresponde ao sistema ecológico seguinte, em termos de proximidade com a criança e diz respeito à relação entre os microssistemas, nos quais a mesma participa ativamente (por exemplo, relações na escola, com amigos da vizinhança).

No Exossistema a criança não é participante ativa, mas nesse ambiente podem ocorrer acontecimentos que a afetem (por exemplo, local de trabalho dos pais, escola do irmão, rede de amigos dos pais).

O Macrosistema trata do sistema ecológico mais remoto e envolve todos os outros ambientes (por exemplo, valores, culturas, crenças, políticas).

Também Lima (2017) refere que a escola não pode ser considerada como algo isolado, não se pode dissociar da sociedade em que vivemos, das características do ser humano atual e da forma como se estabelecem as várias relações.

O professor é considerado um educador profissional (Crum, 2002), estando as suas funções distribuídas em três níveis:

O primeiro, chamado de micro, consiste na função de planejar, conduzir e avaliar as condições de ensino-aprendizagem.

No segundo nível, denominado de meso, as funções do professor não se restringem à sua aula, mas também estão relacionadas com o enquadramento da escola (como organização e comunidade).

Por último, no nível macro, as funções docentes estão relacionados com a comunidade local, intervindo os docentes nesta rede social mais vasta.

Destarte, consideramos que o trabalho desenvolvido pelo professor individualmente ou em grupo, no seio da escola e da comunidade, é determinante para o desenvolvimento e educação das crianças em idade escolar.

As atividades dinamizadas pelo grupo de Educação Física contribuíram bastante para a promoção de atitudes e comportamentos adequados às aprendizagens, para fomentar valores de ética, solidariedade, igualdade, respeito, democracia e cidadania, melhoria do comportamento dos alunos, bem como para a promoção e criação de uma identidade de agrupamento.

Foram partilhadas as experiências pedagógicas diárias com os colegas do grupo.

Fizemos sugestões de melhoria e estamos recetivo à mudança. Participámos e fomos interventivos nas reuniões de departamento e de grupo disciplinar. Estivemos atentos à legislação, cumprimos todos os procedimentos emanados do Coordenador de grupo, do Conselho Pedagógico e da Direção. Colaborámos e articulámos sempre com os Conselhos de Turma, participando no preenchimento de documentos, identificação de dificuldades e das estratégias a adotar, aplicando as mesmas, e informando da evolução dos alunos em causa.

Disponibilizámo-nos sempre para receber encontros do desporto escolar na escola, fossem das fases locais, distritais ou regionais.

No ano letivo 2013-2014, no Agrupamento de Escolas da Moita, colaborámos na organização do campeonato regional de Badminton no Agrupamento de Escolas da Moita, nomeadamente através da montagem de campos, transporte de colchões para dormida de alunos, acompanhamento da atividade com a turma de desporto de 10º ano.

Sempre procurámos fomentar, nas práticas pedagógicas, a relação Escola/Família/Comunidade. Articulámos com Assistentes Operacionais, colegas, Direção, Encarregados de Educação, entidades da Comunidade envolvente, entre outros agentes de ensino.

No ano letivo 2012-2013, no Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho, participámos na Marcha da Saúde, envolvendo uma caminhada até ao parque da cidade por parte das turmas inscritas, e atividades promotoras de bem-estar, em colaboração com a Câmara Municipal do Barreiro.

Nos últimos cinco anos letivos participámos sempre na Feira de Projetos (organizada no Pavilhão de Exposições da Moita e no Parque da Cidade do Barreiro), na qual se encontravam stands de divulgação da oferta educativa das escolas onde lecionávamos, bem como atividades direcionadas para os mais novos.

Na Escola Secundária da Moita foi criado pelo grupo disciplinar de Educação Física, durante a semana do agrupamento, o dia da Atividade Física. Nos anos letivos 2013-2014, 2015-2016 e 2016-2017 participámos ativamente nesta atividade, com um cartaz que varia anualmente, dirigido para os alunos de todo o agrupamento.

Nesta atividade são englobadas as danças, os desportos individuais e coletivos, desportos de combate, patinagem, passagem de modelos, entre outros. O objetivo é a divulgação da oferta de atividades existentes na zona envolvente, bem como a experiência das mesmas por parte dos alunos. Assim, tenta-se envolver alunos, professores, encarregados de educação, treinadores e clubes/ associações que promovam algum tipo de atividade física e desportiva.

Nos anos letivos de 2015-2016 e 2016-2017, no Agrupamento de Escolas da Moita, participámos na dinamização de atividades de comemoração do dia da criança, no parque da Moita, em colaboração com a junta de freguesia (dinamização de jogos de iniciação ao voleibol e ao badminton).

No ano letivo 2016-2017, no Agrupamento de Escolas da Moita, deparámo-nos com uma turma de um curso vocacional de desporto tipo III, com o objetivo de conclusão do terceiro ciclo do ensino básico.

Alguns alunos praticavam desporto, mas existia um grande grupo que apenas estava ali porque tinha sido obrigado. Já tinham várias retenções e estavam dentro da escolaridade obrigatória.

Tendo sido professores de uma das disciplinas técnicas de desporto, fomos confrontados com o enquadramento de alunos para a formação em contexto de trabalho que não tinham qualquer vocação/ vontade de estagiar em clubes/ entidades desportivas.

Colaborámos na dinâmica com a Diretora de Turma e o Diretor de Curso no sentido de estabelecer contactos para possíveis entidades de estágio.

Em primeiro lugar tentámos saber junto de colegas, treinadores e dirigentes desportivos (alguns que já conhecíamos previamente da própria prática desportiva e profissional, outros não) de várias entidades, nomeadamente, Barreirense, Moitense, Clube Recreativo de Alhos Vedros, Roque Gim, Ginásio do Palheiro, Estrela Moitense, Capricho Moitense, Câmara Municipal da Moita (setor do desporto e férias jovens), entre outros, quais as possíveis entidades dispostas a acolher estágios dos alunos.

Após percebermos quais as possíveis tarefas e locais recetivos, articulámos com o Diretor de Curso e a Diretora de turma, no sentido de distribuir os alunos que tinham perfil para essas situações.

Este processo foi gerido com algum consenso entre professores e alunos, uma vez que a escola depende diretamente destas entidades para conseguir oferecer o estágio à população escolar. Sempre que ocorrem problemas nas entidades de estágio, poderão “fechar-se portas” para os alunos dos anos seguintes.

Para aqueles que apenas pretendiam concluir o nono ano de escolaridade e não revelaram qualquer interesse pelo desporto, foi-lhes dada a possibilidade da realização do estágio em entidades próximas e que proporcionassem um contacto direto com o futuro mercado de trabalho para estes jovens, nomeadamente lojas do Pingo Doce, Intermarché, Modelo e pequenas lojas de comércio local.

De um modo geral, consideramos que participamos ativamente nas atividades dos Agrupamentos de Escolas por onde passámos, contribuímos para a consecução dos

objetivos dos Projetos Educativos, sentindo que somos mais uma peça do *puzzle* que luta diariamente para manter um clima de disciplina, exigência e boas práticas, respondendo às necessidades de toda a comunidade educativa.

Atendendo a que a escola é uma microssociedade e nunca se pode dissociar dela, enumerámos vários exemplos da sua relação com a comunidade. Alguns projetos, por si, implicam práticas fora de portas da escola, especificamente no caso de percursos não formais. Contudo, o contexto educativo tornou-se sempre muito mais rico e aprazível com a ligação a outras entidades, qualquer que seja o percurso escolar. Há ganhos de parte a parte, a imagem do Agrupamento cresce no meio que o envolve, mas os alunos são quem mais obtêm competências. São mais valias para todos, são “janelas” de oportunidades que se abrem no seu presente académico e, muitas vezes, para os projetos futuros.

Enquanto professores conhecemos novas realidades, novos projetos, novos caminhos de sucesso.

6. Formação Profissional ao longo da vida

De acordo com Ponte (1994), o professor, quando adquire a sua habilitação profissional, está longe de ser considerado um profissional acabado e amadurecido.

Segundo Parker *et al.* (2016) tem vindo a ser demonstrado um interesse crescente no apoio aos professores, no âmbito da formação de professores, no sentido de aprenderem a utilizar a usar o seu conhecimento nas suas ações diárias. O desenvolvimento profissional deve ser projetado de acordo com os objetivos de aprendizagem.

O’Sullivan (2007) refere que muitos programas de desenvolvimento contínuo profissional são feitos para os professores e não com eles, ou seja, os professores têm recebido as diretrizes estaduais e educacionais, em vez de serem vistos como atores e profissionais-chave que têm uma compreensão central do que precisam para melhorar os ambientes de ensino e aprendizagem nos quais trabalham.

Nóvoa (2007) salienta que o trabalho cooperativo e os movimentos pedagógicos, muitas vezes baseados em redes informais e associativas, são elementos fundamentais que contribuem para o desenvolvimento do profissional de ensino.

O mesmo autor (2002) refere que a troca de experiências e partilha de saberes concretizam espaços de formação mútua em que cada docente desempenha o papel de educador e educando.

Não obstante eventuais semelhanças com outros professores, especificamente falando dos professores de Educação Física, consideramos que os mesmos são profissionais atentos, empenhados e competentes, trabalhando com vista ao sucesso educativo dos alunos e educando o corpo para a prática regular de atividade física.

O caráter prático das aulas, no dia-a-dia com os alunos, possibilita um maior contacto com as diferentes problemáticas de cada um. Ao longo destes anos de leção temos encontrado diversos tipos de crianças e jovens. Desde os alunos que se preocupam diariamente com a matéria e conteúdos a abordar, procurando dar o seu melhor em todas as situações, até a alunos que rejeitam toda e qualquer atividade que não seja aquela de que gostam (normalmente futebol). Este tipo de alunos requer uma constante remodelação de estratégias, quer no âmbito da prática pedagógica, quer no âmbito das relações pessoais.

Como a sociedade não é estanque, os contextos são diferentes e, cada vez mais, o professor é o agente que poderá tornar-se facilitador de tomada de opções por parte do aluno. Cabe a cada um dos professores/ educadores mostrar os caminhos possíveis e enquadrar os prós e os contras de cada um deles.

Por isso, todos os docentes devem refletir sobre as suas práticas, tentar inovar e, para isso, torna-se fundamental frequentar ações de formação para aquisição/ atualização de conhecimentos.

Procurando desenvolver competências transversais, com o objetivo de melhorar o processo ensino-aprendizagem e alguma valorização pessoal, foram frequentadas várias formações, das quais enunciamos as dos últimos cinco anos (as restantes encontram-se descritas no *curriculum vitae*): “O ensino do Basquetebol na Escola”, “Natação para bebés – da prática à investigação”, “A Dança na Escola – uma 2ª etapa na Interculturalidade – Nível Elementar nos Programas Nacionais de Educação Física”, “Lutas Amadoras em Idade Escolar”, “Prevenção do Abandono escolar”, “Municipalização”, “O Ensino do basquetebol na escola – do nível elementar ao nível avançado”, “Natação no desporto escolar – Iniciação ao Treino Desportivo”, “A Aptidão Física e a Educação Física”, “A avaliação do aprender e do ensinar?”, Congresso Técnico-Científico da APTN, “O Treino das Capacidades Condicionais”, “A Plataforma

FITescola como instrumento de apoio do desenvolvimento da Aptidão Física dos alunos na disciplina de Educação Física”, “Escolas de Atividades Aquáticas: novos desafios” e “Tutorias Autorregulatórias”.

Algumas destas formações constituíram uma mais valia significativa para a prática letiva, destacando as seguintes:

- Na ação de formação de Basquetebol, com o formador António Paulo Ferreira, revimos conhecimentos e adquirimos competências, que possibilitaram trabalhar conteúdos com os alunos de uma forma mais competitiva, através de formas jogadas e jogos reduzidos em cooperação/ competição, indo ao encontro da população escolar com quem nos temos deparado.

- Realizámos a formação no âmbito da Dança, porque esta não constava da nossa formação inicial, cujos conteúdos têm sido abordados no dia-a-dia escolar, aquando da lecionação desta unidade. Apesar de ser das matérias menos aceites por uma grande parte dos alunos, num momento inicial, com alguma rotina de pares e pequenos grupos, tem vindo a ser mais agradável para o trabalho pedagógico.

- Realizámos a ação de Lutas Amadoras pois, apesar de ter feito parte da formação inicial, procuraram-se novas metodologias, jogos e formas de aprendizagem das várias técnicas, uma vez que é uma das áreas que se aborda com regularidade.

- Frequentámos a ação de formação relativa à Plataforma do Fitescola, já explanada antes, passando a ser um instrumento de avaliação de carácter obrigatório, e relativamente recente. Tentámos, assim, perceber as funcionalidades da plataforma e utilizá-la com as turmas. Após o *términus* da mesma, dinamizámos uma formação interna na escola para os colegas que não frequentaram a respetiva ação.

- Como Diretor de Turma em vários anos e, querendo estar envolvidos na comunidade, considerou-se relevante participar nas ações “Prevenção do Abandono Escolar”, “Municipalização”, “Avaliação do aprender e do ensinar” e “Tutorias Autorregulatórias”. Estas ações ajudaram-nos no processo de tomada de decisão e encaminhamento de alunos nas várias situações decorrentes do dia-a-dia e dos seus percursos escolares.

- De forma a manter/ atualizar alguns conhecimentos na modalidade em que efetuámos a especialização (natação) e como forma de investimento pessoal, frequentou-se o congresso da APTN (Associação Portuguesa de Técnicos de Natação), a

ação Natação no Desporto Escolar – iniciação ao treino desportivo, e o seminário de natação para bebés, que possibilitou a produção de trabalhos interessantes nesse âmbito, entre outras.

Todas as atividades formativas acima mencionadas revelaram-se muito vantajosas, pois permitiram enriquecer o conhecimento profissional, contribuindo para a melhoria do desempenho docente e para a valorização do trabalho de pares.

Consideramos, ainda, que o trabalho em equipa/ grupo disciplinar constitui uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento pessoal e profissional, permitindo adquirir e desenvolver mais competências indispensáveis ao quotidiano, enquanto profissional do ensino.

7. Considerações finais

Na última parte deste relatório, testemunho de carácter descritivo e reflexivo, consideramos importante sumarizar o trajeto efetuado, centrado na experiência profissional acumulada.

A elaboração deste documento iniciou com recurso ao biograma para uma leitura transversal dos acontecimentos de vida selecionados, enquadramentos das práticas profissionais, conduziu à compreensão, de forma positiva, da experiência de lecionação em dez escolas diferentes (neste caso concreto em três, nos cinco anos letivos a que o relatório se reporta), com realidades interculturais e níveis de ensino distintos, seguindo-se de uma descrição e reflexão acerca dos principais momentos críticos encontrados. Os vários contextos contribuíram para evitar acomodações, adaptando-nos à mudança, procurando uma atualização constante de conhecimentos, utilizando e partilhando boas práticas.

No ano letivo 2012-2013, no Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho o corpo docente era estável, mas no grupo disciplinar de Educação Física havia pouca articulação/ concertação de estratégias e articulação entre professores dos vários ciclos. Foi um constrangimento inicial, mas foi ultrapassado com o desenrolar do ano letivo, através do trabalho colaborativo entre pares.

Neste agrupamento, a principal dificuldade prendeu-se com as funções de Diretor de Turma, nomeadamente na gestão de relações humanas e em exercer o poder de

intervenção no Conselho de Turma de Avaliação, perante colegas mais velhos e com muito mais anos de serviço, que dificilmente queriam sair da sua zona de conforto.

Aprendemos a estar mais atentos aos vários campos de ação pedagógica da nossa Direção de Turma, a ser mais interventivos e assertivos.

No ano letivo 2014-2015, no Agrupamento de Escolas de Santo André, uma das grandes dificuldades encontradas prendeu-se com um período de várias semanas de chuva que condicionaram o normal funcionamento das aulas, visto não existir um espaço coberto para a prática.

Aprendemos que podemos rentabilizar o nosso tempo de aula em qualquer espaço escolar, contribuindo para a aquisição de conhecimentos acerca das matérias a abordar na nossa disciplina, bem como promovendo a formação cívica no Desporto.

Também no decorrer do mesmo ano letivo, o trabalho com um aluno proveniente da Educação Especial enquadrado numa turma regular foi um momento crítico. Não tínhamos diretrizes iniciais, fomos construindo o caminho com o aluno, em práticas e de forma individualizada, passando a uma integração gradual nas atividades realizadas pelos colegas.

Consideramos que devemos valorizar a diferença e, o facto de termos estado em contacto com um maior número de professores e equipas formativas, permitiu-nos ficar mais competentes para enfrentar situações de alunos com diferentes necessidades, em contexto educativo.

Nos anos letivos 2013-2014, 2015-2016 e 2016-2017, no Agrupamento de Escolas da Moita, encontrámos um corpo docente estável e um grupo de Educação Física bastante dinâmico, que contribuiu determinantemente para a manutenção da nossa motivação para o ensino.

No ano letivo 2013-2014, a nossa maior dificuldade prendeu-se com a atribuição de horários e início de treinos do Desporto Escolar. Face à quantidade de núcleos de Desporto Escolar do Agrupamento e à disponibilidade das instalações nos períodos da tarde, não era exequível a marcação de treinos para todos e o Diretor não autorizava a marcação dos mesmos no período entre as 13h30m e 15h15m. O Projeto do Desporto Escolar estava em risco logo, no início do ano letivo.

Consideramos que esta situação foi uma oportunidade para unir o grupo disciplinar, debater e fundamentar as questões que se prendiam com a rentabilização dos espaços, horários e bem-estar dos alunos, propondo soluções ao Departamento, solicitando pareceres ao Conselho Geral, no sentido de demonstrar à gestão quais os caminhos a percorrer, em prol dos alunos.

Em 2015-2016 a principal dificuldade encontrada foi manter elevados índices de motivação e participação nas atividades escolares dos alunos do Curso Vocacional de Desporto do Ensino Básico, para obtenção do 9º ano, com idades entre os 17 e 18 anos. Aprendemos que o professor pode fazer a diferença quando dinamiza as suas aulas em função dos interesses dos alunos, enriquecendo os conteúdos programáticos.

No ano letivo 2016-2017, um momento crítico que salientamos prendeu-se com a atribuição de tutorias para um grupo de alunos de um Curso de Educação e Formação do Ensino Básico. Tínhamos de acompanhar e (re)orientar o percurso dos tutorandos ao longo do ano letivo. Aprendemos que a articulação com os restantes professores e psicóloga da escola pode ser fundamental para o sucesso dos alunos, bem como a formação em áreas que não dominávamos. Consideramos que contribuímos para o crescimento na área da Formação Pessoal e Social, no sentido do desenvolvimento das competências do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Dos vários cargos exercidos, consideramos muito marcante o de diretor de turma, pela responsabilidade acrescida por um coletivo, formando um elo de ligação entre alunos, professores da turma e família ao longo de todo o ano.

A família, assumindo um papel primordial na sociedade pelas funções que lhe são atribuídas ao nível da proteção, educação e afeto das crianças/jovens, deve proporcionar-lhes experiências gratificantes, dotando-as de ferramentas para o seu desenvolvimento são e integral. Ao interagirmos de forma intensa e variada com os pais/ encarregados de educação, fortalecendo a relação que não se pode dissociar entre escola e família, aproximámo-nos do objetivo comum e final de educar futuros cidadãos com papéis ativos na sociedade.

O cumprimento deste objetivo pode ser facilitado por via de uma colaboração estreita dos vários profissionais. O trabalho desenvolvido com colegas num espaço comum (pavilhão, ginásio, campo exterior), permitiu a criação/ manutenção de um ambiente positivo e uma aproximação entre docentes, que fossem delineadas estratégias

de atuação visando o sucesso dos alunos, com recurso a partilha de conhecimentos e saberes, fundamentais para o desenvolvimento profissional e contínuo dos professores.

Também salientamos que na interação diária com as turmas, o facto de termos contacto com alunos de variadas faixas etárias e de diferentes estratos sociais, contribuiu para o nosso crescimento pessoal e social, com um clima de respeito e disciplina, com diversas dinâmicas de sala de aula, indo ao encontro de todos em especial, e de cada um em particular. Constatámos que as relações estabelecidas com os alunos, além de permitirem ambientes positivos para as aprendizagens, permitiram reduzir tempos de espera, de montagem e arrumação de material e, conseqüentemente, um melhor aproveitamento do tempo de aula.

Ao termos trabalhado em grupos reduzidos no âmbito dos apoios pedagógicos e das tutorias, apercebemo-nos que a nossa intervenção se poderia tornar mais importante para os alunos, caso conseguíssemos identificar a causa de determinados comportamentos e atitudes dos mesmos face à escola e ao seu percurso formativo. Passámos a ser profissionais mais atentos para situações problemáticas, procurando atuar no sentido da resolução de problemas o mais precocemente possível, com vista à minimização de eventuais impactos negativos.

Com a dinamização das atividades do Desporto Escolar, as várias experiências vividas contribuíram para o entendimento de que os alunos que treinam têm objetivos diferenciados. Nem todos gostam da competição, nem a vêem como um objetivo, mas não é por essa razão que não deixámos de incentivar e os motivar para a aquisição dos conhecimentos técnicos e táticos fundamentais para a prática de qualquer modalidade que esteja em causa, incentivando-os a serem federados fora da escola. Desde então, alterámos a nossa postura perante os treinos, estabelecendo objetivos diferentes para cada tipologia de aluno, no sentido de evitar o abandono da prática por parte daqueles que não se sentem à vontade na modalidade ou num sistema competitivo organizado.

As atividades físicas desenvolvidas nas escolas (de carácter formal ou informal, obrigatório ou facultativo) contribuem de forma ativa para a promoção da melhoria da qualidade de vida, mediante a adoção de estilos saudáveis com repercussões positivas na saúde. O exercício físico e a saúde fazem parte de um binómio inseparável, no qual o primeiro alimenta fortemente o segundo e este, embora não de forma condicional, assume-se como um meio facilitador daquele.

De um modo geral, neste percurso de aprendizagem consideramos que assumimos sempre os compromissos individuais e coletivos na nossa relação com a escola e a comunidade.

Nunca nos acomodámos face às dificuldades, refletimos de modo individual e coletivamente, procurando caminhos de melhoria, sempre que necessário.

Trata-se de um processo formativo e avaliativo, que se traduz num crescimento pessoal e profissional. Através da valorização do saber, esta aprendizagem foi também um ato humanizador, pois consideramos que nestas etapas da vida, passámos do eu “solitário” ao eu “solidário”. Houve lugar à auto-reflexão constante, sempre com vista à melhoria das aprendizagens dos alunos, práticas de colaboração, partilha de dificuldades e de sucessos. Em suma, um investimento constante nas boas práticas pedagógicas.

A liderança pedagógica foi sempre centrada nas aprendizagens dos alunos e, sempre que as dificuldades surgiam, houve recurso à formação de professores, às experiências dos pares, dos coordenadores e de entidades de referência na área pedagógica.

Foram respeitados os processos de apoio e de regulação do ensino e da aprendizagem através do cumprimento das normas e regulamentos dos Agrupamentos onde lecionámos e, aquando de qualquer dificuldade, nunca parámos no tempo, nem no problema. Com resiliência procurámos o melhor caminho, a melhor experiência pedagógica, agindo ao primeiro sinal, para ultrapassar as diversas situações apontadas, na escola que é de todos e para todos.

Ser professor nos dias de hoje é uma tarefa difícil, uma vez que dentro da escola estão os que querem e os que não querem aprender. É uma profissão que implica paixão por tudo o que se faz, sendo o aluno o objeto de estudo e o centro da ação docente. Os alunos “cresceram” quando experimentaram novas formas de agir, quando se elegeram estratégias alternativas de aprendizagem e quando a experiência acumulada nos levou a novas estratégias pedagógicas. Foi possível, na maior parte das vezes, compreender os alunos, formular hipóteses adequadas sobre as causas do seu sucesso e/ou fracasso, planificar as atividades de aprendizagem adequadas às suas necessidades e antecipar dificuldades que estes poderiam enfrentar em novas aprendizagens.

Houve sempre preocupação e interrogações constantes por que os alunos, por qualquer razão, não estavam a fazer progressos, indo ao encontro de novos métodos para superar essas dificuldades.

Neste âmbito “É fundamental que os professores aprendam com as suas intervenções, porque os professores que são aprendizes do seu próprio ensino são os mais influentes na melhoria do desempenho escolar dos alunos” (Lopes & Silva, 2010, p. XVII).

Finalmente, não podemos deixar de levantar alguma preocupação face às constantes mudanças relativamente à disciplina de Educação Física, nomeadamente na distribuição da carga semanal bem como forma como a mesma é avaliada. Os programas de intervenção das escolas e das comunidades locais devem seguir os normativos que lhes conferem poder para investir nas áreas da educação e da saúde, uma vez que só com a mudança de paradigma relativamente ao desenvolvimento destes hábitos, se conseguirá diminuir o sedentarismo e aumentar a qualidade de vida. Na linguagem dos docentes de educação física, costuma-se dizer que a atividade física não dá, necessariamente, mais anos de vida, mas “dá mais vida aos anos”.

O caminho tem sido feito passo a passo e tem havido muitas construções positivas nesse percurso. Apesar da legislação sofrer alterações constantemente e a condição de professor contratado ter sido precária, a missão nunca foi abandonada. Essa foi sempre a força do crescer, do sentir a utilidade do ensinar e aprender no dia-a-dia.

Acreditamos que se a escolha da profissão não tivesse sido por "paixão pelo ensino" tudo se teria já complicado e muito menos bem sucedido.

Resta-nos acrescentar que pretendemos continuar a investir na área pedagógica, designadamente na integração de Projetos com ligação à Comunidade Europeia, novos cargos dentro da carreira docente, aprofundamento de estudos relacionados com a área desportiva e, quiçá, investimento na carreira de Gestão Escolar.

8. Referências Bibliográficas:

- American Academy of Pediatrics (2000). Physical fitness and activity in schools. *Pediatrics*, 105 (5), 1156.
- Aires, L. (2010). *Disciplina na Sala de Aulas*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Araújo, F. (2007). A Avaliação e a Gestão Curricular em Educação Física – Um olhar integrado. *Boletim da SPEF*, (32), 121-133.
- Azevedo, R. (coord.) (2011). *Projetos Educativos: Elaboração, Monitorização e Avaliação*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, I.P..
- Barata, J. (2003). *Mexa-se... Pela sua Saúde*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Beltran, J. (1994). Actitudes y valores. J. Beltrán (Ed.). *Psicologia Educacional* (Tomo 2), 327 -381.
- Bento, O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim da SPEF*, (10/11), 135-151.
- Carvalho, L. (1996). O Estudo da Socialização dos Professores em Educação Física: Uma Revisão e um Convite. *Boletim da SPEF*, (13), 11-37.
- Costa, J., Onofre, M., Martins, M., Marques, A., & Martins, J. (2013). “A relação do trabalho coletivo do grupo de educação física com a gestão da ecologia da aula”. *Boletim SPEF*, (37), 61-80.
- Crum, B. (2002). Funções e Competências dos Professores de Educação Física: Consequências para a Formação Inicial. *Boletim da SPEF*, (23), 61-76.
- Cruz, G. (2015). Narrativas de Aprendizagem como Recurso Didático: (Re)Conhecendo alunos com suas histórias de vida. *Fílio – Revista de Letras*, 7 (2), 311-326.

- Clandinin, D., CONNELLY, F. (1991). Narrative and story in practice and research. Shon, D. (Ed.). *The reflective turn: case studies in and on educational practice*. New York: Teachers College, 258-281.
- Doyle, W. (1986). Classroom Organization and Management. Wittrock M. (Ed.). *Handbook of Research on Teaching* (3rd edition), New York: Macmillan, 392 – 431.
- Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 224/2009, de 11 de setembro e pelo Decreto-Lei n.º 137/2012, de 02 de julho de 2012 – que aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.
- Decreto Regulamentar nº 26/2012, de 21 de Fevereiro, que regulamenta o regime de avaliação de desempenho docente.
- Despacho Normativo 4-A/2016, de 16 de junho, que regulamenta a organização do ano letivo.
- Diogo, J. (1998). *Parceria Escola-Família. A caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Fernandes, A., Lopes, C., Nabais, H., Bonito, J., Castel-Branco, M., Vieira, M., Costa, R., Santos, S. & Martelo, V. (2007). *Carta Educativa*, Câmara Municipal da Moita.
- Gomes, A. (2003). *A Narrativa enquanto Instrumento de Investigação e Autoconhecimento*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto.
- Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Ucha, L., Encarnação, M., Horta, M., Calçada, M., Nery, R. & Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Instituto Do Desporto de Portugal, I.P. (2011). *Livro Verde da Aptidão Física*. Lisboa: Estrelas de Papel, Lda.
- Jacinto, J.; Comédias, J.; Mira, J. & Carvalho, L. (2001). Programa de Educação Física (reajustamento). Lisboa: Ministério da Educação.

- Lança, R. (2007), *O Desporto e o Lazer*. Lisboa, Editorial Caminho.
- Lei Constitucional n.º 1/2005 de 12 de Agosto – Constituição da República Portuguesa (7ª Revisão).
- Lei nº 46/1986, de 14 de outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo.
- Lima, R. (2017). *A escola que temos e a escola que queremos*. Lisboa: Manuscrito editora.
- Lopes, F. (2016). *O Papel do Diretor de Turma na Vida dos Alunos*. Tese de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- Lopes, J. & Silva, M. (2010). *O Professor faz a diferença*. Lisboa: Lidel, Edição Técnica, Lda.
- Marques, A. (2010). *A Escola, a Educação Física e a Promoção de Estilos de Vida Ativa e Saudável: estudo de um caso*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ministério Da Educação (S/d.). *Organização Curricular e Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico* (4ª ed.) in https://cnapec.files.wordpress.com/2012/12/progr_1cicloeb_expressao_educacao.pdf, consultado a 3 de março de 2018.
- Nóvoa, A. (1987). “Do Mestre-Escola ao professor do ensino primário”. *Análise Psicológica*, 3 (V), 413-440.
- Nóvoa, A. (2002). *Formação de Professores e Trabalho Pedagógico*. Lisboa: Educa.
- Nóvoa, A. (2007). *Comunicações da Conferência Intitulada Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida*. Lisboa: Ministério da Educação – Direção Geral dos Recursos Humanos.
- Nóvoa, A. (2009). “Para una formación de profesores construída dentro de la profesión”. *Revista de Educación*, 350, septiembre-diciembre, 203-218.
- Onofre, M. (2002). “Das características do conhecimento prático dos professores de educação física às praticas da sua formação inicial”. *Boletim da SPEF*, 2017, pp.55-67.

- Onofre, M.; COSTA, C. (1994). "O Sentimento de Capacidade na Intervenção Pedagógica em Educação Física". *Boletim da SPEF*, (9), 15-26.
- Onofre, M. (1996). "Educação Física sem Avaliação: uma perversão consciente?". *Boletim da SPEF*, (13), pp. 51-59.
- O'Sullivan, M. (2007). Creating an Sustaining Communities of Practice among Physical Education Professionals. *New Zealand Physical Educator*, 40 (1).
- Parker, M., Patton, K. & O'Sullivan, M. (2016). "Signature pedagogies in support of teacher's professional learning". *Irish Educational Studies*, 35 (2), 137-153.
- Pereira, P., Costa, F. & Diniz, J. (2009). "As atitudes dos alunos face à disciplina de Educação Física: um estudo plurimetodológico". *Boletim da SPEF*, (34), 83-94.
- Picanço, A. (2012). *A Relação entre Escola e Família – as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem*. Tese de Mestrado. Lisboa – Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ponte, João Pedro (1994). Desenvolvimento Profissional do Professor de Matemática. *Revista Educação e Matemática*, Lisboa: APM, (31), 9-12 e 20.
- Reis, M. (2008). *A Relação entre Pais e Professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento. Málaga – Universidade de Málaga.
- Ruxa, A. (2013). *Trajetórias e narrativas do Assistente Social enquanto profissional da promoção dos direitos e proteção de crianças e jovens*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas.
- Shulman, L. (1987). "Knowledge and teaching: Foundations of a new reform". *Havard Educational Review*, 57 (1), 1-22.
- Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (3rd ed.). Palo Alto: Mayfield.
- Silva, P., Graça P., Mata, F., Arriaga M., Silva A., (2016). *Estratégia Nacional para a Promoção da Atividade Física, da Saúde e do Bem-Estar*. Lisboa: DGS.
- Sousa, J. (2006). "As Famílias Como Projetos de Vida: O Desenvolvimento de Competências Resilientes na Conjugalidade e na Parentalidade". *Revista Saber (e) Educar*. (11), 41-47.

- Tinoco, R. & Pinto, S. (2001). “Abordagem Biográfica das Toxicodependências – Biograma como instrumento de Intervenção Clínica”. *Toxicodependências*, 7 (1), 17-22.
- Tinoco, R. & Pinto, S. (2003). “As potencialidades clínicas do Biograma”. *Toxicodependências*, 9 (3), 39-46.
- Valadares, J. (2016). *Crónicas sobre a Educação*. Edições Caleidoscópio.

Documentos consultados:

- Agrupamento de Escolas de Santo André (2014-2017). “Projeto Educativo do Agrupamento – Construir juntos o caminho do saber... para plenamente ser”.
- Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho (2011-2014). Projeto Educativo do Agrupamento – “Cidadania e Desenvolvimento Sustentável – pensar global, agir local”.
- Agrupamento de Escolas da Moita (2012-2015). “Projeto Educativo do Agrupamento”.
- Luz, R. (2017). *A Educação Física e a Promoção da Saúde*. Trabalho realizado para a conclusão da unidade curricular Dimensão Europeia do Ensino da Educação Física e do Desporto Escolar, no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana – Universidade de Lisboa.

Sites consultados:

- Carta Educativa do Município da Moita (2007) in <https://www.cm-moita.pt/pages/824>, consultado em maio de 2018.
- Contrato de Autonomia do Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho (2013/2014 a 2015/2016) in <https://www.alvarovelho.net/index.php/recursos/documentos/send/2-docsorienta/5-contrato-autonomia>, consultado em agosto de 2018.
- Planeamento de Ação Estratégica (2016) in <https://www.alvarovelho.net/index.php/recursos/documentos/send/2-docsorienta/387-plano-acao-estrategica-aalvarovelho-2016-2018>, consultado em agosto de 2018.

- Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho (2017) *in* <http://www.alvarovelho.net>, consultado em fevereiro de 2018.
- Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas de Santo André (2016) *in* <http://www.aesa.pt/edu>, consultado em fevereiro de 2018.
- <https://www.cm-barreiro.pt/pages/605>, consultado em março de 2018.
- <https://www.cm-barreiro.pt/pages/611>, consultado em março de 2018.
- <https://www.cm-moita.pt/pages/847>, consultado em maio de 2018.
- https://desportoescolar.dge.mec.pt/sites/default/files/pde_2017_2021_dge_final.pdf , consultado em janeiro de 2019.
- <http://www.joomla.esmoita.com>, consultado em fevereiro de 2018.

ANEXOS

Anexo I: Grelha de avaliação inicial**Avaliação Inicial – Voleibol**

Data: _____ Ano: ____ Turma: _____

NÍVEL INTRODUTÓRIO	Nomes e/ou n.º aluno
Em situação de exercício ou jogo 2X2 ou 3x3: Serve por baixo , colocando a bola, no meio campo oposto Recebe a bola, com as duas mãos por cima ou em manchete , de modo a imprimir à bola uma trajetória alta Passa , com coordenação global Finaliza o ataque, executando um passe colocado	
NÍVEL ELEMENTAR	Nomes e/ou n.º aluno
Em situação de jogo 3X3 ou 4x4: Serve por baixo , colocando a bola em profundidade, no campo oposto Recebe o serviço em manchete ou com as duas mãos por cima, direcionando a bola para cima e para a frente Passa a bola a um companheiro em condições de este dar continuidade às ações ofensivas Remata (em apoio) , ao passe do companheiro	
NÍVEL AVANÇADO	Nomes e/ou n.º aluno
Em situação de jogo 3X3 ou 4x4: Serve por cima (tipo ténis) , colocando a bola numa zona de difícil receção ou em profundidade Recebe em manchete ou por cima, enviando a bola para o jogador passador Passa a bola a um companheiro em condições de este efetuar um remate em salto Remata , executando corretamente a estrutura rítmica da chamada e impulsionando-se para bater a bola no ponto mais alto do salto Bloco individual , coordenando o tempo de salto com o tempo de remate do adversário	

Fonte: Construção do grupo disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas da Moita (2013)

Anexo II: Estrutura de planeamento anual**ESTRUTURA DE PLANEAMENTO ANUAL****EDUCAÇÃO FÍSICA****3º Ciclo do Ensino Básico****AE Santo André**

Áreas de Avaliação	Categorias					Aulas de 50'		
						7ºano	8ºano	9ºano
<u>Atividades Físicas</u>	A	Futebol	Basquetebol	Andebol	Voleibol	27	27	27
	B	Ginástica no Solo	Ginástica de Aparelhos (Lecionada apenas no 9º ano)		Ginástica Acrobática	12	12	20
	C	Atletismo				4	4	6
	D	Patinagem				3	3	2
	E	Dança (Danças Tradicionais e Danças Sociais)				8	8	12
	F	Raquetas (Ténis e <u>Badminton</u>)				0	0	14
	G	Outras (Orientação; <u>Corfebol</u> ; <u>Rúguebi</u> /Bitoque; <u>Hóquei em Campo</u>)				5	5	4
Aptidão Física	Referência à ZSAF – <u>Fitnessgram</u>					8	8	8
Conhecimentos	Aprendizagem dos processos de desenvolvimento e manutenção da condição física.					1	1	1
	Aprendizagem dos conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas e fenómenos sociais extra-escolares, no seio das quais se realizam as <u>atividades físicas</u> .							
Total						68	68	94

Fonte: Construção do grupo disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas de Santo André (2014)

Anexo III: Operacionalização do Planeamento Anual

PLANEAMENTO ANUAL 10.º															
OBJETIVOS: Aprender a jogar futebol, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 1	CONTEÚDOS Aquecimento	Inat. 1	Aula n.º 2/3	CONTEÚDOS Ténis	Inat. 1	Aula n.º 4	CONTEÚDOS Esportes	Inat. 1	Aula n.º 5/6	CONTEÚDOS Ginástica			
	Exp. 1	___/09/18		Exp. 1	___/09/18		Exp. 1	___/09/18		Exp. 1	___/09/18				
OBJETIVOS: Aprender a jogar ténis, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 7	CONTEÚDOS Ténis	Inat. 1	Aula n.º 8/9	CONTEÚDOS Ténis	Inat. 1	Aula n.º 10	CONTEÚDOS Ténis	Inat. 1	Aula n.º 11	CONTEÚDOS Ténis			
	Exp. 1	___/10/18		Exp. 1	___/10/18		Exp. 1	___/10/18		Exp. 1	___/10/18				
OBJETIVOS: Aprender a jogar basquetebol, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 12	CONTEÚDOS Basquetebol	Inat. 1	Aula n.º 13	CONTEÚDOS Basquetebol	Inat. 1	Aula n.º 14	CONTEÚDOS Basquetebol	Inat. 1	Aula n.º 15	CONTEÚDOS Basquetebol			
	Exp. 1	___/10/18		Exp. 1	___/10/18		Exp. 1	___/10/18		Exp. 1	___/10/18				
OBJETIVOS: Aprender a jogar vólei, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 16	CONTEÚDOS Vólei	Inat. 1	Aula n.º 17/18	CONTEÚDOS Vólei	Inat. 1	Aula n.º 19	CONTEÚDOS Vólei	Inat. 1	Aula n.º 20	CONTEÚDOS Vólei			
	Exp. 1	___/10/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18				
OBJETIVOS: Aprender a jogar badminton, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 21	CONTEÚDOS Badminton	Inat. 1	Aula n.º 22/23	CONTEÚDOS Badminton	Inat. 1	Aula n.º 24	CONTEÚDOS Badminton	Inat. 1	Aula n.º 25	CONTEÚDOS Badminton			
	Exp. 1	___/10/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18				
OBJETIVOS: Aprender a jogar atletismo, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 26	CONTEÚDOS Atletismo	Inat. 1	Aula n.º 27/28	CONTEÚDOS Atletismo	Inat. 1	Aula n.º 29	CONTEÚDOS Atletismo	Inat. 1	Aula n.º 30	CONTEÚDOS Atletismo			
	Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18				
OBJETIVOS: Aprender a jogar ginástica, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 31	CONTEÚDOS Ginástica	Inat. 1	Aula n.º 32/33	CONTEÚDOS Ginástica	Inat. 1	Aula n.º 34	CONTEÚDOS Ginástica	Inat. 1	Aula n.º 35	CONTEÚDOS Ginástica			
	Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18				
OBJETIVOS: Aprender a jogar jogos tradicionais, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 36	CONTEÚDOS Jogos tradicionais	Inat. 1	Aula n.º 37/38	CONTEÚDOS Jogos tradicionais	Inat. 1	Aula n.º 39	CONTEÚDOS Jogos tradicionais	Inat. 1	Aula n.º 40	CONTEÚDOS Jogos tradicionais			
	Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18				
OBJETIVOS: Aprender a jogar jogos de equipa, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 41	CONTEÚDOS Jogos de equipa	Inat. 1	Aula n.º 42/43	CONTEÚDOS Jogos de equipa	Inat. 1	Aula n.º 44	CONTEÚDOS Jogos de equipa	Inat. 1	Aula n.º 45	CONTEÚDOS Jogos de equipa			
	Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18				
OBJETIVOS: Aprender a jogar jogos de individual, conhecendo as regras e a importância da defesa.	Inat. 1	Aula n.º 46	CONTEÚDOS Jogos de individual	Inat. 1	Aula n.º 47/48	CONTEÚDOS Jogos de individual	Inat. 1	Aula n.º 49	CONTEÚDOS Jogos de individual	Inat. 1	Aula n.º 50	CONTEÚDOS Jogos de individual			
	Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18		Exp. 1	___/11/18				

Fonte: Construção própria (2014)

Anexo IV: Plano de Aula

ESCOLA SECUNDÁRIA DA MOITA

Educação Física

2013/2014

Plano de Aula



Data: 17-03-2014

Aula Nº: 41 e 42

Espaço:	Campo Exterior	Turma/Ano:		Unidade de Ensino: Futebol e Basquetebol
----------------	----------------	-------------------	--	---

Conteúdos:

- Futebol (passe, recepção, marcação individual, desmarcação, condução de bola, remate, jogo).
- Basquetebol (passe, recepção, desmarcação, lançamento na passada e após salto, ressalto defensivo e ofensivo, jogo).

Material:

- 10 coletes
- 2 bolas de Futebol
- 8 bolas de Basquetebol
- 20 pinos sinalizadores
- 4 arcos
- 2 balizas pequenas

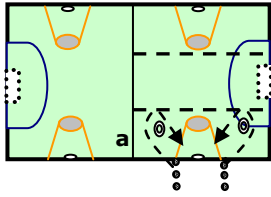
Objetivos:

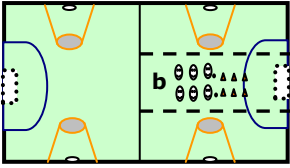
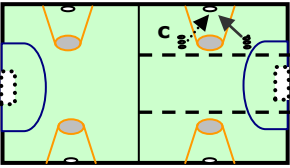
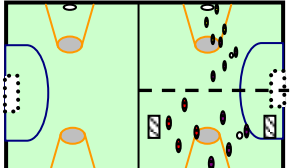
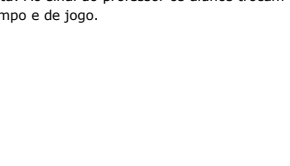
- Em situação de exercício de Basquetebol o aluno realiza drible de progressão, contorna o arco, muda a mão que dribla a bola, e realiza lançamento após salto ou lançamento na passada.
- Em situação de exercício de Futebol, os alunos realizam condução de bola com a parte interna e/ ou externa do pé num determinado percurso, rematando à baliza e colocando a bola nos locais determinados pelo professor;
- Em situação de exercício de Basquetebol, o aluno realiza drible em direcção ao cesto, lançando na

passada quer do lado direito, quer do esquerdo;

- Em situação de jogo 4x4 de Futebol, os alunos realizam com oportunidade e correcção global, passe, recepção, marcação individual, desarme, desmarcações, condução de bola com os dois pés, remate.

- Em situação de jogo 4x4 de Basquetebol, os alunos realizam com oportunidade e correcção global, o passe, recepção, lançamento na passada e após salto, ressalto defensivo e ofensivo.

Sequência das Tarefas	Condições Realização/Esquema	Critério de Êxito	⌚ Parcial	⌚ Total
1. Instrução Inicial				
- chamada				
- objectivos da aula		Atenção à instrução	4'	4'
- conteúdos a abordar				
- questionamento				
Transição			2'	6'
2. Aquecimento			4'	10'
- mobilização articular	O aluno Marco Moreira, de frente para os colegas, propõe os exercícios a efectuar.	Mobilização dos segmentos articulares		
Transição			2'	12'
- corrida em torno do campo			3'	15'
- jogo 10 passes	Alunos divididos em duas equipas procuram trocar a bola entre si sem que a equipa adversária ganhe a posse da mesma.	Activação cardio-respiratória	6'	21'
(apenas se pode tocar na bola com as mãos e não se pode driblar). A equipa que fizer 10 passes consecutivos marca ponto				
Transição, Instrução e Demonstração	Nota: Ao sinal do professor os alunos trocam de espaço	Activação cardio-respiratória	4'	25'
3. Trabalho por estações				
a) Drible, mudança de mão, lançamento após salto/ na passada - (basquetebol)		Realizar o percurso e a mudança de mão sem perder o controlo da bola;		
Em situação de exercício o aluno realiza drible de progressão, contorna o arco, muda a mão que dribla a bola, e realiza lançamento após		Olhar dirigido em frente;		
		Velocidade de execução;		

salto ou lançamento na passada.		Concretização.	18'	43'
<p>b) Condução de bola e Remate (futebol)</p> <p>Os alunos realizam condução de bola com a parte interna e/ ou externa do pé num determinado percurso, rematando à baliza com o intuito de colocar a bola nos locais determinados pelo professor (dentro do arco, derrubando o pino).</p>		<p>Condução com a parte interna ou externa do pé de forma rápida; levantar a cabeça momentaneamente para observar o espaço de jogo; Colocar a bola nos locais pré-definidos.</p>		
<p>c) Lançamento na passada (basquetebol)</p> <p>2 filas, aluno com bola dribla para o cesto e lança. Aluno sem bola vai ao ressalto.</p> <p>A meio do tempo destinado, troca o lado da bola e realiza o lançamento do lado esquerdo.</p>		<p>1º passo com o pé de fora;</p> <p>2º passo com o pé do lado de dentro, oposto à mão de lançamento;</p> <p>Elevação do joelho do lado da mão que lança;</p> <p>Bola lançada contra a tabela.</p>		
<p>Transição</p>				
<p>4. Jogo condicionado 4x4 Futebol</p> <p>No caso de algum grupo ficar misto rapaz marca rapaz e rapariga marca rapariga.</p>		<p>Utilizar as técnicas utilizadas anteriormente por forma a construir o maior número de oportunidades de golo possíveis.</p>		
<p>Jogo condicionado 4x4 Basquetebol</p> <p>No caso de algum grupo ficar misto rapaz marca rapaz e rapariga marca rapariga.</p>		<p>Realiza, passe, recepção, desmarcação, lança na passada ou parado de curta distância, se tem situação de lançamento (cesto ao seu alcance, em vantagem ou livre do defesa), ressalto defensivo e ofensivo.</p>	3'	46'
<p>Transição</p>				
<p>7. Retorno à calma</p>		Recuperar do esforço realizado.	26'	72'
<p>8. Arrumação do material e balanço final</p>	<p>O aluno Marco Moreira, de frente para os colegas, propõe os exercícios a efectuar</p>	<p>Ajudar na arrumação de material;</p> <p>Escutar o professor;</p> <p>Intervir verbalmente em caso de dúvidas.</p>	1'	73'
			3'	76'
			2'	78'

Distribuição das equipas para situação de jogo			
1	2	3	4
Marco	Vitor	Júlio	Ivanildo
Ana Silva	Ana Marques	Daniela	Jéssica
Maura	Melanie	Miguel	Nádia
Neuza	Mónica	Roberta	Yulia
Filipa	Raquel	Felisberto	Liliana
	Erickson	Tânia	

Análise da Aula:

--

Observações

O Relatório de Aula, a ficha de trabalho para os alunos que não fazem aula e o documento de apoio com o esquema gráfico encontram-se em anexo.

Fonte: Construção própria (2014)

Anexo V: Mapa de rotação de espaços

Mapa de Ocupação dos Espaços Desportivos de Educação Física																
		2ª Feira			3ª Feira			4ª Feira			5ª Feira			6ª Feira		
Início	Térmo	Pav. A	Ext.	Pav. B	Pav. A	Ext.	Pav. B	Pav. A	Ext. A	Pav. B	Pav. A	Ext.	Pav. B	Pav. A	Ext. A	Pav. B
08.30	09.15															
09.15	10.00	12A1	10A1	10 D1/C2	11A2	10P4	10P1	12C1	11P3	12P4	11A2	Vor St.16	10P3	10A3	12P1	12D2
10.20	11.05	12C1	10D2	10C1	11C1		12D1	12A2	10A1	10P1	12A1	10 D1/C2	A1.16	10 A4/B1	12A2	12D1
11.05	11.50					12P1										
12.00	12.45		11P2	11P4		10D3	A1.16	10 A4/B1	10A2	12D2	12P3	12P2	117	11A1	10D3	10A2
12.45	13.30															
13.45	14.30					10P1						10P1				
14.30	15.15															
15.25	16.10	10A3	12P2	11D3	11P1	11D2	11B1	11A1	11D1	10P1	10C1	11D2	11B1	11C1	10P2	11D3
16.10	16.55															
17.05	17.50															
17.50	18.35	11-17	11D1	12P3										10D2	Vor St.16	12P4

III	1º Período	III	2º Período	III	3º Período
1ª	18 a 22	1ª	03 a 05	3ª	09 a 13
2ª	25 a 29	2ª	08 a 12	1ª	16 a 20
3ª	02 a 06	3ª	15 a 19	2ª	23 a 27
1ª	09 a 13	1ª	22 a 26	3ª	30 a 04
2ª	16 a 20	2ª	29 a 02	1ª	07 a 11
3ª	23 a 27	3ª	05 a 09	2ª	14 a 18
1ª	30 a 03	1ª	19 a 23	3ª	21 a 25
2ª	06 a 10	2ª	26 a 02	1ª	28 a 01
3ª	13 a 17	3ª	05 a 09	2ª	04 a 08
1ª	20 a 24	1ª	12 a 16	3ª	11 a 15
2ª	27 a 1	2ª	19 a 23		
3ª	04 a 08				
1ª	11 a 15				

EF1		
EF2		
EF3		
EF4		
EF5		
EF6		
EF7		
EF8		
EF9		

Pav. A	1/2 Pavilhão & Desportos de Raquetas
Ext.	Campo polidesportivo exterior
Pav. B	1/2 Pavilhão & Ginástica

Nota: Quando estão 2 turmas, alternam Pavilhão/Exterior, se possível

Fonte: Construção do grupo disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas da Moita (2016)

Anexo VI: Ação de Formação Plataforma Fitescola



CENTRO DE FORMAÇÃO DAS ESCOLAS DOS
CONCELHOS DO BARREIRO E MOITA

Tel. 21205 92 06 - Fax: 21 205 92 05 E-mail: cfbarreiriomoita@gmail.com

CERTIFICADO

Ao abrigo do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores e de acordo com a legislação em vigor, certifica-se que:

Rui Miguel Cunha da Luz

Frequentou, com aproveitamento, a ação de formação **“A Plataforma FIT escola como Instrumento de Apoio ao Desenvolvimento da Aptidão Física dos Alunos na Disciplina de Educação Física e no Desporto Escolar”**, com o registo CCPFC/ACC-87800/16, que decorreu na Escola Básica Mendonça Furtado, Barreiro, de 09 de Setembro a 19 de Novembro de 2016.

Duração: 25h Presenciais + 25h de trabalho Autónomo

Avaliação: Qualitativa: Excelente

Quantitativa: 9,7

Creditação: 2 U.C.

Modalidade: Oficina de Formação

Formadores: Cláudia Minderico

Nuno Fialho

Vasco Gonçalves

Mais se certifica que, para os efeitos previstos no artigo 5º, do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, a presente ação releva para efeitos de progressão em carreira de Professores dos Grupos 260 do 2ºciclo Ensinos Básico e do Grupo 620 dos Ensinos Básico (3ºciclo) e Secundário.

Para efeitos de aplicação do nº3 do artigo 14º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, (dimensão científica e pedagógica), a presente ação releva para a progressão em carreira de Professores dos Grupos 260 do 2ºciclo Ensinos Básico e do Grupo 620 dos Ensinos Básico (3ºciclo) e Secundário.

Barreiro, 20 de abril de 2017



O Diretor do Centro de Formação,

Joaquim Raminhos
CENTRO DE FORMAÇÃO DE ESCOLAS

Anexo VII: Ficha Biográfica do aluno

Escola Básica 2,3 do Álvaro Velho					
Ano Letivo 2012/2013					
Professor: Rui Luz			n.º de Aluno: ____		
Disciplina: Educação Física			Ano: ____		
			Turma: ____		
			Idade: ____		
IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO					
Nome do Aluno: _____			Data de Nascimento: ____/____/____		
Morada: _____			Localidade: _____		
Contacto: _____			Nota da Disciplina de Ed. Física no ano lectivo anterior: _____		
DADOS FAMILIARES					
Pai: _____			Idade: ____ Profissão: _____		
Mãe: _____			Idade: ____ Profissão: _____		
N.º de Irmãos: ____ Idades: ____; ____; ____			Com quem vives: _____		
Ens. Educação: _____			Grau de parentesco: _____ Contacto: _____		
VIDA ESCOLAR					
Já reprovaste algum ano? ____ Qual? _____					
Tens alguém que te ajuda no estudo? ____ Quem? _____					
Disciplina(s) preferida(s): _____					
Disciplina(s) que gostas menos: _____					
Quando acabares o Ensino Secundário vais continuar a estudar? ____ Que curso? _____					
Que profissão gostarias exercer? _____					
Como te deslocas para a escola? _____ Quanto tempo demoras? _____					
TEMPOS LIVRES (coloca uma X em 5 actividades que realizas com mais frequência)					
Férrica	Triciclismo/ Documentários	Ler	Enrascar	Ir à discoteca	
Telenovelas	Computador (jogos)	Ouvir música	Ajudar em casa	Ir ao café	
Concursos	Internet	Conversar	Ajudar no ofício (papa)	Ir ao cinema	
Desenhos animados	Aprender a dançar	Passar	Trabalho remunerado	Escutar	
Reality shows	Apresentar música	Praticar desporto	Ir à Catequese	Outras: _____	
Saúde					
Tens algum problema de saúde? ____ Qual? _____					
Tens dificuldades? Visuais: ____ Auditivas: ____ Motoras: ____ de fala: ____ Outras: ____					
Tomas o pequeno almoço? Em casa: ____ Na escola: ____ Não tomo. ____					
Em caso de urgência, contactar: _____ Telefone: _____					
Observações: _____					
PRÁTICA DESPORTIVA/ EDUCAÇÃO FÍSICA					
Actualmente praticas alguma(s) modalidade(s) desportiva(s)? ____ Qual(s)? _____					
Já praticaste alguma(s) modalidade(s) desportiva(s)? ____ Qual(s)? _____					
Gostas da disciplina de Educação Física? _____					
Modalidade(s) preferida(s): ____ Modalidade(s) mais difícil(s): ____					
O que esperas das aulas de Educação Física? _____					
Sugestões (o que te faria gostares mais das aulas): _____					

Fonte: Construção do grupo disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho (2012)

Anexo VIII: Torneio Escolar de Basquetebol



Fonte: Imagem captada no Agrupamento de Escolas da Moita (2015)

Anexo IX: Atividades dinamizadas







Fonte: Corta-mato do primeiro ciclo do Agrupamento de Escolas da Moita (2015)



Fonte: Atividades de Exploração da Natureza na Mata Nacional da Machada com alunos do Agrupamento de Escolas da Moita (2016)

Anexo X: Indicadores de sucesso para observação em jogo

<div style="text-align: right;"> VOLEIBOL  </div>		
NIVEL INTRODUTORIO	NIVEL ELEMENTAR	NIVEL AVANÇADO
<ul style="list-style-type: none"> Coopera com os companheiros, quer nos exercícios quer no jogo; Aceita as decisões da arbitragem e trata com igual cordialidade e respeito os companheiros e adversários. 		
DESCRIÇÃO		
<ul style="list-style-type: none"> Situação de jogo reduzido 2+2 ou 2x2 <p>Realiza as ações técnicas dando continuidade ao jogo mantendo a sustentação da bola no ar.</p> 	<ul style="list-style-type: none"> Situação de jogo reduzido até 4x4 <p>Realiza com oportunidade as ações técnicas do nível.</p> 	<ul style="list-style-type: none"> Situação de jogo reduzido de 4x4 ou 6x6 em campo formal <p>Realiza com oportunidade as ações técnicas do nível.</p> 
INDICADORES DE OBSERVAÇÃO		
<ul style="list-style-type: none"> Serve por baixo, colocando a bola, no meio campo oposto. Recebe a bola, com as duas mãos por cima dando continuidade à ação. Recebe com manchete, de modo a imprimir à bola uma trajetória alta. Passa, com coordenação global. 	<ul style="list-style-type: none"> Serve por baixo ou por cima dificultando a receção. Jogo com 3 toques e receção para a frente. Passe alto para finalização. Finalização ao 3º toque em passe colocado ou remate em apoio. 	<ul style="list-style-type: none"> Jogo com 3 toques. Receção para o passador. Finalização ao 3º toque em passe colocado ou remate em apoio. Bloco ou proteção ao próprio ataque.
RECURSOS MATERIAIS: Bola de Voleibol, Rede/Postes e cones de sinalização		

Fonte: Construção do grupo disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas da Moita (2013)

Anexo XI: Critérios de Avaliação

Escola Secundária da Moita
Departamento de Expressões
Grupo Disciplinar: Educação Física - 620

**Aspetos Operacionais dos Critérios de Avaliação**

“Considera-se como referência para o sucesso na disciplina de Educação Física (classificação de 10 valores ou nível 3), o domínio nas seguintes áreas: *Atividades Físicas* (matérias), *Aptidão Física* e *Conhecimentos*”.

Critérios Gerais de Avaliação

Áreas	Ensino Básico			Ensino Secundário		
	CEF	CV (1 Ano)	CV (2 Ano)	Científico- Humanísticos	Profissional	Vocacional (2 Anos)
Atividades Físicas	80%	100% (4 módulos)	100% (8 módulos)	65%	100% (16 módulos)	100% (9 módulos)
Aptidão Física	10%			20%		
Conhecimentos	10%			15%		

CrITÉrios e parÁmetros específicos da avaliação

Nas Áreas Atividades Físicas e Aptidão Física a avaliação incide no estado em que o aluno se encontra. Na Área dos conhecimentos, procede-se à média aritmética dos períodos.

Áreas de Avaliação		Contexto de avaliação	Normas de referência	
Atividades Físicas Cient-Hum – 65% Prof – 100% CEF – 80% CV_básico - 100% CV_secundário - 100%	Matérias Cient-Hum - 55% Profissional - 80% CEF – 50% CV_básico - 70% CV_secundário - 80%	- Qualidade revelada na interpretação prática das competências de cada matéria de acordo com o definido no PNEF. - Situação de jogo formal ou reduzido, composição gímnica, percurso, coreografia, etc.	Considera-se que cada aluno deve situar-se em relação a cada matéria num dos seguintes níveis: [*] NI – não atinge nível (I) (I) – nível introdutório (E) – nível elementar (A) – nível avançado	
	Formação Pessoal e Social Cient-Hum - 10% Profissional - 20% CEF – 30% CV_básico - 30% CV_secundário -20%	Manifesta comportamentos de: - Pontualidade; - Respeito pelos colegas, professores, funcionários e correta utilização das instalações e equipamentos.	0– Nunca / Raramente se observa	0% - 74%
			1 – Observa-se com regularidade	75% - 89%
			2 – Observa-se quase sempre / sempre	90-100%
Aptidão Física Cient-Hum – 20% Prof – 100% CEF – 10% CV_básico - 100% CV_secundário - 100%		Aplicação do Protocolo de Avaliação da Aptidão Física - FITNESSGRAM, de acordo com as normas definidas pelo Grupo Disciplinar	O aluno encontra-se na Zona Saudável de Aptidão Física, estabelecida pelo protocolo FITNESSGRAM, de acordo com a sua idade e género	
Conhecimentos Cient-Hum – 15% Prof – 100% CEF – 10% CV_básico - 100% CV_secundário - 100%		Fichas de trabalho, testes escritos, trabalhos individuais ou de grupo, apresentações orais	O aluno revela os conhecimentos definidos pelo Grupo de EF, relativos aos objetivos do PNEF	

* Para situar o aluno num dos referidos níveis, é requisito fundamental, a participação prática efetiva de acordo com as seguintes condicionantes:

- < que 50% de participação prática efetiva, situa-se no NI;
- ≥ 50% e ≤ 69% de participação prática efetiva, pode atingir os níveis I ou NI (dependendo das competências adquiridas nas matérias);
- ≥ 70% e ≤ 89% de participação prática efetiva, pode atingir os níveis E, I ou NI (dependendo das competências adquiridas nas matérias);

≥ 90% de participação prática efetiva, pode atingir os níveis A, E, I ou NI (dependendo das competências adquiridas nas matérias)

Área das Atividades Físicas

Tabela de avaliação da Área das Atividades Físicas Cursos Educação e Formação - CEF		
Classificação	Tipo 2 – A1-16 (1º ano)	Tipo 3 – I1-16 /Tipo 2 (2º ano)
1	A atribuição de nível 1 deverá merecer uma ponderação individualizada de cada docente, tendo como referência a “distância” que o aluno se encontra de alcançar as normas de referência para o sucesso nas Atividades Físicas (nível 3) .	
2	3 I + 2 NI	4 I + 1 NI
3	4 I + 1 NI	5 I
4	5 I	4 I + 1 E
5	4 I + 1 E	3 I + 2 E

Tabela de avaliação da Área das Atividades Físicas Cursos Vocacionais - Básico		
Classificação	Níveis	Contexto de avaliação
≤ 9	Não atinge Nível Introdutório - NI	A atribuição das classificações em cada um dos módulos, depende da qualidade revelada na interpretação prática das competências de cada matéria de acordo com o definido no PNEF, num contexto de avaliação em situação de jogo formal ou reduzido, composição gímnica, percurso, coreografia, etc.
10 a 13	Nível Introdutório - I	
14 a 17	Parte Elementar - PE	
18 a 20	Elementar - E	

Tabela de avaliação da Área das Atividades Físicas Cursos Científico-Humanísticos			
Classificação	Níveis		
	10º	11º	12º
10 – Refª para o Sucesso	5 I + 1 E	4 I + 2 E	3 I + 3 E
20 – Referência para a Exª.	5 E + 1 A	4 E + 2 A	3 E + 3 A
Valor dos níveis para cálculo da nota: (Refª.: 1E = 1,5I; 1A = 1,25E) PI=1 I=2 PE=2,5 E=3 PA=3,38 A=3,75	SE \sum níveis ≤ 13 Nota = $\sum \times 0,77$ SE \sum níveis > 13 Nota = $10,01 + (\sum - 13) \times 1,74$	SE \sum níveis ≤ 14 Nota = $\sum \times 0,715$ SE \sum níveis > 14 Nota = $10,01 + (\sum - 14) \times 1,82$	SE \sum níveis ≤ 15 Nota = $\sum \times 0,67$ SE \sum níveis > 15 Nota = $10,05 + (\sum - 15) \times 1,9$

1- Σ = somatório dos níveis alcançados pelo aluno, aplicando o valor de cada nível indicado na 1ª coluna da tabela

2- Nota= Classificação Final das AF

Considera-se que o aluno atinge Parte do Nível Introdutório (PI), Parte do Nível Elementar (PE) ou Parte do Nível Avançado (PA) quando cumprir pelo menos 60% do que está previsto no PNEF.

Tabela de avaliação da Área das Atividades Físicas Cursos Profissionais			
Nível	Classificações 10º/11º/12º anos	Classificações 12º ano (quando o nível exigido é elementar)	Contexto de avaliação
Não atinge Nível Introdutório	≤ 9 #	≤ 8 #	A atribuição das classificações em cada um dos módulos, depende da qualidade revelada na interpretação prática das competências de cada matéria de acordo com o definido no PNEF, num contexto de avaliação em situação de jogo formal ou reduzido, composição gímnica, percurso, coreografia, etc. A norma de referência será: 1-Não executa 2-Executa com dificuldades significativas 3-Executa sem dificuldades significativas 4-Executa com correção sem regularidade 5-Executa com correção e sistematicamente
Introdutório	10 – 13	≤ 9	
Elementar	14 – 17	10 – 13	
Parte do Nível Avançado	---	14 – 17	
Avançado	18 - 20	18 - 20	

A atribuição de **classificações inferiores a 9 valores** deverá merecer uma ponderação individualizada de cada docente, tendo como referência a "distância" que o aluno se encontra de alcançar as normas de referência para o sucesso nas **Atividades Físicas (Class. 10)**.

Tabela de avaliação da Área das Atividades Físicas Cursos Vocacionais - Secundário		
Nível	Classificações	Contexto de avaliação
Não atinge Nível Introdutório	≤ 9 #	A atribuição das classificações em cada um dos módulos, depende da qualidade revelada na interpretação prática das competências de cada matéria de acordo com o definido no PNEF, num contexto de avaliação em situação de jogo formal ou reduzido, composição gímnica, percurso, coreografia, etc. A norma de referência será: 1-Não executa 2-Executa com dificuldades significativas 3-Executa sem dificuldades significativas 4-Executa com correção sem regularidade 5-Executa com correção e sistematicamente
Introdutório	10 – 13	
Elementar	14 – 17	
Avançado	18 - 20	

A atribuição de **classificações inferiores a 9 valores** deverá merecer uma ponderação individualizada de cada docente, tendo como referência a "distância" que o aluno se encontra de alcançar as normas de referência para o sucesso nas **Atividades Físicas (Class. 10)**.

Área da Aptidão Física

Tabela de Avaliação da Área da Aptidão Física			
Níveis	Classificação	Nº Testes na ZSAF*	Observações
2	8	3	
	9		C/ Apt Aeróbia
3	10	4	C/ Apt Aeróbia e IMC
	11		
	12		C/ Apt Aeróbia
	13		C/ Apt Aeróbia e IMC
4	14	5	
	15		C/ Apt Aeróbia
	16		C/ Apt Aeróbia e IMC
	17		C/ Apt Aeróbia acima da mediana e IMC
5	18	6	
	19		C/ Apt Aeróbia acima da mediana
	20		Apt Aeróbia e outro teste (força) acima da mediana

*ZSAF - Zona Saudável de Aptidão Física

Nota: Os testes que entram para a classificação dos alunos na área da aptidão física são: Vai-vem; Extensão de braços; Abdominais; IMC; Senta e alcança; Extensão do tronco; Flexibilidade do ombro (dos 3 testes de flexibilidade realizados, apenas são contabilizados para efeitos de classificação os 2 melhores).

Área dos Conhecimentos

Tabela de Avaliação da Área dos Conhecimentos Cursos de Educação e Formação - CEF			
Tipo	1º ano	2º ano	Instrumentos de Avaliação
Tipo 2	As capacidades Físicas • A adaptação do organismo ao esforço; • Os indicadores que caracterizam a Aptidão Física (V. FITNESSGRAM) e a sua relação com a saúde; - A dimensão cultural das AF na atualidade e ao longo dos tempos.	• A participação dos sistemas musculó-articular e cardiovascular na postura e no movimento; • A atividade física e a alimentação; • A diversidade das atividades físicas e dos seus contextos; • Desporto e Educação Física.	Trabalhos de grupo ou individual ou ficha de trabalho e questionamento
Tipo 3	- As capacidades Físicas; - A adaptação do organismo ao esforço; - Os indicadores que caracterizam a Aptidão Física (V. FITNESSGRAM) e a sua relação com a saúde; - A dimensão cultural das AF na atualidade e ao longo dos tempos.		

Tabela de Avaliação do Módulo dos Conhecimentos Cursos Vocacionais - Básico e Secundário		
Módulo	Conteúdos teóricos	Instrumentos de avaliação
M-4	- A adaptação do organismo ao esforço; - As capacidades Físicas; - Os indicadores que caracterizam a Aptidão Física (FITNESSGRAM); - Relação Atividade Física/ Condição Física/ Saúde; - A dimensão ética da participação nas AFD; - A diversidade das atividades físicas e dos seus contextos.	Trabalhos de grupo, individual ou ficha de trabalho e questionamento

Tabela de Avaliação da Área dos Conhecimentos Cursos Científico-Humanísticos			
Ano	1º Período	2º Período	3º Período
10º	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade física, condição física e saúde; - As capacidades motoras. <i>Instrumento:</i> Ficha de trabalho individual	<ul style="list-style-type: none"> - O papel das AF na evolução do Homem e da Sociedade; - Fenómenos limitativos da prática de AF, da Aptidão Física e Saúde; <i>Instrumento:</i> Ficha de trabalho individual	<ul style="list-style-type: none"> - Consolidação dos conteúdos abordados nos 1º e 2º Períodos <i>Instrumento:</i> Teste sumativo
11º	<ul style="list-style-type: none"> - Estilos de Vida Saudáveis. <i>Instrumento:</i> Trabalho de reflexão crítica sobre estilo de vida saudável individual	<ul style="list-style-type: none"> - Fenómenos sociais e culturais associados às atividades físicas e desportivas na atualidade e ao longo dos tempos; - A dimensão ética da participação nas AFD. <i>Instrumento:</i> Trabalho de grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Fenómenos sociais e culturais associados às atividades físicas e desportivas na atualidade e ao longo dos tempos; - A dimensão ética da participação nas AFD. <i>Instrumento:</i> Apresentação à turma do trabalho de grupo
12º	<ul style="list-style-type: none"> - Fatores de saúde e risco associados às AF; - Processos de controlo do esforço. <i>Instrumento:</i> Projeto de aula a apresentar à turma	<ul style="list-style-type: none"> - Fatores de saúde e risco associados às AF; - Processos de controlo do esforço. <i>Instrumento:</i> Apresentação prática do projeto elaborado no 1º Período	<ul style="list-style-type: none"> - Estilos de vida saudáveis <i>Instrumento:</i> Trabalho individual de reflexão crítica sobre a proposta de alterações ao estilo de vida do 11º ano

Tabela de Avaliação dos Módulos dos Conhecimentos Cursos Profissionais		
Ano	Conteúdos teóricos	Instrumentos de avaliação
10º Mód.5	<ul style="list-style-type: none"> - Relação Atividade Física/ Condição Física/ Saúde; - Capacidades Motoras; - Estilo de Vida Saudável; - Fatores de Saúde e Risco Associados à Prática das Atividades Físicas; - Doping; - Evolução dos fenómenos sociais associados a limitações das possibilidades de prática das Atividades Físicas, da Aptidão Física e da Saúde dos indivíduos e das populações ao longo dos tempos. 	Trabalho de grupo com apresentação à turma ou ficha de trabalho
11º Mód.10	<ul style="list-style-type: none"> - Conhece processos de controlo do esforço; - Identifica sinais de fadiga ou inadaptação à exercitação praticada, evitando riscos para a Saúde; - Identifica as características que conferem dimensão cultural à Atividade Física na atualidade e ao longo dos tempos; - Reconhece a diversidade e variedade das atividades físicas, e os contextos e objetivos com que se realizam; - Distingue o Desporto e Educação Física, reconhecendo o valor formativo de ambos. 	Trabalho de grupo com apresentação à turma ou ficha de trabalho
12º Mód.15	<ul style="list-style-type: none"> - A especialização precoce e a exclusão ou abandono precoces; - A dopagem e os riscos de vida e/ou saúde; - A violência (dos espetadores e dos atletas) vs espírito desportivo; - A corrupção vs verdade desportiva; - Diferentes tipos de atividade (desportiva ou outra), que pela sua especificidade, podem contribuir mais ou menos para a melhoria da aptidão física e consequentemente saúde e bem-estar. 	Trabalho de grupo com apresentação à turma ou ficha de trabalho



Situações de incapacidade física

Os alunos que apresentam atestados médicos comprovativos da incapacidade física, de acordo com o ofício-circular nº98/DES de 25 de Maio e Dec-Lei nº3/2008 de 7 Jan., serão avaliados nos conhecimentos demonstrados nas áreas definidas (Atividade Física, Aptidão Física e Conhecimentos).

Áreas de Avaliação		Contexto de avaliação	Instrumentos de avaliação
Atividades Físicas Aptidão Física Conhecimentos Todos os cursos 100%	Matérias Cient-Hum - 90% Profissional - 80% CEF – 70% CV_Básico - 70% CV_Secundário - 80%	- Conhecimentos demonstrados sobre os conteúdos de cada matéria de acordo com o definido no PNEF.	Testes escritos – 40% Trabalhos individuais ou de grupo – 40% Trabalho em aula (arbitragem, ajudas nos esquemas, coreografias, etc) – 20%
	Formação Pessoal e Social Cient-Hum - 10% Profissional - 20% CEF – 30% CV_Básico - 30% CV_Secundário - 20%	Manifesta comportamentos de: - Pontualidade; - Respeito pelos colegas, professores, funcionários e correta utilização das instalações e equipamentos.	0 – Nunca / Raramente se observa 1 – Observa-se com regularidade 2 – Observa-se quase sempre / sempre

Fonte: Construção do grupo disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas da Moita (2016)

Anexo XII: Grelha de Avaliação de Andebol

 GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA		Agrupamento de Escolas da Moita	171311	Sede - Escola Secundária da Moita		 Agrupamento de Escolas Moita		Observações:						
Ano:		Matéria		Andebol		Nível Introdutório: Jogo 4x4 ou 5x5		Nível Elementar: Jogo 5x5		Nível Avançado: Jogo 7x7				
Turma:		Nível I			Nível E		Nível A							
		Passa com o braço armado	Usa o drible para progredir	Marcação individual	Utiliza o drible para penetrar e finalizar em remate em suspensão	Utiliza fintas e mudanças de direção para ultrapassagens	Marcação individual em 1/2 campo na proximidade e à distância	Equilíbrio ofensivo e defensivo	Ataca o espaço entre defesas para criar desequilíbrios	Marca adversário com posse de bola controlando ou realizando bloco	Av. Inicial	1P	2P	3P
Nº	Nome													
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														
14														
15														
16														
17														
18														

Fonte: Construção do grupo disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas da Moita (2014)

Anexo XIII: Grelhas de avaliação

ESCOLA SECUNDÁRIA DA MOITA																										
EDUCAÇÃO FÍSICA - Cursos Regulares																										
Avaliação das Atividades Físicas																										
Ano/Turma:																										
Nº	Nome	Avaliação Matérias										Nível das Matérias (NI, PI, I, PE, E, PA, A)														
		NI	PI	I	PE	E	PA	A	Σ (6)	10º	11º	12º	2			1		1	2							
		0	1	2	2,5	3	3,38	3,75					Basq	Vol	Fut	And	Gin	Atl	Danç	Rug	Bad	Ten	Bas	Or		
1		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
2		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
3		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
4		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
5		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
6		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
7		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
8		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
9		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
10		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
11		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
12		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
13		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
14		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
15		0							0	0	0	0	0	0	0	0										
16		0							0	0	0	0	0	0	0	0										

		Vaiúem				Abdominais				Extensões Braços				Extensão do Tronco				Senta e Alcança				Flexibilidade de Ombros			
Nome	Idade	Spencer	Claz	Ref ZSAF	Rezaçoç	Claz	Ref ZSAF	Rezaçoç	Claz	Ref ZSAF	(cm)	Claz	Ref ZSAF	Det (cm)	Erg (cm)	Claz	Ref ZSAF	Det (cm)	Erg (cm)	Claz	Ref ZSAF	Det (cm)	Erg (cm)	Claz	Ref ZSAF
	15	76	ZSAF	51-94	33	ZSAF	24-47	22	ZSAF	18-35				23-30	17	22	ZSAF	20	s	n	ZSAF				
	17	12	PM	41-51	22	ZSAF	18-35	4	PM	7-15				23-30	26	25	PM	30,5	s	s	AZSAF				
	16	34	PM	61-94	32	AZSAF	24-47	11	PM	18-35				23-30	24	26	AZSAF	20	s	s	AZSAF				
	15	24	ZSAF	61-94	31	ZSAF	18-35	15	ZSAF	7-15				23-30	23	26	PM	30,5	s	s	AZSAF				
	15	60	ZSAF	51-94	17	PM	24-47	12	PM	18-35				23-30	18	20	ZSAF	20	s	s	AZSAF				
	15	66	ZSAF	51-94	80	AZSAF	24-47	15	PM	18-35				23-30	33	34	AZSAF	20	s	s	AZSAF				
	15	9	PM	51-94	1	PM	24-47	3	PM	18-35				23-30	16	19	PM	20	s	s	AZSAF				
	17	48	PM	61-94	10	PM	24-47	1	PM	18-35				23-30	1	1	PM	20	n	n	PM				
	16	23	PM	32-51	16	PM	18-35	6	PM	7-15				23-30	36	36	AZSAF	30,5	s	s	AZSAF				
	15	32	ZSAF	61-94	32	ZSAF	18-35	10	ZSAF	7-15				23-30	18	18	PM	30,5	s	s	AZSAF				
	16	34	PM	61-94	32	ZSAF	24-47	12	PM	18-35				23-30	12	14	PM	20	s	n	ZSAF				
	15	41	PM	51-94	17	PM	24-47	14	PM	18-35				23-30	25	23	AZSAF	20	s	s	AZSAF				
	16	16	PM	51-94	18	PM	24-47	5	PM	18-35				23-30	23	20	AZSAF	20	n	n	PM				
	15	66	ZSAF	61-94	35	ZSAF	24-47	11	PM	18-35				23-30	35	33	AZSAF	20	s	n	ZSAF				
	15	24	ZSAF	23-51	1	PM	18-35	13	ZSAF	7-15				23-30	31	26	AZSAF	30,5	s	s	AZSAF				
	16	24	PM	32-51	37	AZSAF	18-35	2	PM	7-15				23-30	31	32	AZSAF	30,5	s	s	AZSAF				
	15	24	ZSAF	23-51	10	PM	18-35	3	PM	7-15				23-30	26	23	PM	30,5	s	s	AZSAF				
	15	22	PM	61-94	23	PM	24-47	2	PM	18-35				23-30	20	18	ZSAF	20	s	s	AZSAF				
	15	19	PM	23-51	1	PM	18-35	10	ZSAF	7-15				23-30	42	42	AZSAF	30,5	s	s	AZSAF				
	15	25	ZSAF	23-51	20	ZSAF	18-35	1	PM	7-15				23-30	40	40	AZSAF	30,5	s	s	AZSAF				
	16	28	PM	32-51	20	ZSAF	18-35	13	ZSAF	7-15				23-30	35	37	AZSAF	30,5	s	s	AZSAF				
	15	66	ZSAF	51-94	38	ZSAF	24-47	13	PM	18-35				23-30	22	21	AZSAF	20	s	s	AZSAF				
	16	18	PM	61-94	18	PM	24-47	8	PM	18-35				23-30	18	22	ZSAF	20	s	n	ZSAF				
	16	32	ZSAF	32-51	55	AZSAF	18-35	9	ZSAF	7-15				23-30	31	33	AZSAF	30,5	s	s	AZSAF				
	16	12	PM	32-51	14	PM	18-35	4	PM	7-15				23-30	25	23	PM	30,5	s	s	AZSAF				
	16	24	PM	32-51	12	PM	18-35	9	ZSAF	7-15				23-30	26	20	PM	30,5	s	s	AZSAF				
	15	33	PM	51-94	42	ZSAF	24-47	6	PM	18-35				23-30	22	22	AZSAF	20	s	s	AZSAF				

Fonte: Construção do grupo disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas da Moita (2013)

Anexo XIV: Ficha de auto-avaliação do aluno**Auto-Avaliação**


Nome:	n.º	Ano	Turma
-------	-----	-----	-------

Com esta ficha pretende-se que faças uma auto-avaliação. Lê cada uma das questões e assinala com uma cruz a resposta que considerares adequada.

Parâmetros de avaliação		1.º p.	2.º p.	3.º p.
Fui assíduo(a).	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fui pontual.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Esforcei-me por melhorar e aprender.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participei activamente nas aulas.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Respeitei as regras do comportamento nas aulas.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Esperei a minha vez para intervir.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ouvir atentamente o professor.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Colaborei com os meus colegas e aceitei as suas falhas.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Entendi e apliquei as principais regras de cada actividade.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trouxe o equipamento necessário para realizar a aula.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Executei correctamente as acções de cada actividade.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cumprir as normas do desportivismo.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Executei as tarefas de acordo com o que me foi pedido.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procurei aprender os conhecimentos transmitidos pelo professor.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostei das aulas de Educação Física.	Sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nem sempre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Nunca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		1.º Período	2.º Período	3.º Período
Os valores que julgo serem mais adequados para o meu desempenho são:				


Fonte: Construção do grupo disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas de Álvaro Velho (2012)

Anexo XV: Avaliação de desempenho docente AE Álvaro Velho



GOVERNO DE PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS ÁLVARO VELHO

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DOCENTE
Ficha de registo da avaliação

Identificação do avaliado	Nome Rui Miguel Cunha da Luz Grupo de Recrutamento 620 Situação Profissional: Docente de carreira ____ Contratado X
Condições de avaliação	Componente Lectiva: Sim X Não ____ Observação de Aulas: Sim X Não ____ Função exercida: _____ Período de Avaliação: 01/09/2012 a 31/08/2013 Apresentou Projeto Docente: Sim ____ Não X
Identificação do avaliador interno	Nome: Jorge Manuel da Silva Palaio Grupo de Recrutamento 260 Funções: Diretor/Presidente CAP ____ Coordenador (a) de Departamento ____ Docente em substituição do Coordenador de Departamento X
Identificação do avaliador externo	Nome: _____ Grupo de Recrutamento _____


Dimensão	Parâmetros	Pontuação
A - Científica e Pedagógica (60%)	Conteúdos disciplinares	
	Conhecimentos que enquadram e agilizam a aprendizagem	
	Aspetos didáticos	
	Aspetos relacionais	
	A E - Pontuação parcial (42%)	
	Preparação e organização das actividades educativas	9
	Articulação curricular	9
	Contributos para a discussão de temas pedagógicos e didáticos	9
	A I - Pontuação parcial (18%)	5,4
B - Participação na escola e relação com a comunidade (20%)	Compromisso com o grupo de pares e a escola	9
	Compromisso com a promoção das aprendizagens e desenvolvimento cívico dos alunos	9
	Contributo para a realização dos objectivos e metas do PE e PPA	8
	Participação nas estruturas	8
	B - Pontuação parcial (20%)	1,7
C - Formação contínua e desenvolvimento profissional (20%)	N.º de horas de formação	
	Qualidade da formação adquirida	8
	C - Pontuação parcial (20%)	1,6
Proposta dos Avaliadores	Pontuação global (100%)	8,7
	Menção Qualitativa	MUITO BOM

Assinatura do Avaliador Interno _____

Assinatura do Avaliador Externo _____

Data: 17 / 07 / 2013

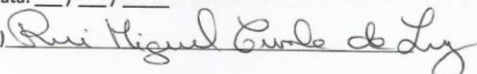
Data: 15 / 07 / 2013

Classificação Final Aprovada pela SADD	Classificação 8,7 v	Menção Qualitativa MUITO BOM
	Fundamentação da avaliação	
	<hr/> <hr/> <hr/>	
	Data da Reunião: 02 / 09 / 2013	
	Assinaturas	 <hr/>
		<hr/>


Comunicação da Avaliação Final de Desempenho:

Tomei conhecimento, data: __/__/__

(Assinatura do avaliado)



Anexo XVI: Avaliação de desempenho docente AE Santo André

 GOVERNO DE PORTUGAL <small>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</small>		AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE SANTO ANDRÉ - 120340 -	
REGISTO ANUAL DA PARTICIPAÇÃO DO DOCENTE			
ANO LETIVO 2014/ 2015			
Avaliado: Rui Miguel Cunha da Luz		NI DGAE: 6534804204	
Disciplina: Educação Física		Grupo: 620	
Avaliador: António José Ramos das Neves		NI DGAE: 5461534880	
Período em avaliação: de 1/09/ 2014 a 31/08/2015			
Docente de carreira <input type="radio"/> Docente contratado <input checked="" type="radio"/>			
Carreira docente: Escalão _____ Data da mudança de escalão ____/____/____			
Entregou projeto docente: Sim <input type="radio"/> Não <input checked="" type="radio"/>			
Requereu aulas observadas (só docentes de carreira): Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/> Data ____/____/____			
Requereu a recuperação da classificação atribuída na observação de aulas, nos termos do nº 2 do Artº 30º do Decreto Regulamentar nº 26/ 2012, de 21 de fevereiro: Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/> Data ____/____/____			
Assiduidade no ciclo avaliativo: Maior ou igual a 95% <input checked="" type="radio"/> Menor que 95% <input type="radio"/>			
PARECER SOBRE O PROJETO DOCENTE ANUAL			
0	O docente entregou Projeto docente relativo a este ano: Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>		
1	Respeita a formatação padrão		
2	Foi entregue dentro do prazo previsto na calendarização		
3	Enuncia o contributo do docente para a concretização dos objetivos/ metas do PEE		
4	Os objetivos estabelecidos enquadram-se nos do PEE: Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/>		
PARECER DO RELATÓRIO DE AUTOAVALIAÇÃO ANUAL			
Se está conforme assinalar com X			
1	Respeita a formatação padrão	X	
2	Refere o nível de assiduidade em cada ano do ciclo em avaliação		
3	Refere as ações e atividades promovidas na CL e CNL	X	
4	Analisa e reflete sobre os resultados escolares obtidos	X	
5	Refere o seu contributo para concretizar as metas do PE	X	
6	Refere o seu contributo para concretizar os objetivos do PAA	X	
7	Refere a formação creditada realizada e a avaliação obtida	X	
8	Reflete sobre o contributo da formação para a melhoria da ação educativa	X	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE SANTO ANDRÉ

- 120340 -

FICHA SÍNTESE:

<u>Dimensão:</u> Científica e pedagógica (60%)	CLASSIFICAÇÃO
Evidencia conhecimento científico, pedagógico e didático da disciplina que leciona.	10
Planifica as atividades letivas/ apoio pedagógico e rentabiliza os meios e recursos disponíveis	10
Aplica estratégias adequadas às necessidades dos alunos e aos contextos, promovendo ambientes de aprendizagem.	10
Contribui para a articulação curricular (conselho de turma, grupo disciplinar).	10
Avalia e monitoriza o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos	10
Total 1	10 x 0.60 = 6

<u>Dimensão:</u> Participação na vida da escola e relação com a comunidade (20%)	CLASSIFICAÇÃO
Participa na construção dos documentos institucionais orientadores da vida da escola, contribuindo para a sua concretização e avaliação.	10
Participa nas estruturas educativas (Conselho de turma, grupo e departamento disciplinar).	10
Promove ou colabora em atividades que envolvem os EE ou a comunidade	10
Participa em projetos ou atividades de âmbito nacional ou internacional, que sejam relevantes para a escola.	10
Total 2	10 X 0.20 = 2

<u>Dimensão:</u> Formação contínua e desenvolvimento profissional (20%)	CLASSIFICAÇÃO
Realiza formação contínua e atualiza o desenvolvimento profissional.	10
Aplica os conhecimentos adquiridos na melhoria do seu desempenho profissional.	10
Total 3	10 X 0.20 = 2

Classificação final (Total 1 + Total 2 + Total 3) = 10 (Valores)

At o brço do nº 7 do artº 18º, do Dec. Regulamentar nº 26/2012
de 21 de Fevereiro foi atribuída a nota: de
Muito Bom (8,9 val.)

Barreiro, 9 de Julho de 2015



O/A AVALIADOR/A:

Tomei conhecimento do parecer do Relatório de Autoavaliação anual e dos Registos do Avaliador.

Data: 24/07/2015

O Avaliado:

Anexo XVII: Avaliação de desempenho docente AE Moita

 GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA	Agrupamento de Escolas da Moita 171311 Sede - Escola Secundária da Moita	 Agrupamento de Escolas Moita
--	--	---

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DO PESSOAL DOCENTE
ANO LETIVO 2015/2016

FICHA DE REGISTO E AVALIAÇÃO

1. Identificação do avaliado					
Nome: Rui Miguel Cunha da Luz				Grupo de Recrutamento: 620	
C.C.: 11914503 0zz5			N.I.F.: 231533950		Código DGAE: 6534804204
Situação Profissional:		Escalão:	Docente de Carreira		Contratado X

2. Identificação do avaliador interno					
Nome: Vasco Manuel Bravo Godinho				Grupo de Recrutamento: 620	
Funções: Diretor		Coordenador(a) de departamento		Docente do grupo de recrutamento X	

3. Identificação do(a) avaliador(a) externo(a)					
Nome:				Grupo de Recrutamento:	
Funções: Diretor		Coordenador(a) de departamento		Docente do grupo de recrutamento	

4. Condições de Avaliação					
Com observação de aulas:			Sim:	Não: X	
Com recuperação de classificação:			Sim:	Não:	
Período em avaliação: De 01/09/2015 a 31/08/2016					
Situação Profissional:		Escalão:	Docente de Carreira		Contratado X
Assiduidade:		100% X	Entre 99,9% e 97%	Entre 96,9% e 95%	Menos de 95%
Projeto Docente:					
O docente entregou Projeto docente:			Sim	Não X	
Foi entregue dentro do prazo previsto na calendarização:			Sim	Não	
Enuncia o contributo do docente para a concretização dos objetivos/metasp do P.E.A.			Sim	Não	
Os objetivos estabelecidos enquadram-se no P.E.A.			Sim	Não	

ANÁLISE DO RELATÓRIO DE AUTOAVALIAÇÃO		Não	Sim
1	Respeita a formatação padrão (3pp ou 6pp; letra Arial 11; espaço 1,5)		X
2	Refere ações e atividades promovidas na C.L. e C.N.L./ P.A.A.		X
3	Analisa e reflete sobre os resultados obtidos		X
4	Refere o seu contributo para concretizar as metas e objetivos do P.E.A.		X
6	Faz referência à formação realizada e/ou a partilha dos conhecimentos e trabalho desenvolvido com seus pares		X
7	Reflete sobre a possibilidade de melhorar o seu desempenho no âmbito de novas metodologias e estratégias		X

GOVERNO DE
PORTUGALMINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAAgrupamento de Escolas da Moita
171311
Sede - Escola Secundária da MoitaAgrupamento
Escolas
Moita

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DO PESSOAL DOCENTE **ANO LETIVO 2015/2016**

FICHA DE REGISTO E AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOCENTE									
Dimensão/Parâmetros	Avaliador (a) Interno(a)					Observação de Aulas ⁽¹⁾			
	I	R	B	MB	E	Avaliador Externo	Recuperação de Classificação		
A. Dimensão: Científica e pedagógica									
Preparação, organização e concretização das atividades letivas				2,97		-----	-----		
Relação Pedagógica com os alunos				1,48					
Cumprimento do programa				1,48					
Conceção e planificação de estratégias adequadas aos diferentes alunos e contextos				1,48					
Planificação e realização das atividades previstas no P.A.A.				1,48					
Subtotais:	8,9								
Total A:	8,9								
B. Dimensão: Participação na vida da escola e relação com a comunidade									
Contributo para a realização dos objetivos e metas do P.E.A.: no âmbito do P.A.A.									
da participação nas estruturas educativas (Departamento, Conselho turma/docentes)						2,23			
no âmbito da C.L.						2,23			
no âmbito da C.N.L.						2,23			
Total B:	8,9								
C. Dimensão: Formação contínua e desenvolvimento profissional									
O número de horas de formação prevista na alínea c) do ponto 2 do Artigo 37.º do E.C.D. ⁽²⁾						4,45			
Reflexão e mobilização do conhecimento adquirido no seu desempenho						2,23			
Partilha dos conhecimentos adquiridos com os seus pares						2,23			
Total C:	8,9								
Total Final⁽³⁾: 5,34 + 1,78 + 1,78 = 8,9									

PROPOSTA DE AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO			
Proposta de avaliação do avaliador			
Classificação quantitativa	Menção qualitativa	Assinatura do avaliador interno	Data
8,9	Muito Bom		21/06/2016

AVALIAÇÃO FINAL DO DESEMPENHO			
Classificação quantitativa	Menção qualitativa	Assinatura do avaliador	Data
8,9	Muito Bom		6/7/2016
Comunicação da avaliação ao avaliado		Assinatura do avaliado	Data
Tomei conhecimento da avaliação de desempenho			06/07/2016

Anexo XVIII: Torneio escolar de Badminton



Fonte: Imagem captada no Agrupamento de Escolas da Moita (2016)

Anexo XVIII: Diversidade etária no Desporto Escolar de Badminton



Fonte: Imagem captada no Agrupamento de Escolas da Moita (2017)

Anexo XIX: Ficha de trabalho sobre o filme “A Turma”

Ficha de Trabalho sobre o filme “A Turma”

Trabalho elaborado na disciplina de Formação Cívica

Nome: _____ N.º _____ Data: _____

“A TURMA” retrata um ano de um professor e da sua turma numa escola de um bairro problemático de Paris, microcosmos da multietnicidade da população francesa, espelho dos contrastes multiculturais dos grandes centros urbanos de todo o mundo.



1. Quais os principais temas que encontramos na actual realidade escolar que identifica no filme?

2. Lê o excerto que se segue e refere qual achas que será a melhor forma de solucionar este problema por parte do professor.

...“Pedi a Kérouk, que lesse o extracto, ela respondeu que não lhe apetecia.

– Apetecia-te ou não, lê.

– Não vai obrigá-me a ler.

Chamé a atenção dos restantes: vinte e quatro.

– Que nome tem o que Kérouk, acaba de fazer?

– Insolência.

– Muito bem, Kevin. É verdade que estamos perante um especialista.

Kérouk começou a engolir as sílabas como sempre que se insurge, com um sorriso de través porque as amigas periféricas gracejavam. Na falta de melhor ideia, disse-lhe que ficasse na sala depois da aula”...

3. Cria uma frase em que expresses a mensagem que é transmitida ao longo do filme.

4. Efectua uma avaliação crítica pessoal do filme:

Fonte: Construção própria (2012)

Anexo XX: Ação de formação Tutorias Autorregulatórias

